

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Luiza Müller

O COMUNICÁVEL EM MICHEL FOUCAULT E O CLITÓRIS DA SERPENTE

Tese de Doutorado

Porto Alegre, agosto de 2024

CIP - Catalogação na Publicação

"Müller, Luiza
O Comunicável em Michel Foucault e o Clitóris da
Serpente / Luiza "Müller. -- 2024.
172 f.
Orientador: Bruno Bueno Pinto Leites.

Coorientador: Jamer Guterres de Mello.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Michel Foucault. 2. Comunicável. 3. Semiótica.
4. Gênero. 5. Epistemologia. I. Leites, Bruno Bueno
Pinto, orient. II. Mello, Jamer Guterres de,
coorient. III. Título.

Luiza Müller

O COMUNICÁVEL EM MICHEL FOUCAULT E O CLITÓRIS DA SERPENTE

Documento de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), como requisito à obtenção de grau de doutor em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva (*in memoriam*)

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leites

Coorientador: Prof. Dr. Jamer Mello

Porto Alegre

2024

Luiza Müller

O COMUNICÁVEL EM MICHEL FOUCAULT E O CLITÓRIS DA SERPENTE

Documento de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), como requisito à obtenção de grau de doutor em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva (*in memoriam*)

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leites

Coorientador: Prof. Dr. Jamer Mello

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Anabela Gradim (LABCOM/Universidade da Beira Interior/Portugal)

Prof.^a Dr.^a Joana Ziller (PPGCOM/UFGM)

Prof. Dr. André Araújo (FAPERGS)

Prof.^a Dr.^a Laura Wottrich (PPGCOM/UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Nísia Martins do Rosário (UFRGS, suplência)

*À memória dos meus orientadores nessa vida,
Carolina Müller e Alexandre Rocha da Silva*

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde realizei toda minha formação acadêmica e pude ter um ensino de excelência, público e gratuito. A todos os técnicos, professores e terceirizados, minha imensa gratidão. Especialmente, agradeço às professoras Nísia Martins do Rosário, Elisa Piedras, Miriam Rossini e Ana Gruszynski que, com palavras e gestos de incentivo, em momentos decisivos, me motivaram a seguir minha formação à luz dos seus exemplos.

À CAPES, agradeço o fomento financeiro que me permitiu o sustento durante toda a pós-graduação.

Obrigada também aos membros da banca pela leitura desta tese e ao professor Jose Luiz Braga, que participou da banca de qualificação e contribuiu grandemente para o trabalho.

Com muito carinho, também agradeço à Universidade da Beira Interior e ao LabCom, na pessoa da professora Anabela Gradim, que me acolheu durante o doutorado sanduíche e me permitiu uma estadia rica em experiências em Portugal. A saudade da Covilhã, das ruas sinuosas e íngremes, do horizonte bonito e das madrugadas escrevendo a qualificação na biblioteca 24h da UBI será sempre presente.

Ainda no âmbito do LabCom, agradeço ao colega investigador Branco de Fátima pela disponibilidade e socorro acadêmico nos momentos derradeiros da tese, com dicas valiosas para o recorte do corpus.

Os amigos Luana, Santin, Ramirinho, Vine, Rizzo, Sergio, Zanotta, Tiago, Beth, Ana, Ange, Sá e Thur têm minha gratidão para a vida. Mas no que diz respeito a esse último ciclo, tenho o dobro de carinho e cuidado para ser grata. Que passe o tempo e a gente fique, sempre, seja perto, longe, no Brasil, em Barcelona, por chamada de vídeo ou na beira-mar de Curumim.

Arthur, parece que as plantas na cabeça estão virando floresta (e povoada de cobras ainda por cima!). Obrigada por me acompanhar nesse plantio, desde a semente.

Às abelhinhas Mari Lealdino, Rita e Claudinha, agradeço pelos ouvidos, abraços, mensagens e conexão imensa.

Na Covilhã, além de um outro lar para sentir saudade, encontrei também corações preciosos. Em especial, Tharys e a Bárbara, obrigada pela amizade à primeira vista.

Compartilho a autoria desta tese (e não é por outro motivo que ela é escrita na primeira pessoa do plural) com todos os membros do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação, amigos de uma vida, compas com quem há anos nutro minha paixão pela pesquisa e pela sala de aula: André, Bruno, Cássio, Dani, Demas, Eduardo, Fil, Felipe, Gil, Gio, Gi, Gui, Belle, Jacque, Jamer, Jão, Júlia, Larissa, Lenu, Luis, Marcelo, Marinho, Rafael, Rodrigo, Shi, Taís, Tati, e Vic, obrigada por tudo.

Ao Bruno, que aceitou ser meu orientador num momento difícil para todos nós, um obrigada de todo o coração. Trabalhar contigo é aprender sobre respeito, cuidado, escuta e paciência. Obrigada pela orientação cheia de compreensão, por confiar nos meus tempos e processos e pelas trocas sempre muito generosas.

Em especial agradeço ao Lennon e ao João, migos cuja parceria, amizade, fofoca e afeto fizeram possível a travessia desse túnel; Ao Guilherme, por ter construído junto a experiência de sala de aula como um lugar de afeto e amizade; ao Marcelo por ser esse polo de magnetismo, condutor de energia social, motivador dessa trilha acadêmica; ao Cássio, maninho querido, por fazer tudo sempre mais leve e significativo; ao André, amigo de primeira hora, por fazer tudo sempre muito mais intenso e significativo; e Taís, Jacque e Dani pelo colo, esteio e presença em diferentes momentos, todos importantes, todos especiais.

Mãe e pai, cheguei aqui com um braço no ombro de cada um, firme no exemplo da dedicação, do esforço, do capricho, da disciplina, da fé e da confiança. Obrigada por priorizarem minha formação e por me ensinarem sobre a espiritualidade e a vida. Agradeço a Deus por nossa família.

Ao Laio, meu amor, meu companheiro da vida e das horas todas, eu poderia escrever outra tese inteira para agradecer. Mas, no lugar de dizer obrigada, faço o voto de poder sempre voltar para qualquer lugar que tu esteja e que, por encontrar tua risada e teu olhar, eu possa chamar de casa. Te amo.

À Ina, que foi doutora e professora para que eu soubesse que também podia ser, minha irmã, que, em vida, leu absolutamente tudo que escrevi, agradeço a presença, mesmo na ausência. Uma presença que me encoraja a seguir e viver muito e bem para, eventualmente, contar com alegria tudo que se passou no intervalo em que não estivemos juntas.

Alexandre assinava como *Ale*, fosse em emails ou mensagens de celular. Mas, mesmo me permitindo essa intimidade, sempre o chamei *professor*. Me orgulhava muito colocá-lo nesse papel e era assim que o apresentava – meu professor. Assim, escrevo aqui o que gostaria muito de poder dizer ao vivo, em uma mesa de bar ou na mesinha redonda do gabinete (onde, em 2010, ele me alcançou uma cópia de *A Arqueologia do Saber* e essa história toda começou). Gostaria de poder responder às palavras sinceras de incentivo que eu certamente receberia nesse momento de fechamento de ciclo e saber o que futuro me reserva (porque ele sempre sabia). Não diria muito, pois qualquer coisa seria pouco, mas responderia o necessário: Obrigada por tudo, professor.

*Sempre fazemos amor ou guerra à maneira de
nossa época, a menos que sejamos inventivos.*

Paul Veyne

*Ora, a serpente era a mais astuta de todos os
animais do campo que o Senhor Deus tinha feito.*

Gênesis 3:1

RESUMO

A presente tese de doutorado apresenta o conceito de Comunicável, identificado na obra do filósofo francês Michel Foucault, elaborado a partir de elementos da fase arqueológica de sua obra, e aqui sistematizado para o Campo da Comunicação. Tal conceito descreve um estágio arqueológico fronteiro, localizado no limiar de um novo arquivo, no qual as transformações epistêmicas, as estruturas de visibilidade, os regimes de dizibilidade e os registros de memória confluem para estabelecer as condições de possibilidade necessárias para que um objeto discursivo se materialize e ganhe lugar nas arenas sociais e em suas trocas simbólicas. A pesquisa estrutura-se considerando três objetivos principais: 1) mapear as formulações foucaultianas relacionadas à Comunicação; 2) formalizar o Comunicável enquanto conceito e ferramenta heurística para os estudos de Comunicação e Semiótica; e 3) testar sua aplicabilidade analítica usando como estudo de caso o advento científico do clitóris das serpentes. A tese explora como a ciência e outros saberes se reorganizam epistemicamente, utilizando o hemiclitéris, como é chamado, para ilustrar os processos a partir dos quais novos objetos discursivos emergem e se estabelecem. Metodologicamente, a pesquisa utiliza a revisão bibliográfica sistemática para investigar o uso que o Campo da Comunicação faz do autor para, em seguida, operar uma leitura interessada da obra de Foucault, focando nas quatro principais obras do período arqueológico (1961-1969) e mapeando as menções do autor à comunicação. As citações relevantes foram tabuladas e analisadas para evidenciar as relações estabelecidas com a comunicação e seus conceitos correlatos. A análise dessas tabelas dá a ver a sistematização do Comunicável e as suas cinco categorias de análise crítica: indiferenciação, estrutura de visibilidade, registro de memória, rompimento epistêmico e jogo de trocas. O exercício heurístico do clitóris ratifica a aplicabilidade das categorias e sua funcionalidade analítica. Além disso, a partir da análise, evidenciamos a descontinuidade, na ciência, de uma clitoridectomia discursiva da modernidade, apontando para um potencial rompimento epistêmico, além de dar a ver o impacto arqueológico da presença de mulheres no espaço de sujeito enunciativo – desestabilizando e reorganizando as estruturas de visibilidade que dão forma ao clitóris como objeto de saber.

Palavras-chave: Michel Foucault; Comunicável; Semiótica; Clitéris; Gênero; Epistemologia.

ABSTRACT

This doctoral thesis presents the concept of the Communicable, identified in the work of the French philosopher Michel Foucault, elaborated from elements of the archaeological phase of his work, and here systematized for the field of study of Communication. This concept consists of a borderline archaeological stage, located on the threshold of a new archive, in which epistemic transformations, structures of visibility, regimes of sayability and memory records converge to establish the conditions of possibility necessary for a discursive object to materialize and gain a place in social arenas and in their symbolic exchanges. The research is structured considering three main objectives: 1) to map Foucault's formulations related to Communication; 2) to formalize the Communicable as a concept and heuristic tool for the studies of Communication and Semiotics; and 3) to test its analytical applicability using as a case study the scientific advent of the clitoris of snakes. The thesis explores how science and other knowledge are epistemically reorganized, using the hemiclitoris, as it is called, to illustrate the processes from which new discursive objects emerge and establish themselves. Methodologically, the research uses a systematic bibliographic review to investigate the use that the Field of Communication makes of the author and then conducts an interested reading of Foucault's work, focusing on the four main works of the archaeological period (1961-1969) and mapping the author's mentions of communication. The relevant citations were tabulated and analyzed to highlight the relationships established with Communication and its related concepts. The analysis of these tables reveals the systematization of the Communicable and its five categories of critical analysis: undifferentiation, structure of visibility, memory record, epistemic rupture and game of exchanges. The heuristic exercise of the clitoris ratifies the applicability of the categories and their analytical functionality. Furthermore, the analysis highlights the discontinuity in science of a discursive clitoridectomy of modernity, pointing to a potential epistemic rupture, in addition to revealing the archaeological impact of the presence of women in the space of the enunciating subject – destabilizing and reorganizing the structures of visibility that shape the clitoris as an object of knowledge.

Keywords: Michel Foucault; Communicable; Semiotics; Clitoris; Gender; Epistemology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Diagramas de Kobelt..... | 123 |
| Figura 2 – Imagem de ressonância magnética em plano axial do clitóris..... | 125 |
| Figura 3 – Visão frontal de dissecação de um clitóris..... | 132 |
| Figura 4 – Histologia do hemiclitéris e glândulas odoríferas..... | 134 |
| Figura 5 – Macroanatomia dos hemiclitéris e glândulas odoríferas de cobras em fêmeas maduras..... | 135 |
| Figura 6 – Diagrama de sistema genital feminino em material didático..... | 137 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Trabalhos apresentados na Compós e na Intercom que abordam ou tangenciam o tema dispositivo..... | 34 |
| Tabela 2 – Trabalhos apresentados na Compós e na Intercom que têm por foco a epistemologia da comunicação sob a perspectiva foucaultiana | 37 |
| Tabela 3 – Trabalhos apresentados na Intercom que têm como tema o tensionamento da teoria foucaultiana com outros teóricos..... | 41 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. Introdução | 16 |
| 1.1. A escolha pela Arqueologia e uma semiótica que não diz seu nome..... | 21 |
| 1.2. Estratégias metodológicas..... | 23 |
| 2. Comunicação e Arqueologia..... | 29 |
| 2.1. Um mapa Foucaultiano para a Comunicação | 29 |
| 2.1.1. <i>Eventos Nacionais de Pesquisa Acadêmica em Comunicação</i> | 33 |
| 2.1.2. <i>Banco de teses e dissertações da Capes</i> | 42 |
| 2.1.3. <i>Por caminhos úteis e errantes</i> | 43 |
| 2.2. A Arqueologia pela bússola da Comunicação..... | 44 |
| 2.2.1. <i>A comunicação tematizada na fase arqueológica</i> | 45 |
| 2.2.2. <i>A comunicação das epistemes</i> | 57 |
| 2.2.3. <i>A comunicação e as discontinuidades epistêmicas</i> | 77 |
| 3. O Comunicável..... | 79 |
| 3.1. O regime dos objetos e os espaços de fronteira | 81 |
| 3.2. O arquivo é a lei do que pode ser dito: o Comunicável, o seu prelúdio | 84 |
| 3.3. Torna-se comunicável – uma análise da arqueologia da loucura..... | 89 |
| 3.4. Categorias de análise crítica do Comunicável | 95 |
| 3.4.1. <i>Indiferenciação</i> | 98 |
| 3.4.2. <i>Estruturas do visível</i> | 100 |
| 3.4.3. <i>Registros de memória</i> | 103 |
| 3.4.4. <i>Rompimento epistêmico</i> | 103 |
| 3.4.5. <i>Jogos de Trocas</i> | 105 |
| 4. O Clitóris da Serpente | 108 |
| 4.1. Indiferenciação – Entre instabilidade, confusão e viés masculino | 117 |
| 4.2. Estrutura do visível – Uma tecnologia para encontrar o clitóris..... | 127 |
| 4.3. Registro de memória – preencher o espaço que falta | 142 |
| 4.4. Rompimento Epistêmico – o prazer como critério de escolha feminina e o rompimento com a clitoridectomia discursiva..... | 145 |

| | |
|--|------------|
| 4.5. Jogo de trocas – entre o absurdo, o óbvio e a tendência | 152 |
| 5. Considerações finais..... | 158 |
| 6. Referências Bibliográficas..... | 165 |

1. Introdução

“Não é fácil dizer alguma coisa nova” - a afirmação de Michel Foucault (2020b, p. 54) se insere como uma importante constatação na obra *Arqueologia do Saber*, publicada em 1969 e que encerra o que se costuma chamar de fase arqueológica do autor. Mas, que interdição ao novo é essa, sobre a qual escreve o filósofo? Não se trata de censura, pois como defenderia no primeiro volume de *História da Sexualidade*, publicado em 1976, assuntos circunscritos aos muros rígidos dos tabus nada mais fazem do que proliferar discursos a seu respeito – os mesmos elementos que buscam esconder são os que fazem ver, que delineiam o objeto sob os contornos e o detalhamento do proibido e do curioso. Nesse sentido, o espaço do confessionário, como problematizado na mencionada obra, por entre as sombras do oculto, fazia iluminadas e multiplicava as minúcias das práticas sexuais durante as confissões feitas pelo pecador e confiadas aos ouvidos do padre (Foucault, 1985).

A constatação foucaultiana também não referencia a raridade das descobertas científicas e o trabalho árduo de pesquisadores em perscrutar um campo específico na busca pela novidade que leva ao desenvolvimento intelectual e tecnológico. Da mesma maneira, não deseja endereçar o esforço criativo de escritores em inovações literárias e artísticas enquanto ato de algum gênio criador, assim como não são seu tema as notícias sofridas ou as verdades doídas, cuja dificuldade de anunciar são da natureza da vida. Já a dificuldade de enunciar algo diferente, algo que desvie de tudo que foi dito até o presente é de outra ordem, pois as coisas não preexistem a si mesmas, retidas “[...] por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe[m] sob as condições positivas de um feixe complexo de relações” (Foucault, 2020b, p. 54-5). O interdito a que se refere o francês é, na verdade, o impensável e o incomunicável de uma determinada época. Por isso, para identificarmos o novo no seu estado de potência, é preciso que nos desloquemos para uma região privilegiada: “[...] próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade” (Foucault, 2020b, p. 160), o Comunicável.

Foi Bill o primeiro a me falar da famosa doença, talvez em 1981. Voltava dos Estados Unidos, onde tinha lido, numa publicação especializada, os primeiros relatórios clínicos dessa morte particularmente engendradora. Era o primeiro a evocá-la como um mistério, com realidade e ceticismo. Bill era o diretor de um grande laboratório farmacêutico produtor de vacinas. Jantando sozinho com Muzil, contei-lhe logo no dia seguinte o alarme divulgado por Bill. Ele chegou a cair do sofá, contorcendo-se

num acesso de riso: “Um câncer que só atingiria os homossexuais, não, é muito bonito para ser verdade, é de morrer de rir!” (Guibert, 1995, p. 14-5).

A “morte particularmente engendrada”, sobre a qual conta Hervé Guibert em seu livro de autoficção, já corria latente na corrente sanguínea de Muzil (pseudônimo dado pelo autor ao amigo Michel Foucault, cujas últimas horas de vida são narradas na obra *Para o amigo que não me salvou a vida*, que viria a ser publicada em 1990) antes mesmo de poder ser nomeada pela ciência, no momento histórico em que “câncer gay” era sua preconceituosa alcunha e quando a lógica fazia de sua possível existência algo risível. O trecho se destaca não por um potencial negacionismo por parte de Foucault, ou a desconfiança cética da ciência farmacêutica de Bill, ou mesmo a preocupação de Guibert, mas a impossibilidade epistêmica da comunicabilidade da doença. Mais que isso, pouco importam Bill, Muzil-Foucault ou mesmo o autor do livro, mas sim aquilo que, em 1981, ainda não era possível comunicar. Uma doença que emergia não como uma verdade oculta à espera de ser revelada por uma descoberta científica, mas como um novo objeto discursivo: já distante do que não era mais possível conhecer, por isso longe de sua negatividade, mas igualmente afastado de uma prática discursiva instituída. Aos poucos, a Aids fazia-se comunicável.

Porém o que faz algo emergir das sombras da incomunicabilidade e ganhar contornos iluminados no alvorecer da positividade das coisas conhecidas? Que relações são estabelecidas e que condições históricas são necessárias para que algo venha a ser objeto de discursos? Em outras palavras, por quais caminhos e através de quais processos algo vem a se tornar comunicável? Não há, de fato, uma fórmula que possa responder a tais questões, há sim processualidades e historicidades que desenham equações próprias a cada atualização do Comunicável.

O novo demanda uma reorganização do que Foucault denomina de regimes de visibilidade e dizibilidade, ou seja, o que é possível comunicar e que, comunicado, pode ser visto, ouvido, percebido, enunciado e reproduzido. Todavia, a reconfiguração de dizíveis e visíveis não depende apenas de grandes irrupções, como foi o caso da Aids, causada por um vírus surgido de uma mutação e, portanto, completamente novo em sua existência e, em razão disso, desconhecido da ciência. A matéria dos saberes pode se reorganizar e reconfigurar também os

corpos já existentes. Nessa esteira, em dezembro de 2022 é publicado um estudo sobre a morfologia dos órgãos sexuais das cobras (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022), intitulado *First evidence of hemiclitoris in snakes* que, em tradução livre, se lê “Primeira evidência de hemiclitoris em cobras”. Hemiclitoris é o nome dado ao clitóris das serpentes e o artigo em questão contém a primeira vez que sua presença é descrita e detalhada. O pênis do mesmo réptil, em contrapartida, é estudado em profundidade há quase dois séculos. “Estudos semelhantes de hemiclitoris de fêmeas são raros e, de fato, muitas vezes assume-se que o clitóris é vestigial [...]” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, *tradução nossa*). Em entrevista a imprensa, Megan Folwell (*apud* Goodyear, 2022) acrescenta que, mesmo surpresa que o clitóris da serpente ainda não tivesse sido encontrado, esta é uma ocorrência comum em todo o reino animal, ou seja, que a genitália das fêmeas seja, de maneira geral, pouco estudada.

Mas como pode um órgão tão evidente não ser encontrado e, estando aparente, não ser visto? Sobre isso, Iaci Jara (2019, p. 39) pondera que “as condições de enunciabilidade alteraram as perguntas que passaram a nortear as pesquisas”. Ou seja, a ciência, assim como qualquer outro saber, também está sob a regência das condições de possibilidade de sua época. Tal ocorrência com os répteis tensiona o silêncio em torno do clitóris também da mulher. Helen O’Connell, cientista australiana assim como Folwell, foi a primeira a descrever a estrutura completa do clitóris humano como é conhecido hoje, em um estudo publicado em 2005.

O livro de anatomia no qual estudamos para ser cirurgiões era inadequado. Flagrantemente errado. Isso me deu uma pista de que poderia haver um problema maior. E provei que havia. Muitos livros, também textos ginecológicos, a maioria da literatura médica moderna, apresentavam erros ou imprecisões. A *Anatomia de Gray*, uma espécie de Bíblia para nós, era francamente inexata. Afirmava que o clitóris é como o órgão masculino, apenas menor e não o descrevia. (*apud* Alfageme, 2020, s/p.)

Considerando tais reflexões, nossa investigação se guia pelos seguintes problemas de pesquisa: Em que se configura o Comunicável na obra de Michel Foucault? Que conceitos são por ele mobilizados para a definição do Comunicável e como essa rede conceitual compõe uma tese potente e contemporânea para a Comunicação e a Semiótica? Por fim, como pode ser descrito o Comunicável do clitóris das serpentes e que contribuições sua análise traz para a compreensão do conceito?

O termo *Comunicável* aparece no texto foucaultiano na obra *História da Loucura*, que é o primeiro livro publicado na fase arqueológica do autor (além de ser a sua tese doutoral) e tem como objeto de análise o hospital parisiense *Pitié-Salpêtrière*, o mesmo no qual Foucault, ao fim da vida, seria internado e morreria vítima da Aids. A obra em questão descreve o processo através do qual a loucura se torna comunicável na Modernidade.

Desdobrada pelo internamento em sua verdade, instalada no tempo das crônicas e da história, despojada de tudo que podia tornar irreduzível a presença profunda do desatino, a loucura, assim desarmada, pode entrar sem perigo no jogo das trocas. *Ela se torna comunicável* (Foucault, 2019, p. 453, grifo nosso).

O Comunicável é, portanto, um estágio arqueológico no qual as transformações epistêmicas, as estruturas de visibilidade, os regimes de dizibilidade e os registros de memória confluem para estabelecer as condições de possibilidade necessárias para que um objeto discursivo ganhe espaço nas arenas sociais e se faça objeto nas trocas simbólicas, no “jogo das trocas”, como denomina Foucault. Logo, a loucura, conforme o filósofo, fez-se comunicável apenas quando encontrou, na Era Moderna, a episteme que a produziu; no espaço do internamento, o lugar de expressão de sua verdade; na psiquiatria, o seu discurso definidor; e nos diários de asilo (relatórios e registros feitos sobre os internados), a materialidade que a registrou no tempo e na história. Ou seja, um processo longo e com diversas variantes. Assim, além de *qualidade de um objeto de saber* e de *estágio arqueológico*, compreendemos o Comunicável como uma *fronteira*, cuja transitoriedade manifesta um espaço de complexa transformação. Essa fronteira tem lugar no limiar de existência do arquivo, que pode ser identificado no “[...] corte que nos separa do que não podemos mais dizer e do que fica fora de nossa prática discursiva” (Foucault, 2020b, p. 160), ou seja, o Comunicável nasce em uma descontinuidade histórico-epistêmica. É nesse espaço potente de possibilidades que os discursos materializam corpos e objetos, transformando-os ou trazendo-os à exterioridade pela primeira vez.

Dessa forma, os objetivos da presente tese consistem em: 1) analisar a obra de Michel Foucault em sua fase arqueológica, de modo a mapear e sistematizar os conceitos por ele mobilizados em torno da comunicação; 2) Nesse contexto, tomar a questão do Comunicável como cerne da análise, descrevendo-o enquanto conceito e instrumentalizando-o como ferramenta heurística a partir da criação de categorias de análise crítica. Assim, buscamos

atualizá-lo para os estudos contemporâneos de Comunicação e Semiótica; 3) De modo a mapear estratégias e entradas na obra do filósofo, realizar uma revisão sistemática da produção acadêmica do Campo da Comunicação em busca dos usos e apropriações realizadas por nossos pares; 4) Por fim, para testar a aplicabilidade analítica do Comunicável, seus limites e sua produtividade, tomar o advento do clitóris da serpente como um problema propriamente semiótico e comunicacional e utilizá-lo como objeto de investigação a partir das categorias de análise crítica do Comunicável.

Logo, se a mitologia bíblica conta a história da cobra que, como animal mais esperto e inteligente do Jardim do Éden, propôs à primeira mulher humana que provasse de um fruto proibido por Deus, também nós recebemos um chamado similar. A escolha da mulher de Adão é conhecida amplamente na tradição religiosa e na sabedoria popular e, à maneira de Eva, também aceitamos o convite da serpente para provar da árvore do conhecimento. Em nosso caso, todavia, mais do que um chamado astuto de entrega à tentação da curiosidade, como conta a anedota do Velho Testamento, a serpente nos convida simplesmente a vê-la na promessa de saber mais e melhor – algo que, apesar de não ser proibido por ninguém, nem na terra e nem nos céus, tem sido uma experiência complexa e mutável ao longo do tempo. Isso porque há porções do corpo das cobras que permaneceram invisíveis até os nossos dias. Hoje, porém, as cientistas, a partir de seus registros em fotos, textos e declarações, afirmam e materializam novas porções dessa anatomia que culminam na existência de um clitóris nas serpentes – um indício de prazer no animal que, folcloricamente, é signo do desejo. Para nós, todavia, o clitóris da serpente é antes o signo de um profundo estranhamento: Por que só agora e por que depois de tanto tempo tal órgão tornou-se visível aos olhos das pesquisadoras? Os caminhos que levaram a essa exterioridade e à desestabilização nos regimes de visibilidade e dizibilidade causada por esse pequeno órgão, não só nas cobras, mas também no histórico de outras espécies, são investigados nesta tese tendo por estratégia as escolhas teórico-metodológicas conforme detalhamos nas seções a seguir.

1.1. A escolha pela Arqueologia e uma semiótica que não diz seu nome

A filosofia foucaultiana tem por caráter uma perene crítica de si mesma. Tal qualidade não é apenas a consequência de um pressuposto da contingência da historicidade radical formulada por Michel Foucault, mas é também esteio do seu percurso teórico. Essa característica origina uma espécie de crítica cética, na qual se investe sobre as verdades efêmeras apenas para que se multipliquem as questões, fazendo-as render na produção de novos problemas. Nesse sentido, Richard Rorty (1988, p. 286) enquadra Michel Foucault na categoria dos filósofos edificantes, aqueles intencionalmente periféricos, que “[...] destroem para o bem de sua própria geração”. Ou seja, opõem-se frontalmente aos demais, os filósofos sistemáticos, cujas obras são construtivas e acumulativas.

Fosse esse o caso de Foucault, a presente proposta de tese – realizar uma leitura interessada da sua obra a partir do centramento da comunicação, com foco no Comunicável e seus processos – seria potencialmente impraticável no espaço de uma vida, visto que, “Se Foucault tivesse se ocupado em construir um sistema filosófico, teríamos de examinar os diferentes pedaços do sistema para compreendê-lo e, depois, ‘usá-lo’” (Veiga-Neto, 1996, p. 137). Ao contrário, a trajetória de Foucault evidencia seu rompimento consigo mesmo, como ele mesmo reitera: “Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que você era no início” (Foucault, 2004, p. 294).

Um nome possível para tal crítica da crítica é o conceito que o próprio autor identifica como elemento que corta sua produção desde o início e que caminha de mãos dadas com a descontinuidade: a problematização.

[...] a noção que unifica os estudos que realizei desde a *História da Loucura* é a da problematização, embora eu não a tivesse ainda isolado suficientemente. Mas sempre se chega ao essencial retrocedendo: as coisas mais gerais são as que aparecem em último lugar. É o preço e a recompensa de qualquer trabalho em que as articulações teóricas são elaboradas a partir de um certo campo empírico (Foucault, 2010, p. 242).

Desde *História da Loucura*, portanto, os Foucaults têm se multiplicado e, legado de sua filosofia, novos seguem a ser produzidos. Aqui mesmo, a partir do que evidenciam as descontinuidades e através da prática problematizadora, gestamos esta tese na expectativa de

parir um Foucault teórico da Comunicação. Para isso, nosso recorte é o que os comentadores têm por hábito chamar de fase arqueológica, perpassando as principais obras de 1961 a 1969. Tal recorte foi eleito, principalmente, por conter formulações que tratam largamente do saber e, por isso, de elementos pertinentes ao Comunicável, como os regimes de visibilidade e dizibilidade, as epistemes, o arquivo, o objeto e as formações discursivas. Contudo, textos de outras fases do autor também são consultados e utilizados de modo a fornecer contribuições pontuais, conforme necessidade do processo da pesquisa. Da mesma maneira, invocamos comentadores e autores que escrevem a partir de Foucault, como Gilles Deleuze, Paul Preciado, Donna Haraway e Roberto Machado, de modo que contribuam na tarefa de dar forma a esse Foucault do Campo da Comunicação.

Além disso, cabe ressaltar que esta pesquisa integra o espectro da Semiótica Crítica, que consiste em um tipo de “semiótica que não diz seu nome” (Gpesc, 2020, p. 13), inscrita nas obras de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Bruno Latour e, claro, de Michel Foucault. Por conseguinte, este trabalho também decorre de um pensamento de grupo, a partir do qual tomamos como premissa a existência de um projeto não anunciado de Foucault para a Comunicação, que a Semiótica Crítica tem por tarefa explicitar, e que aqui é abordado dentro das fronteiras do Comunicável e seus processos.

O livro *Semiótica Crítica e as Materialidades da Comunicação*, de escrita coletiva e publicado pelo Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação – Gpesc, em 2020, abre tais caminhos situando Michel Foucault como inspiração para um dos seus três fundamentos, os regimes de visibilidade e dizibilidade. Os outros dois fundamentos consistem na zeroidade (com base em Charles Sanders Peirce e Gilles Deleuze) e na compreensão maquínica da questão da significação (considerando um deslocamento realizado por Deleuze e Félix Guattari da semiótica de Louis Hjelmslev). Na referida obra, destacamos como as relações estabelecidas entre visíveis e enunciáveis são oriundas de combinações e agenciamentos dos meios, seus ambientes e contra-ambientes, os quais são o desenho do que se pode ou não falar, pensar e ver em uma determinada época. Nesse sentido, a Semiótica Crítica caracteriza a teoria foucaultiana como agente transformador do pensamento estrutural-semiótico ao longo do século XX, tendo grande pertinência até os dias de hoje.

Tal diagonal é o que buscamos com esse trabalho, operando um traçado da obra foucaultiana à Comunicação. Para isso, no que diz respeito à metodologia, cada objetivo desta tese apresenta seu desafio. Assim, traçamos diferentes estratégias, as quais descreveremos a seguir.

1.2. Estratégias metodológicas

Em nosso primeiro capítulo, intitulado *Comunicação e Arqueologia*, partimos de uma revisão bibliográfica sistemática de teses e dissertações, assim como de artigos apresentados nos principais eventos acadêmicos da área, cujas investigações convocam Michel Foucault para debates epistemológicos e desenvolvimento teórico em prol do pensamento comunicacional. Assim, investigamos como nossos pares operam com o arcabouço conceitual do autor e que pontes produzem com a sua obra. Foram analisados os trabalhos publicados em anais na Compós e na Intercom, assim como buscamos por pesquisas disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como palavras-chave FOUCAULT e COMUNICAÇÃO, tendo como recorte temporal o período de 2000 a 2022. Como resultado, aferimos que as principais articulações são feitas ao redor do conceito de *Dispositivo*, a partir de *aproximações e tensionamentos* com outros teóricos e em *debates epistemológicos*. Além disso, foi possível perceber que, diante da ausência de textos do filósofo que discutam diretamente a comunicação, os pesquisadores buscam instrumentalizar o arcabouço teórico e metodológico de Foucault de maneira inventiva, criando conexões e torções em sua filosofia. Tal análise nos possibilitou identificar as melhores estratégias para abordagem da sua literatura enquanto objeto analítico, auxiliando a delimitar a metodologia para a seção seguinte.

Ainda no primeiro capítulo, portanto, passamos a uma leitura dos textos foucaultianos tendo por objetivo reorganizá-los a partir da centralização da comunicação. Nesse contexto, nosso corpus consistiu nas quatro principais obras de um mesmo período elucubrativo do autor, no qual ele se dedicou à sistematização de uma Arqueologia das formações discursivas. As obras são: *História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*. Dessa forma, e considerando o objetivo desta tese, evitamos uma profusão incontornável de conceitos e abordagens e permitimos que o trabalho seja exequível em 4 anos.

Isso porque escrevemos considerando a impermanência que é característica do autor. Tal movimento de constante construção e desconstrução é uma “[...] reviravolta que está sempre presente em Foucault [...] os termos são, portanto, produzidos, fixados, depois reexaminados e abandonados, modificados ou ampliados num movimento contínuo de retomada e de deslocamento” (Revel, 2005, p. 8).

Cabe destacar que parte da estratégia metodológica que aqui aplicamos vem sendo desenvolvida no âmbito do Gpesc, em seu núcleo de Semiótica Crítica (fundado por Alexandre Rocha da Silva e, hoje, coordenado por Bruno Leites). Duas teses de caráter análogo foram defendidas nos últimos quatro anos, uma com foco na obra de Gilles Deleuze (Araújo, 2020) e outra na de Gilbert Simondon (Pereira, 2021). Aqui, a partir de adaptações próprias ao objetivo da seção, intitulada *A Arqueologia pela Bússola da Comunicação*, atuamos a partir de três etapas: a) Leitura interessada, b) Tabulação e c) Análise das tabelas.

O que chamamos de Leitura Interessada ocorre à maneira de uma varredura atenta de cada obra que compõe o corpus, extraindo todas as citações que contenham palavras com o radical *comunic*, tais como “comunicação”, “comunicar”, “comunicável”, “comunicado” etc. Outras possíveis relações que o autor promova com o processo comunicacional, mesmo sem a presença do termo, também são destacadas. Em seguida, as citações são alocadas em tabelas (uma para cada obra) e, considerando as relações que estabelecem entre si, organizadas em abas.

A Leitura Interessada, como descreve André Araújo (2020, p. 13) em sua tese *Deleuze e o Problema da Comunicação*, consiste em uma leitura enviesada: “Trata-se, de saída, de uma proposta de leitura enviesada, de centralizar e guiar a leitura a partir de uma figura que é notoriamente descentrada”. Assim, exercitando a metodologia de Araújo, que leu Gilles Deleuze a partir de um conceito periférico para o autor – a comunicação – tomamos o mesmo termo para uma leitura interessada da obra Foucaultiana, arriscando-nos neste pensar, como reflete Araújo (2020, p. 13):

Nossa proposta parece modesta e arriscada na mesma medida. Modesta, pois trata-se de abordar a obra de um autor, Gilles Deleuze, a partir de um viés, buscar as referências que faz à comunicação. Arriscada, no sentido em que é preciso realizar uma leitura que coloque no centro das preocupações um tema que o próprio autor não elencou como um de seus interesses principais.

Assim, à maneira da própria Arqueologia, trata-se de uma leitura visando um movimento de descrição e reescrita, o que ocorre tomando as problematizações do autor a partir da comunicação, evidenciando suas definições e reflexões.

Neste processo, identificamos 106 citações presentes nas quatro obras: 50 em *História da Loucura*, 26 em *O Nascimento da Clínica*, 24 em *As Palavras e As Coisas* e 6 em *A Arqueologia do Saber*. Após o tabulamento das citações, partimos para uma crítica propositiva na análise, que consiste em evidenciar as relações que o autor estabelece com a comunicação e o que entende por ela. Para isso, analisamos cada citação coletada a partir de quatro questões: O trecho apresenta uma definição do termo? Se sim, qual? Quais são os conceitos mobilizados nesta citação? Quais desses conceitos são pertinentes à comunicação? Qual o tema da citação?

A partir de tal análise, aferimos que seis das 106 citações apresentam algum tipo de descrição objetiva do termo destacado: cinco delas referem-se à comunicação orgânica, cujos conceitos mobilizados são pouco pertinentes à comunicação, apesar de contribuírem para o entendimento dos sentidos atribuídos por Foucault a ela; uma delas, todavia, conta com a explicação do processo do *Comunicável*, tendo a loucura como tema. Tal citação dá base para as principais reflexões de nossa pesquisa.

As demais 100 citações, mesmo não apresentando descrições explícitas, contribuem com sinônimos e equivalências que também ajudam a pensar nossa temática, além de contribuir com o diagnóstico de uma miríade de conceitos relevantes para o trabalho, tais como a positividade, o *a priori histórico*, o objeto, o discurso, a linguagem, o saber, a ciência, as regiões de verdade, o arquivo, o olhar, entre outros. Os sentidos de transmissão, pedagogia e contágio que o autor atribui à comunicação, assim como as definições de comunicação que subjazem às epistemes estudadas por Foucault (2016) advém da análise dessa fração maior de citações e da sistematização que empreendemos a partir delas. Assim, logramos identificar a comunicação pela semelhança, na episteme renascentista, a comunicação pelo encontro na episteme clássica e, por fim, uma comunicação através do espaço vivido, na Modernidade.

Tomando os resultados dessa mesma metodologia de análise, passamos a operar relações entre a nuvem de conceitos que, conforme nossa análise das tabelas, circundam a comunicação para, no terceiro capítulo, intitulado *O Comunicável*, sistematizar o conceito que dá nome e

propósito à presente tese. Para isso, primeiramente caracterizamos os objetos discursivos como projetos desse espaço fronteiro e de transformação, além de elucidar o arquivo e suas principais características para melhor compreender o seu limiar. Em seguida, de maneira a explicitar os seus estágios e elaborar fundamentos de análise crítica que pudessem operar como uma ferramenta heurística para o Campo, empreendemos uma análise da análise: escrutinamos a investigação que Foucault faz da história da loucura, extraindo o passo a passo do seu processo de tornar-se comunicável, conforme os termos utilizados pelo autor, porém elaborando a partir deles. Dessa forma, tais categorias são, também, parte dos resultados da tese.

Assim, foram estruturadas cinco categorias de análise: 1) *A indiferenciação*, que visa descrever o processo de homogeneização agenciado pelo arquivo previamente à sua descontinuidade; 2) *A estrutura de visibilidade*, cujo propósito é identificar o novo regime de visibilidade que está a se instaurar, expresso em tecnologias (estratégias e técnicas) e práticas discursivas; 3) *O registro de memória*, passo em que se busca identificar de que maneira o novo objeto ou fenômeno se sedimenta em registros materiais, seus meios, formatos e sua replicabilidade; 4) *O rompimento epistêmico*, que, de maneira central, tem por mister observar quebras e descontinuidades discursivas que possam apontar para um rompimento epistêmico (novo ou em transcurso); 5) E, por fim, *o jogo de trocas*, categoria a qual cabe debruçar-se nas mais variadas expressões comunicativas em busca de regras de formação análogas, as quais Foucault chama de isomorfismos arqueológicos, estabelecendo correlações que evidenciem as regras do novo arquivo que está a se instaurar.

No quarto e último capítulo, intitulado *O clitóris da serpente*, de modo a mobilizar o conceito recém sistematizado, evidenciando suas potencialidades e sua aplicabilidade analítica, realizamos um exercício heurístico para experimentar e aprofundar o entendimento do Comunicável e seus processos. Como objeto desse exercício, tomamos a recente descoberta científica do hemiclitéris da cobra em vistas de problematizar tal atualização do Comunicável em suas particularidades. O clitóris das cobras, como expressão específica das leis de um arquivo, apresenta elementos pertinentes para o debate acerca da genitália feminina também em outras espécies. Foucaultianamente, portanto, partimos do detalhe para refletir sobre um todo arqueológico.

Escondido durante muito tempo, desprovido de nome e representação artística, ausente nos tratados médicos, muitas vezes ignorado pelas próprias mulheres, o clitóris teve durante séculos apenas uma existência escrupulosa, no sentido primitivo do termo, aquele grão que perturba o andar e atormenta. A etimologia vacilante do termo permite que sua morfologia seja colocada entre o “monte” (kleitoris) e o “fechamento” (kleidos). Clitóris: aquele segredinho inchado que persiste, resiste, assedia a consciência e machuca o calcanhar, é o de um órgão, o único, que só serve para o prazer e, portanto, “para nada” (Malabou, 2021, p. 6, tradução nossa).

Considerando que o arquivo é, justamente, o que transforma enunciados em acontecimentos e coisas, tomamos o desafio de compor um corpus que, do detalhe e das especificidades, possa conduzir à problematização geral do clitóris a partir do Comunicável. Para isso, selecionamos para análise as revisões de literatura prévias à descoberta científica do hemiclitóris da serpente e o artigo em que sua existência foi enunciada e detalhada. Ademais, mapeamos notícias e reportagens jornalísticas que repercutiram esse anúncio, optando por conteúdo online e em formato textual. Para selecioná-los, utilizamos o mecanismo avançado de busca do Google, com as combinações de palavras-chaves “Clitoris + Snakes” e “Clitóris + Cobras”. A partir do conjunto de resultados, selecionamos manualmente um total de 18 notícias, tendo por critérios para o recorte: 1) conteúdo original, ou seja, que não configurasse em uma republicação de outros veículos ou de agências de notícias (o que acabou por eliminar a maior parte das publicações em português); 2) material divulgado no mesmo mês da publicação do artigo científico; 3) publicações de veículos que mantenham um arquivo aberto de conteúdo. Por fim, literatura sobre o clitóris de outros animais, assim como estudos que tangenciam a temática, também foram considerados e utilizados quando pertinentes.

No processo de análise do mencionado corpus nos deparamos com enunciados fundados em paradigmas próprios das ciências biológicas, assim como termos e classificações tais como “macho”, “fêmea”, “feminino” e “masculino”. De largada, cabe-nos apontar que tais categorizações atribuídas aos animais (humanos ou não) não são entendidas aqui como naturais, mas, semioticamente, como produções e reproduções discursivas de um binarismo de gênero que busca enquadrar comportamentos sociais e papéis reprodutivos em dois polos opostos. Tais premissas são questionadas pelos próprios estudos e notícias aqui analisados, mas apenas parcialmente. Assim, é importante destacar o desafio dessa transposição e espécie de tradução

entre campos epistemológicos e frisar que a reprodução de enunciados que afirmam o binarismo macho-fêmea não significa, nesta pesquisa, a sua reiteração. Antes, buscamos observar arqueologicamente, dentro dos limites do objeto da tese, como o binarismo opera enquanto discurso.

Assim, dentre os resultados da análise, ressaltamos: a confusão, instabilidade e viés masculino como estratégias do arquivo em descontinuidade, identificadas pela categoria da *Indiferenciação*; As novas estratégias no uso de aparatos tecnológicos e a presença de mulheres como sujeitos enunciadorees do saber científico enquanto mudanças nas *Estruturas de visibilidade*, que permitiram ao hemiclitéris fazer-se comunicável; A produção de imagens e literatura inédita sobre o clitéris da cobra como Registro de Memória; A identificação da clitoridectomia discursiva como isomorfismo arqueológico em diferentes saberes da era Moderna, como a psicanálise e a ciência (especialmente a partir da teoria da seleção sexual de Darwin). A quebra com tal discurso, identificada a partir da categoria do Rompimento Epistêmico, parece apontar a uma descontinuidade maior; Por fim, a partir da análise das notícias no *Jogo de Trocas*, identificamos que o hemiclitéris configura-se em um objeto cuja existência indica ter chegado no entendimento das obviedades e, por isso, passível de integrar as trocas sociais cotidianas, mas que segue em disputa e formalização.

Dessa forma, o percurso da tese faz-se em três tempos, do início na exploração do Campo da Comunicação, a partir de um mapa foucaultiano, aventura-se pelo território da obra de Michel Foucault tomando, nesse momento, a comunicação como bússola a indicar caminhos e, por fim, devolve ao campo um novo Foucault, elaborado para dedicar-se às constantes transformações inerentes ao pensamento comunicacional. O clitéris, nessa equação, entra na condição de objeto semiótico privilegiado, que passa por diversos regimes de comunicabilidade, eventualmente ampliando sentidos e visibilidades, mas frequentemente invisibilizado e silenciado.

2. Comunicação e Arqueologia

Michel Foucault, apesar de não endereçar diretamente os meios e as dinâmicas que ocupam as investigações do Campo da Comunicação, fornece ferramentas produtivas para pensá-los, sendo vastamente referenciado, seja de maneira pontual, como uma espécie de chancela acadêmica, ou mais profundamente, enquanto articulador principal em problematizações teóricas e metodológicas. De modo a ter um panorama completo dessas ferramentas e de como o autor é abordado nas discussões epistemológicas da Comunicação, neste capítulo, dividido em duas partes, primeiramente apresentamos uma espécie de metapesquisa: uma revisão sistemática de artigos publicados nos anais dos principais eventos da área, além de teses e dissertações, no período de 2000 a 2022, seguida de análise qualitativa e síntese. Os resultados mostram que existem algumas entradas teóricas que se destacam, como o dispositivo, as discussões epistemológicas e os paralelos com outros autores. Ademais, pudemos perceber as principais estratégias utilizadas por nossos pares para abordar o autor, das quais destacamos a invenção, a qual tomamos por tática para a segunda parte do capítulo, que consiste em nossa incursão pelos textos da fase arqueológica de Foucault, composta pelos títulos publicados ao longo da década de 1960. Neles, mapeamos o termo comunicação e suas variações para, logo após, reescrevermos esse recorte de sua obra tendo a comunicação por centro, dando a ver o conjunto de conceitos que nos auxiliam a pensá-la, assim como o seu lugar nas análises epistêmicas do autor. Este capítulo estabelece, portanto, uma importante base para a proposta da tese, que consiste em sistematizar o Comunicável enquanto conceito a partir da arqueologia foucaultiana, mas também enquanto ferramenta heurística para análise de objetos de comunicação.

2.1. Um mapa Foucaultiano para a Comunicação

A teoria foucaultiana – das reflexões acerca do discurso, às problematizações ao redor do dispositivo, até os debates sobre o sujeito – apresenta-se como um dos esteios da estrutura do pensamento comunicacional brasileiro. Aberta às demandas do presente, a obra de Michel Foucault tem presença ininterrupta e significativa na formação e desenvolvimento do Campo da Comunicação. Tal cenário fica evidente nos resultados de três metapesquisas realizadas nos

últimos anos e que colocam o autor em lugar de destaque em meio à pluralidade de referências utilizadas por pesquisadoras e pesquisadores no Brasil. Duas delas partem de um amplo recorte temporal circunscrito aos Grupos de trabalho de Epistemologias e Teorias da Comunicação dos maiores eventos nacionais da área; e a terceira, por sua vez, analisa os artigos publicados em importantes revistas do campo durante os primeiros anos do século XXI.

Tiago Salgado e Maria Ângela Mattos (2021) debruçaram-se sobre os 191 artigos apresentados ao longo dos 20 anos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós, que reúne pesquisas direcionadas à investigação da Comunicação enquanto área de conhecimento, assim como agrega um conjunto de textos que busca dar corpo ao objeto de conhecimento da área e às diferentes e possíveis perspectivas para a sua investigação. Dessa forma, “[...] o GT revisa paradigmas clássicos da comunicação e destaca as transformações dos processos sociais que visam a estabelecer novos parâmetros analíticos, de modo a discutir conceitualmente os fundamentos epistemológicos da comunicação” (Salgado; Mattos, 2021, p. 2). Foram catalogadas 1863 referências distintas, o que mostra uma grande diversidade de temáticas e abordagens, assim como um grande número de citações pontuais e efêmeras. Em meio a essa profusão, Michel Foucault aparece como o décimo autor mais referenciado ao longo da existência do GT, com 36 aparições, sendo a sua obra mais citada *A Ordem do Discurso*, de 1971, cujo texto consiste em sua aula inaugural no *Collège de France*.

Salgado, Mattos e Polyana Silva (2021) realizaram ainda outra metapesquisa, porém no âmbito do GP Teorias da Comunicação da Intercom, analisando os artigos apresentados de 2011 a 2020, também mapeando suas referências. Tal grupo de pesquisa, que apresenta por proposta encarar a comunicação a partir de diferentes correntes teórico-metodológicas, tem Michel Foucault como o terceiro autor mais referenciado ao longo desse período. Todavia, há uma importante ressalva, que aqui destacamos: a análise dos textos evidencia que o filósofo ocupa a posição de uma espécie de autor secundário neste conjunto de artigos, sendo evocado de modo a dar tratamento teórico a determinadas questões, mas não se configurando na vertical epistemológica.

Ele foi referenciado em trabalhos sobre estudos culturais, midiatização, cibernética e construção do saber em sociedade. Certamente que os assuntos presentes nas obras de Foucault se diferem de tais tematizações.

Nesse sentido, inferimos que Foucault é utilizado como autor periférico, que auxilia no aprofundamento dos temas centrais dos textos [...]. (Salgado; Silva; Mattos, 2021, p. 12)

Luís Mauro Sá Martino (2021) também sublinha, a partir de sua metapesquisa, a recorrência da obra foucaultiana no corpus por ele analisado. Porém, pondera que tal recorrência não é circunstancial, antes, constitui-se em característica da estrutura do que vem a se configurar o pensamento do Campo da Comunicação. No mencionado artigo, o autor explora os textos de três publicações acadêmicas ao longo do intervalo compreendido entre os anos de 2003 e 2007, de modo a tirar um retrato do uso das teorias nesse passado recente da pesquisa brasileira em comunicação. Dessa forma, busca saber quais referências eram as bases para pensar a comunicação no início do século XXI. De modo a dar resposta a tal questão, o autor catalogou 385 artigos publicados nas revistas *Logos*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, *Comunicação e Informação*, da Universidade Federal de Goiás – UFG, e *Famecos*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Desse conjunto, apenas cinco autores são referenciados ao longo de todo o período analisado. São eles Jean Baudrillard, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Michel Maffesoli e Edgar Morin, todos esses, autores advindos da Filosofia e da Sociologia. Em razão disso, infere Luiz Sá Martino (2021, p. 7) que “Há [...] um pensamento fortemente ancorado para além das fronteiras específicas do que seria a Comunicação no sentido de abordar um fenômeno que [é] definido, sobretudo, a partir das interações vinculadas aos meios”. Martino nos provoca, portanto, a pensar que fronteiras são essas que limitam a natureza da comunicação. Nesse sentido, no lugar de pensar a comunicação enquanto definida pelos meios, propomos questionar como são construídos os próprios meios, assim como os objetos e as próprias interações sociais considerando os discursos que atravessam o Campo da Comunicação. “Pensamos que uma área não pode ser definida pelos objetos, uma vez que os objetos do conhecimento são construídos; e que há processos comunicativos não simbólicos que integram maquinalmente aquilo que denominamos comunicação” (Gpesc, 2020, p. 16). Assim, aqui compreendemos as fronteiras do que seria a comunicação com limites não apenas alargados, mas também móveis, quando, no Comunicável, consideramos o arquivo, a episteme, as tecnologias, estruturas de visibilidade, as materialidades e também as trocas simbólicas.

O próprio pesquisador evidencia tal mobilidade quando explica que 85,26% das referências identificadas em seu mapeamento são utilizadas de maneira pontual de modo a elucidar determinados aspectos do objeto empírico analisado (a mesma dedução também pode ser feita a partir da diversidade de referências encontradas nas duas primeiras metapesquisas aqui apresentadas). Consequentemente, apenas 14,84% das referências representam um trabalho teórico desenvolvido a partir dos referidos autores da filosofia e da sociologia. Nesse contexto, Foucault está entre os cinco mais citados ao longo do período analisado e, tal recorrência, “[...] sugere que sua presença está longe de ser fortuita ou episódica, constituindo-se, antes, como parte da formação de um pensamento teórico na área” (Martino, 2021, p. 11).

O cenário descrito por essas metapesquisas nos mostra que há duas maneiras de invocar um autor: de maneira periférica, para abordar questões pontuais, ou como viga-mestra, verticalizando-o na estrutura teórica da pesquisa. Michel Foucault, enquanto referência de largo uso, é utilizado pelos investigadores de ambas as maneiras. No que diz respeito ao objetivo do presente capítulo, voltamo-nos ao segundo grupo, ou seja, selecionamos os trabalhos que reservam um espaço mais amplo para Foucault nos debates epistemológicos e no desenvolvimento teórico, em detrimento daqueles que o instrumentalizam pontualmente a partir de seus conceitos operatórios ou apenas como metodologia de investigação. Tal escolha não fala sobre uma boa ou má apropriação do arcabouço teórico foucaultiano, mas sim sobre a profundidade do diálogo estabelecido com o autor. Assim, “[...] a questão que se coloca não é, absolutamente, tentar mostrar que a perspectiva foucaultiana é a melhor, mas é mostrar o quanto o pensamento de Foucault é capaz, o quanto pode ser útil por ele mesmo e o quanto ele deixa aberto para os lados e para a frente de si mesmo (Veiga-Neto, 1996, p. 139)”

Ademais, tal recorte serve ao trabalho na medida em que fornece informações sobre nosso ponto de partida, ofertando pistas a partir do longo e proveitoso caminho já percorrido por nossos pares e que serão utilizados para o desenvolvimento de nossa proposta de tese. Isso porque, considerando que Foucault não aborda a comunicação enquanto temática em sua obra, os pesquisadores “[...] não partiram de discussões conhecidas, nem foram provocados por novas, simplesmente tiveram que inventar e estabelecer pontes com algo que não constava na obra de Foucault” (Martino, 2021, p. 2). Assim, para encontrar não apenas as pontes já construídas entre a comunicação e a obra foucaultiana, mas também as estratégias agenciadas para tais

construções, partimos para o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, assim como para os artigos apresentados entre 2000 e 2022 no GT Epistemologia da Comunicação da Compós e no GP Teorias da Comunicação da Intercom, de modo a analisar tais elementos.

2.1.1. *Eventos Nacionais de Pesquisa Acadêmica em Comunicação*

De modo a mais facilmente obter um mapeamento das pesquisas realizadas na pós-graduação brasileira, rumamos aos anais dos eventos acadêmicos para aferir seu diálogo com a teoria de Michel Foucault. Tomando por critério a relevância, abrangência e pertinência para o campo, selecionamos os dois principais eventos nacionais de Comunicação para realizar a análise dos artigos apresentados e disponíveis para leitura de 2000 a 2022 nos grupos de trabalho focados em epistemologias e teorias da Comunicação. São eles a Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, fundada em 1991, e a Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que ocorre desde 1977.

Nos anais do grupo de Epistemologias da Comunicação da Compós, considerando os trabalhos disponíveis para leitura no referido período, identificamos 43 artigos que citam o autor. Desse montante, selecionamos dez com base nos critérios já mencionados, sendo um deles o artigo *Constituição do pensamento comunicacional brasileiro: 20 anos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós*, de Salgado e Mattos (2021), abordado anteriormente. Em meio às pontes mais frequentes estabelecidas entre a obra foucaultiana e a Comunicação estão o *dispositivo*, a *epistemologia*, a *disciplinaridade* e os *métodos de pesquisa*.

No grupo de pesquisa em Teoria da Comunicação da Intercom, por sua vez, um total de 50 artigos citam o autor, considerando os trabalhos disponíveis de 2000 a 2022. Oito desses textos foram selecionados, incluindo *Os Usos da Teoria no Passado Recente da Pesquisa em Comunicação: um estudo de três revistas acadêmicas (2003-2007)* de Luiz Sá Martino (2021) e *O paradigma indiciário e o método comunicacional: metapesquisa do GP Teorias da Comunicação da Intercom (2011 a 2020)* de Salgado, Silva e Mattos (2021), também já debatidos. No caso dos demais artigos separados para análise, *dispositivo*, *aproximações e tensionamentos* com outros autores, assim como *epistemologia*, são as pontes identificadas como mais recorrentes.

A seguir apresentamos a relação dos artigos, separados pelas aproximações realizadas pelos autores entre a comunicação e a obra foucaultiana, e propomos algumas sínteses de modo explicitar as principais abordagens dos motes recorrentes.

2.1.1.1. Dispositivo

Tabela 1 – Trabalhos apresentados na Compós e na Intercom que abordam ou tangenciam o tema dispositivo.

| Autor | Título | Evento | Ano |
|-----------------------------------|---|----------|------|
| Luiz MARTINO Cláudio | Foucault e a atualidade: diálogos entre filosofia, história e comunicação | Compós | 2021 |
| José Luiz BRAGA | Interagindo com Foucault | Compós | 2018 |
| Luis SIGNATES | Da exogenia aos dispositivos | Compós | 2012 |
| Elton ANTUNES; José Cristian GOÉS | Comunicação e construção de processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades | Intercom | 2014 |
| José Luiz BRAGA | Dispositivos interacionais | Compós | 2011 |
| Phellipy JÁCOME; Rafael AZEVEDO | Nas bordas do dispositivo | Intercom | 2011 |
| Edson Fernando DALMONTE | Dispositivos midiáticos – modos de mostrar, modos de olhar | Intercom | 2008 |

Fonte: Elaboração nossa

O dispositivo, na formulação foucaultiana, diz respeito a um conjunto amplo e diverso de elementos, como discursos, arquitetura, leis, instituições, proposições filosóficas e morais,

por exemplo. Sua principal característica é o incessante jogo de poder que o agencia, em linhas de força estrategicamente camufladas no tecido social. Nesse sentido, o dispositivo está sempre associado a um movimento de condução de corpos e condutas (Foucault, 1985).

São essas características que o configuram enquanto potencial categoria de análise para a comunicação, como caracteriza Signates (2012, p. 14): “O que há de interessante no funcionamento do conceito de dispositivo, que pode torná-lo uma categoria de análise específica da comunicação, é a formulação de que se trata daquilo que forma redes de relacionamento entre diferentes dimensões da realidade”. Ou seja, as disputas de discurso e de poder que engendra.

Da mesma maneira, no que diz respeito às tecnologias, mergulhar na análise do poder e de suas relações como agenciador do dispositivo é movimento capaz de evidenciar sua mediação e seus determinismos nos processos comunicativos, já que, via de regra, quando falamos de tecnologias, “[...] os dispositivos cada vez mais tendem a se ‘esconder’ enquanto tais, numa aparente ‘não mediação’. É o caso de ambiências tais como a internet e a televisão, por exemplo” (Jácome; Azevedo, 2011, p. 7).

De sua parte, Edson Dalmonte (2008) apresenta um resgate das características foucaultianas do dispositivo objetivando, porém, operar um deslocamento do termo de suas bases estruturalistas para uma noção mais flexível de modo a formular um conceito de “dispositivo midiático”, no qual se evidenciam “[...] processos concernentes às instâncias de produção e de reconhecimento, oscilando entre mostrar e olhar” (Dalmonte, 2008, p. 13).

José Luiz Braga (2018), por sua vez, destaca a potencialidade heurística do dispositivo foucaultiano, mas argumenta que tanto o conceito quanto a filosofia que lhe dá base demandam ajustes para que possam ser aplicados à pesquisa em comunicação. Seria preciso retirar a centralidade disciplinar e substituí-la por uma ênfase comunicacional.

Se consideramos que os arranjos, as lógicas do jogo (com seus objetivos, suas regras de funcionamento e suas táticas de ajuste) são a dinâmica central do dispositivo – e aqui, de qualquer dispositivo social assumido na lógica do modelo foucaultiano – então devemos perceber a centralidade da comunicação em todo e qualquer processo social. Arranjos disposicionais são, em si mesmos, exercícios práticos da potencialidade comunicacional do ser humano. (Braga, 2018, p. 19)

Observamos, portanto, uma proposta de torção do conceito de dispositivo em Braga (2018), modificando-o a partir de um viés comunicacional, e um deslocamento epistemológico em Dalmonte (2008). Jácome e Azevedo (2011) e Signates (2012), de sua parte, operam com o dispositivo (assim como com outros conceitos do arcabouço genealógico) a partir de suas próprias bases filosóficas, gerando pontes que servem ao desenvolvimento de metodologias e reflexões teóricas. Tais apropriações e mutações são estratégias, inclusive, de característica propriamente foucaultianas, visto que o filósofo teve por prática, justamente, a retomada de conceitos de outros pensadores que, revisados por ele, eram largamente modificados em relação ao seu sentido original.

Judith Revel (2005, p. 8) defende, inclusive, que os conceitos no entendimento de Foucault emergem, com frequência, “[...] a partir de práticas e que se propõe como gerador de práticas: isso ocorre porque um arsenal conceitual é, literalmente (gostava de lembrar Foucault), uma ‘caixa de ferramentas’”. Identificar o que há de propositivo no arcabouço teórico de Foucault para a comunicação passa, portanto, por atuar sobre tal arcabouço colocando-o sob a ótica das práticas comunicativas, produzindo novas ferramentas teóricas.

No que diz respeito ao dispositivo especificamente, Revel (2005) destaca que, originalmente, na arqueologia, o autor lança mão de variadas dimensões, como a filosófica, a econômica, a científica, a política, entre outras, de modo a aferir as condições de possibilidade e emergência dos saberes de uma determinada época. Tais dimensões já são, de certa forma, o dispositivo operando por entre o método arqueológico, mas ainda sem dizer seu nome. Nesse sentido,

Colocar a questão da historicidade dos objetos de saber é, de fato, problematizar nosso próprio pertencimento, ao mesmo tempo, a um regime de discursividade dado e a uma configuração do poder. O abandono do termo "arqueologia" em proveito do conceito de "genealogia", logo no começo dos anos 70, insistirá sobre a necessidade de dirigir a leitura "horizontal" das discursividades para uma análise vertical - orientada para o presente - das determinações históricas de nosso próprio regime de discurso (Revel, 2005, p. 17).

Luiz Cláudio Martino (2021) irá destacar, justamente, a *Historicidade* e a *Atualidade* como duas pernas de um tripé que se completa com a *Comunicação*. Apesar do francês ser um autor com múltiplas possibilidades de entradas e diálogos, Martino defende que tal triangulação

é um movimento obrigatório para tratar da comunicação a partir de Foucault, pois contempla as imensas pretensões epistemológicas de sua obra. Sua filosofia, marcada por uma ontologia do presente, permite pensar a comunicação como um objeto situado no tempo e no espaço nos quais se inscreve. Mas não apenas isso. Martino (2021, p. 18) defende que ela demanda uma reflexão sobre os meios: “Foucault aponta a atualidade como matriz epistêmica, mas não pode desenvolver esta perspectiva, como defendemos aqui, sem uma reflexão sobre os meios de comunicação”. Assim, o presente configura-se em condição de possibilidade para o pensamento, assim como os fenômenos comunicativos.

Todavia, é importante pontuar que a obra foucaultiana problematiza os dispositivos e não as tecnologias propriamente ditas e, por isso, Foucault sozinho não se configura em um pensador dos meios de comunicação. Seu debate epistemológico, entretanto, é porta de entrada para que investigadores se aprofundem nos saberes do Campo da Comunicação, como veremos a seguir.

2.1.1.2. Epistemologia

Tabela 2 – Trabalhos apresentados na Compós e na Intercom que têm por foco a Epistemologia da Comunicação sob a perspectiva foucaultiana.

| Autor | Título | Evento | Ano |
|----------------------------|--|----------|------|
| Claudiane CARVALHO | Comunicação mediada pelos meios e construção da subjetividade: apontamentos teóricos | Intercom | 2022 |
| Lucrécia D’Aléssio FERRARA | A epistemologia da diferença | Compós | 2021 |
| Luis Mauro Sá MARTINO | Trilhas da investigação epistemológica | Compós | 2014 |

| | | | |
|----------------------------|--|--------|------|
| Lucrécia D'Aléssio FERRARA | A epistemologia indecisa de uma comunicação | Compós | 2013 |
| Luis Mauro Sá MARTINO | Do debate epistemológico à sala de aula: disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação | Compós | 2012 |
| Gilson S. RASLAN FILHO | Encruzilhadas do campo científico da Comunicação | Compós | 2011 |

Fonte: Elaboração nossa

Foucault define a episteme como aquilo que institui as condições de possibilidade de todo e qualquer saber, “tanto aquele que se manifesta em uma teoria quanto aquele que é silenciosamente investido em uma prática” (Foucault, 2016, p. 230). Nessa medida, o autor explica, em *As Palavras e as Coisas*, que a prática arqueológica é aquela capaz de dar a ver a configuração epistêmica de qualquer ciência, ao mesmo tempo que nem toda epistemologia pode ser considerada uma ciência. Este recorte de nosso mapeamento diz respeito, precisamente, a tal problemática, pois questiona, a partir de diferentes visadas, o estatuto da comunicação enquanto prática empírica e, também, como parte das Ciências Humanas. Nesse contexto, a obra foucaultiana por vezes é operacionalizada como uma ferramenta para pensar o Campo e, em outras ocasiões, antagonizada como um obstáculo à consolidação da comunicação como ciência.

Raslan Filho chama "encruzilhada" (2011, p. 1) o que argumenta ser uma crise epistemológica coletiva vivida pelo Campo científico da Comunicação, na qual enquanto alguns pendem para o empirismo do estudo dos media, outros se jogam em uma intentona teórica. Em suas palavras “A encruzilhada está entre um empirismo estéril e uma balbúrdia científica” (Raslan Filho, 2011, p. 1-2) e a proposta de seu artigo é apontar para uma ontologia dos processos comunicativos. A partir de Lukács, o autor busca “saída para uma tautologia pós-estruturalista” (2020, p. 2), caracterizando Michel Foucault como dispositivo de crise para o saber comunicacional. Nesse contexto, o autor coloca duas situações em destaque: primeiramente, o questionamento feito por Foucault em relação às Ciências Humanas, quando problematiza o ser humano como objeto de conhecimento; em seguida, o fato do francês ser um dos autores mais utilizados no campo e, por isso, ser praticamente incontornável. Raslan (2011, p. 2) argumenta

que “Como não é possível arrancar a epistemologia foucaultiana do seio do pós-estruturalismo, e se ela causa embaraços ao campo do saber comunicacional, é plausível admitir que também o pós-estruturalismo é embaraçoso ao campo”. Todavia, partindo de um viés semiótico pós-estruturalista, nós compreendemos a crise por ele temida, na verdade, como um rompimento produtivo, visto que uma área de conhecimento não pode definir-se por seus objetos, sejam eles técnicos ou humanos, pois objetos de saber são edificados pelo próprio discurso científico, sendo essa, precisamente, a problematização de Foucault acerca das Ciências Humanas.

Lucrécia Ferrara (2012, p. 3) aborda tal questão a partir do problema da continuidade, quando reflete que

Desde Foucault [...] a coesão construída entre os conceitos científicos e a realidade analisada tem sido colocada em questão quando se observa que aquela unidade interna constitui mais um discurso que evidencia o poder enunciativo da ciência e do pesquisador para ser possível produzir conhecimento sem desgaste de energia.

É preciso, portanto, problematizar a lei de coerência que breca a multiplicação das contradições e das diferenças, pois inerente a ela está o poder científico em “forma de controle de adesão ou de exclusão de pesquisadores” (Ferrara, 2012, p. 3). Assim,

A “estratégia poder-saber” constituiu base fundamental para a contribuição que Foucault legou às Ciências Humanas e chamou a atenção do mundo intelectual para as diversas formas de controle que subjazem à defesa dos interesses sociais, territoriais e intelectuais e se manifestam na ciência, na sociedade ou na política (Ferrara, 2012, p. 3).

Em um novo artigo, a autora argumenta que o estudo da diferença é o modo como a comunicação produz conhecimento (Ferrara, 2021). Sobre isso, Lucrécia apresenta um problema: “seria adequado considerar a possibilidade de elaborar, no território da comunicação, uma epistemologia das diferenças?” (Ferrara, 2021, p. 7). De tal pergunta destacamos primeiramente o verbo *elaborar*, que parece ser mandatório no que diz respeito à articulação das premissas teóricas foucaultianas com a comunicação. É preciso elaborar – fazer, criar, conceber, engendrar, desenvolver, estruturar, gerar, montar, idealizar, idear, imaginar, inventar, arquitetar, delinear, formular, produzir, traçar, formar, fabricar – um Foucault teórico da comunicação. Em segundo lugar, a *diferença* no problema apresentado não se refere a uma simples tematização da pesquisa em comunicação, ou a objetos específicos a serem analisados, mas sim a um desafio

epistemológico. Ou seja, um modo de pensar a comunicação a partir da diferença e em direção à sua produção.

Ironicamente, o que encontramos de mais próximo a uma definição de Foucault para a comunicação diz respeito ao aproximar, ao tornar igual (definição que aprofundamos ainda neste capítulo). O texto que contém tal definição integra o livro *As Palavras e as Coisas* e é considerado por Ferrara (2021) como um dos textos antológicos do estudo da episteme da comunicação. “Nesse território palmilhado pela investigação de Foucault, somos conduzidos a pensar a comunicação e a encontrá-la travestida nas homologias das mediações, previstas na cultura do conhecido e do previsível” (Ferrara, 2021, p. 4). Mas no lugar de engessar uma ideia de comunicação em tais termos, seria possível tomá-la como provocação de modo a, buscando ainda outros elementos na obra de Foucault, estabelecer um diálogo epistemológico na busca de uma comunicação pensada através da diferença?

Nesse sentido, a comunicação das diferenças se propõe como necessidade de revisão das certezas difundidas e aceitas como hegemônicas e indiscutíveis. Ou seja, uma comunicação das diferenças estaria propondo urgente revisão epistemológica das certezas da comunicação e deveria voltar-se para a percepção do imponderável que, embora empírico, não é reconhecido como comunicante. Uma comunicação das diferenças supõe uma epistemologia da comunicação que considere as diferenças e, incluindo-as, se constitui (Ferrara, 2021, p. 8).

Claudiane Carvalho (2022) aborda a diferença no âmbito da produção dos modos de vida e como as condições de comunicação reverberam nas condições de possibilidade dessa produção de sujeitos. Partindo de uma análise das práticas, a autora se apropria da fase ética de Foucault para descrever o sujeito como a “[...] institucionalização e estabilização social dos usos, práticas e apropriações dos dispositivos técnicos de comunicação, ou seja, abarcamos as tecnologias a partir das suas condições de produção, circulação e recepção na tessitura social” (Carvalho, 2022, p. 4).

As bases epistemológicas do campo são discutidas também por Luiz Sá Martino (2012), porém circunscritas ao ensino acadêmico, onde identifica um afinamento ou compartimentação da diversidade de premissas teóricas na sala de aula. Nesse sentido, o autor dialoga com Foucault ao classificar a disciplina de Teoria(s) da Comunicação como um espaço discursivo. Ademais, o autor também importa o conceito de disciplina associado à constituição dos saberes como uma

forma de controle: “[...] o ato disciplinar constitui-se, no campo dos saberes, no ato de selecionar as formações discursivas que presidem a compreensão de uma determinada realidade em um determinado período” (Martino, 2012, p. 3). Aqui, o autor toma o currículo da disciplina de Teorias da Comunicação como objeto de análise para uma reflexão de caráter arqueológico que opera um diagnóstico desse espaço discursivo composto por currículo e sala de aula, problematizando seus modos de ver que ensinam e condicionam.

Ainda no que diz respeito às possíveis pontes erguidas entre a teoria foucaultiana e o campo de estudos da Comunicação, os últimos artigos aqui analisados aproximam e tensionam o arcabouço teórico Foucaultiano com o de outros pensadores.

2.1.1.3. Aproximações e tensionamentos

Tabela 3 – Trabalhos apresentados na Intercom que têm como tema o tensionamento da teoria foucaultiana com outros teóricos

| Autor | Título | Evento | Ano |
|--|---|----------|------|
| Lucas H.N. VELOSO; Ângela C.S. MARQUES | Aproximações e tensões entre Habermas e Foucault: vulnerabilidades, assimetrias e reconhecimento nas interações comunicativas | Intercom | 2019 |
| Liráudio GIRARDI JR | Algumas considerações sobre o enunciado em Foucault e Bakhtin | Intercom | 2016 |

Fonte: Elaboração nossa

Estes artigos produzem a partir do aporte foucaultiano na medida em que o colocam em relação com outras bases teóricas para dar a ver ferramentas próprias para pensar a comunicação. Veloso e Marques (2019) focam na questão do sujeito político, apresentando os pontos de tensão entre Foucault e Habermas, a partir do pensamento social do primeiro e as interações comunicativas voltadas para o entendimento recíproco no segundo.

Girardi Jr (2016), de sua parte, aprofunda-se na arqueologia foucaultiana para traçar transversais entre o francês e o filósofo russo Mikhail Bakhtin. Ao descrever os princípios das formações discursivas em ambos os autores, problematiza, dentre outras questões, a originalidade e a criação. Ademais, posiciona o enunciado como uma espécie de elemento invisível da relação comunicativa, considerando o que Bakhtin chama de superdestinatário, assim como o campo de possibilidades estratégicas do discurso a partir de Foucault.

2.1.2. Banco de teses e dissertações da Capes

No banco de teses e dissertações da CAPES, nossa busca partiu dos termos MICHEL FOUCAULT e COMUNICAÇÃO, resultando em 327 trabalhos das Ciências Sociais Aplicadas. Desses, 16 estavam disponíveis para acesso na Plataforma Sucupira e 11 deles eram pesquisas do Campo da Comunicação. A totalidade desses 11 inclui *Michel Foucault* nas palavras-chave e nove deles, o nome do autor ou um de seus conceitos no título. A maioria, porém, instrumentaliza o arcabouço teórico foucaultiano enquanto método de análise, especialmente o dispositivo e a análise de discurso, para investigar determinados temas como, cinema, jornalismo, histórias em quadrinhos, publicidade, comunicação organizacional, publicidade e literatura.

Dois trabalhos, todavia, abrem um espaço maior de diálogo com o autor. Pollyana Santos (2019) coloca o pós-estruturalismo em contato com os estudos do jornalismo para estabelecer quais são as possíveis contribuições dessa perspectiva para validar a teoria do jornalismo enquanto um saber autônomo. Para isso, a autora desenvolve uma concepção de jornalismo enquanto dispositivo da modernidade que agencia as relações de poder e saber na sociedade.

Em movimento semelhante, Isaura Generoso (2014) opera uma discussão de caráter epistemológico no âmbito da Comunicação Organizacional. Sua pesquisa busca cruzar elementos oriundos de teorias do campo com falas de profissionais da área de modo a identificar enunciados que compõem um discurso próprio da comunicação organizacional estratégica. Aqui a arqueologia é o que dá a ver a configuração epistemológica dessa práxis da comunicação.

2.1.3. *Por caminhos úteis e errantes*

Além de um conjunto produtivo de referências que serão acionadas quando pertinentes para o desenvolvimento da tese, os resultados obtidos a partir do mapeamento aqui apresentado desenharam, para nós, um provocativo mapa. A topografia do Campo da Comunicação não só é complexa e diversa, como também é a expressão de perenes disputas, o que faz com que suas fronteiras tenham por regra a sua constante transformação. Nesse sentido, um autor afeito às discontinuidades como Michel Foucault nos fornece um mapa para caminhos úteis, ao mesmo tempo que errantes, na compreensão dos meios e dos fenômenos de comunicação. Úteis, pois, devido a um traçado inerentemente historicizante, dão orientações precisas sobre as condições de possibilidade das quais surgem determinadas configurações discursivas, objetos de saber e corporalidades. Errantes, justamente porque insistem na multiplicação de variáveis, como gesto radicalmente experimental e crítico. Por isso, no lugar de um campo determinado exclusivamente pelos limites dos objetos empíricos, a comunicação e suas problemáticas podem ser pensadas tomando por base “[...] um solo histórico e epistemológico mais amplo, exigindo de quem as estuda um intenso e rico mergulho em práticas e saberes que lhes são contemporâneos” (Ferraz, 2005, p. 81-2).

A relevância do aparato teórico foucaultiano para a pesquisa em Comunicação faz-se evidente na profusão de sua instrumentalização pelo Campo. Todavia, a primeira questão levantada por essa nossa espécie de metapesquisa é que, enquanto um autor com diversas “fases”, Foucault empresta conceitos do seu momento arqueológico, assim como do genealógico e do ético às investigações de objetos de saber e de objetos empíricos sobre os quais nunca tratou. Assim, no que tange à comunicação, uma investigação que parta da obra foucaultiana, parte também de um provocativo silêncio.

De maneira análoga, nossa proposta de exercício heurístico também lida com um terreno repleto de silêncios: o clitóris. Em nossa busca no banco de teses e dissertações da CAPES, utilizando “clitóris” como palavra-chave, obtivemos nove resultados. Desses, apenas dois compõem o guarda-chuva das Ciências Humanas e nenhum está disponível para leitura na plataforma sucupira. Também analisamos os trabalhos apresentados no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades da Intercom, assim como do GT Comunicação, Gêneros e

Sexualidades da Compós, no período de 2000 a 2022, e não foi identificado nenhum trabalho que tratasse o órgão como tema central.

Na presente pesquisa, entendemos o clitóris como um objeto discursivo e semiótico e, por isso, próprio para análise comunicacional. Tal objeto, ao longo da história, esteve sob o agenciamento de diferentes regimes de dizibilidade e visibilidade e, em razão disso, flutuou na sua condição de comunicabilidade. Por isso, destacar os silêncios, ou seja, aquilo que não pode ser dito, é caminhar em direção ao entendimento de tais regimes.

Nesse sentido, acreditamos que essa seja a principal instrução desta espécie de mapa de Foucault para a Comunicação: diante do não dito, é preciso construir ou, até mesmo, inventar. O que, exatamente, não está determinado ou engessado necessariamente naquilo que já foi edificado por outras pesquisadoras e pesquisadores. Contudo, esses pontos de estabilidade podem ser produtivos lugares de partida e fontes de consulta através dos quais é possível multiplicar ou tensionar discordando. Cientes, portanto, do desafio que consiste articular a obra foucaultiana com a comunicação, rumamos ao plano de sua escrita para, na sua extensão, fazer uma varredura, dando sequência à “aventura crítica da semiótica” (Gpesc, 2020, p. 9), cujo desafio é dar forma a essa semiótica que não diz seu nome.

2.2. A Arqueologia pela bússola da Comunicação

Diante de nós abre-se o horizonte de um terreno familiar, nele há todo um arcabouço de conceitos e reflexões já vastamente estudado e utilizado por nós e por nossos pares. Mas não há fósseis a serem encontrados aqui, esqueletos nunca antes descobertos esperando uma análise minuciosa de sua constituição química-orgânica ou objetos pré-históricos para aferirmos sentido e função. Não dispomos de pás, picaretas, espátulas, martelos ou outros instrumentos para avançar sobre o terreno que temos à frente, pois nosso labor é de superfície: não revisitamos Foucault para resumi-lo em uma espiral de paráfrases, muito menos para escavar sua obra em busca de teses escondidas. Ir a campo, nesta pesquisa, significa investigar um espaço amplo e já muito explorado, o da filosofia foucaultiana. Mas rumamos a ele considerando as coordenadas fornecidas pela recorrência da comunicação e suas variações. Assim, jogamos luz sobre o que já

se encontra lá, inscrito no terreno fértil da obra foucaultiana, porém, operando torções de modo a fazer desse território um espaço atualizado.

Começamos nossa investigação pelo mapeamento de palavras com o radical *comunic*, ou seja, recortamos citações que contenham o termo comunicação ou alguma de suas variações nas principais obras da fase arqueológica de Michel Foucault: *História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969). Em seguida, observamos o uso que o autor faz de tais termos, em que contextos, em quais temáticas e conectado a quais conceitos. Nesse primeiro processo de análise, rapidamente nos deparamos com uma comunicação majoritariamente colada à ideia de transmissão: no contexto da medicina, por exemplo, identificamos um sentido pedagógico atribuído a ela (enquanto transmissão de conhecimentos e informações) e, circunscrito à loucura, o contágio (uma potencial comunicação de doenças e vícios, uma transmissão de mazelas, a partir do amplo e constante contato promovido pelo internamento). Da mesma forma, a descrição é conceito relevante a compor a miríade conceitual que circunda essa comunicação enquanto transmissão.

Assim, ao longo da subseção seguinte fazemos uma retomada de caráter introdutório, apresentando esses diferentes sentidos, a partir de seus contextos e conceitos adjacentes, ou seja, circunscritos à tematização do autor. Em outras palavras, quando o autor usa o termo comunicação, em que contexto o insere e como o qualifica. Este exercício se configura em um caminho para a subseção que segue, na qual analisamos como cada episteme estudada por Foucault dá a ver um entendimento de comunicação.

2.2.1. *A comunicação tematizada na fase arqueológica*

O *Nascimento da Clínica*, segundo livro da fase arqueológica publicado por Michel Foucault, apresenta uma arqueologia do olhar médico e do processo de estabelecimento da medicina enquanto um campo de saber. A obra é construída a partir de “restos” da tese doutoral do autor, publicada como a obra *História da Loucura na Idade Clássica*, daí os diversos cruzamentos temáticos que podem ser observados. Estas são as duas primeiras obras da fase arqueológica e são as que apresentam uma maior recorrência do termo comunicação. Como já mencionamos, das 106 citações identificadas em nossa leitura interessada, 50 estão presentes em

História da Loucura e 26 em *O Nascimento da Clínica*. O ambiente do internamento, o ensino da Medicina, a transmissão de doenças e a relação médico-paciente representam a tematização e o contexto nos quais a comunicação aparece.

A partir de um recorte que vai do fim do século XVI ao século XIX, Foucault retoma a passagem do que chama de Medicina das Espécies (a Medicina da Idade Clássica) para a Medicina Moderna, chamada em sua fase inicial de *Classificatória* e que foi o berço da *Anatomoclínica* ou *Anatomia Patológica*, nascente também na Modernidade. A atuação da Medicina Clássica se dava com base na crença de que não havia uma correspondência entre a doença e o corpo do enfermo. Ou seja, a enfermidade possuía uma essência, a qual podia se manifestar em qualquer parte do corpo mantendo sua identidade e natureza. Assim, a classificação das doenças era feita a partir da semelhança entre os sintomas. Um inchaço, por exemplo, era o mesmo mal em qualquer lugar do corpo, independentemente de onde se instalava. Nesse contexto, inclusive, o principal obstáculo para um bom diagnóstico era o próprio doente, que podia, com sua parca descrição ou pela influência do seu próprio organismo, “contaminar” a forma natural da doença. O corpo, dessa maneira, era apenas um suporte para a mensagem da enfermidade e, por vezes, um suporte comprometedor para a expressão de sua verdade.

Já na Medicina Moderna, passa-se a considerar a relação entre os sintomas e os órgãos acometidos. O diagnóstico da doença vem a ser causal e não mais essencial – sua expressão é agora anatômica e fisiológica. Há ainda outras diferenças entre a Medicina das Espécies e a Medicina Classificatória. Enquanto a primeira tinha foco nos hábitos e na saúde, permitindo, inclusive, que o indivíduo ocupasse o lugar de médico de si mesmo, a segunda dá protagonismo ao prático (o médico) e ao conhecimento fisiológico, estabelecendo a dicotomia normal/patológico.

A medicina do século XIX regula-se mais [...] pela normalidade do que pela saúde; é em relação a um tipo de funcionamento ou de estrutura orgânica que ela forma seus conceitos e prescreve suas intervenções; e o conhecimento fisiológico, outrora saber marginal para o médico, e puramente teórico, vai se instalar [...] no âmago de toda reflexão médica (Foucault, 2020, p. 38).

É nesse sentido que o olhar passa da subjetividade do indivíduo para a superfície do corpo. Ademais, em termos das estruturas que compunham esse visível, o cuidado que antes era

relegado aos espaços particulares e domiciliares passa a ter importância coletiva, não apenas a partir dos ambientes hospitalares, mas também da influência do discurso médico na organização social. Dessa forma, o ambiente médico se alarga, atravessando o social completamente. Em tal contexto, os olhares da classe médica formam uma complexa e onipresente rede de controle através de monitoramentos estatísticos de saúde. Nesse sentido, torna-se papel do prático acrescentar à sua rotina uma atividade de ensino, a qual garante que as informações necessárias cheguem aos seus pares necessitados de orientação, visto que se acreditava que a melhor maneira de evitar a propagação de enfermidades era essa difusão discursiva da medicina enquanto saber. É justamente no contexto do hospital, instituído pela Medicina Moderna, que se desenvolverá a Clínica enquanto prática.

Foucault, todavia, vem a desconstruir uma certa narrativa instituída de que a emergência da Clínica seria a história de um romântico retorno a uma inocência do percebido, cujo marco temporal seriam os últimos anos do século XVIII. O argumento desenvolvido pelo filósofo é que, mais do que isso, o nascimento da Clínica consiste numa verdadeira reorganização dos regimes de visibilidade.

Tal processo de rompimento, observamos, teria agenciado uma profunda mudança no Comunicável, visto que “[...] foi preciso abrir a linguagem a todo um domínio novo; o de uma correlação contínua e objetivamente fundada entre o visível e o enunciável” (Foucault, 2020, p. 216). Este novo regime, no que diz respeito à Clínica, no contexto da Modernidade, colocava em termos de equivalência o ver, o descrever, o conhecer, o ensinar e, por consequência, o comunicar.

Assim, o que muda é um conjunto de relações: desde a doença até a maneira de diagnosticá-la; do sistema de sinais que o médico utiliza para esse diagnóstico à teoria que o descreve e, especialmente “[...] a relação da doença com este olhar a que ela se oferece e que, ao mesmo tempo, ela constitui” (Foucault, 2020, p. 97). É nesse sentido que teoria e experiência, no caso da Medicina Clínica, assim como métodos e resultados, compartilham de um mesmo conjunto de regras de formação discursiva.

Os regimes de visibilidade do saber médico da Clínica expressam-se em diferentes instâncias. A primeira delas seria, justamente, o espaço ocupado pelo doente, antes privado e

doméstico, agora coletivo e homogêneo. Junto disso, forma-se uma nova regulamentação do doente na sociedade, assim como a redefinição da relação entre assistência e saber, na qual a medicina passa a ter lugar de destaque nas políticas estatais em estratégias de controle e docilização dos corpos. Antes disso, na medicina pré-moderna, o saber médico estava fortemente marcado por uma relação imediata entre o sofrimento e o seu alívio – relação essa conduzida pelo instinto e pela experiência do indivíduo para consigo mesmo. É apenas a partir de uma necessidade de controle das epidemias que o saber médico se reestrutura e se impõe de modo a frear o espraiamento das doenças – é nesse contexto que a comunicação entra em cena, tematizada sob a forma da pedagogia.

Retomando a temática em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2020b) descreve uma rede de informações estabelecida no ambiente hospitalar e que subjaz um sistema de comunicação que objetiva a produção e transmissão de conhecimento. Há, nessa rede de informações, um ensino teórico a partir de relatórios e registros em documentação escrita e, também, uma pedagogia hospitalar ligada, justamente, ao sistema de comunicação oral, que se caracteriza pelo jogo de troca entre os profissionais. Os médicos teriam, nesse contexto, a missão de aferir e comunicar o saber.

O corpo médico se distingue por um lado dos corpos políticos, pelo fato de que não busca limitar a liberdade de outrem e impor leis ou obrigações aos cidadãos; só impõe imperativos a si próprio; sua “jurisdição é concentrada em seu seio”, mas se distingue também dos outros corpos profissionais, pois não está destinado a manter direitos e tradições obscuras, mas a *confrontar e comunicar o saber* (Foucault, 2020a, p. 47, grifo nosso).

A comunicação é, portanto, uma espécie de pedagogia, atividade inerente ao fazer médico e, precisamente, a prática que garante a renovação, legitimação e a propagação do conhecimento. Tal comunicação dá-se de maneira muito distinta da que era atribuída no período pré-moderno, no qual não havia portadores oficiais do saber, todos a praticavam indistintamente: “[...] as experiências que cada um fazia eram *comunicadas* a outras pessoas... e esses conhecimentos passavam de pai para filho” (Lettson *apud* Foucault, 2020a, p. 58, grifo nosso). Uma das descontinuidades que vem a marcar a emergência da Clínica é, portanto, uma profunda mudança no seu formato de comunicação, quando “[...] foram inaugurados a escrita e o segredo, isto é, a repartição deste saber com um grupo privilegiado [...]” (Foucault, 2020a, p. 58-9). A partir de

então, só se estabelece comunicação, ou seja, só se transmite conhecimento aos outros, só se produz uma nova prática médica, depois de uma validação dada pela esfera do saber formalizado.

O século XIX abre espaço, dessa maneira, a essa nova Medicina, cuja experiência do dia a dia, o espaço do vivido, se dá na forma específica da pedagogia: a comunicação do ensino com a experiência. Nesse contexto, é o Comunicável que se transforma, pois uma nova linguagem passa a imperar – a do hospital. Uma linguagem condicionada pelas estruturas do visível, que dá novo estatuto aos pacientes, pois eles passam a ser a própria escola, e equaliza os médicos, pois a experientes ou recém iniciados a verdade se apresenta da mesma maneira, visto que é evidente na sua expressão e incontornável na precisão que produz.

Neste movimento ela apagava o discurso dogmático como momento essencial da transmissão da verdade; a redução ao silêncio da palavra universitária, a supressão da cátedra, permitiu que se estabelecesse, sob a velha linguagem e a sombra de uma prática um pouco cega e desordenada pelas circunstâncias, um discurso cujas regras eram inteiramente novas: ele devia se ordenar em função de um olhar que não se contenta mais em constatar, mas que descobre. Neste recurso apressado, a clínica, uma outra clínica nascia: aquela que, dentro em pouco, seria a do século XIX (Foucault, 2020a, p. 74).

Com a lógica sectária do esoterismo médico da Medicina Clínica acaba de vez a idealização de um conjunto de conhecimentos abertos, característico da Medicina pré-moderna. É a vez da comunicação que contempla apenas um grupo restrito de iniciados, na qual “só se vê [...] o visível, porque se conhece a Linguagem; as coisas se oferecem a quem penetrou no mundo fechado das palavras” (Foucault, 2020a, p. 126). Nesse contexto, a Clínica, tendo grande predominância da prática descritiva no seu fazer, supõe a organização de dois domínios conjugados: o hospitalar e o pedagógico. “E é aí que se estabelece, pelas virtudes espontâneas da descrição, o vínculo entre o campo aleatório dos acontecimentos patológicos e o domínio pedagógico no qual estes formulam a ordem de sua verdade” (Foucault, 2020, p. 125).

Acreditava-se, portanto, em um possível equilíbrio entre as formas do visível e as regras sintáticas do enunciável ou, melhor, uma equivalência. Porém, o que se oferecia pelas estruturas de visibilidade era, em realidade, o que a própria palavra fazia ver. Ou seja, o que o olhar do corpo médico coletava nos seus exercícios de observação era o que o regime de discursividade depositava no seu campo de percepção. A comunicação/pedagogia nesse contexto era nada mais que pura descrição. “Breve período de euforia, idade de ouro sem amanhã em que ver, dizer e

ensinar a ver dizendo o que se vê comunicavam em uma transparência imediata: a experiência era de pleno direito ciência; e o ‘conhecer’ marchava no mesmo ritmo que o ‘aprender’” (Foucault, 2020, p. 129). Cabe ressaltar, assim, que a pedagogia de que se fala é a restrita a essa comunicação das trocas simbólicas: um compartilhamento de experiências no qual importava o olhar e sua descrição, supervalorizados em detrimento do saber acadêmico, ou seja, de uma pedagogia formal.

Em *História da Loucura*, Foucault (2019) também toma a comunicação nesse sentido pedagógico ao tratar da loucura, quando esta era segmentada sob duas formas: a hospitalização e o internamento. Nesse contexto ela era significada a partir de dois aspectos, o das determinações jurídicas e o da percepção social, sendo que o primeiro se aliava à consciência médica. “É ela [a consciência médica], com efeito, que comunica as regras da análise jurídica e a prática da colocação dos loucos em estabelecimentos médicos” (Foucault, 2019, p. 134). Ou seja, é o corpo médico o responsável por transmitir e educar a sociedade a respeito dos princípios que regem o internamento.

Um outro tipo de comunicação também é abordado por Foucault dentro do tema da loucura. Ainda no século XVIII (rumando à modernidade) identifica-se uma prática comunicacional instituída entre médico e paciente que vem a organizar o mundo da loucura. Tal relação era mediada por imagens: estruturas visíveis e ao mesmo tempo imaginadas por ambos. Foi o tempo das chamadas “doenças nervosas” ou “vapores”, as quais seriam ridicularizadas nos séculos seguintes, mas que, entretanto, foram determinantes na estruturação das práticas de medicação, tratamento e cura.

O que organiza as doenças nervosas enquanto males a serem tratados são as imagens “através das quais médicos e doentes podem logo comunicar-se” (Foucault, 2019, p. 212). Tais imagens são sensações transmitidas do doente ao clínico e que se transformam em visualizações: “fibras impregnadas de transpiração e umidade, os ardores queimando e secando os órgãos” (Foucault, 2019, p. 212-13) etc. São explicações detalhadas em sua forma, espaço e substância, comunicações que, quando transmitidas ao médico, transfiguram-se em imagens (imaginadas) a partir das quais são pensadas as medidas necessárias para o restabelecimento da saúde. Tais imagens eram, portanto, o meio pelo qual se dava o processo comunicativo neste recorte temporal do mundo da loucura.

As curas do aquecimento ou resfriamento, contração ou expansão, todo o labor, comum ao médico e ao doente, das realizações imaginárias, permitem que se perfilhem formas patológicas que as classificações serão cada vez mais incapazes de assimilar. Mas é no interior dessas formas, ainda que de fato tenham sido superadas, que se efetua o verdadeiro trabalho do saber (Foucault, 2019, p. 213).

O autor faz essa consideração partindo do que chama de “comunicação qualitativa imediata” (Foucault, 2019, p. 224) – termo que vem descrever essa relação médico-paciente à época dos vapores – que se refere a uma correspondência entre as causas e os seus efeitos, os vapores e a doença: “forma-se um sistema de presença simultânea, que está do lado do efeito qualidade percebida e do lado da causa imagem invisível” (Foucault, 2019, p. 224). Dessa forma, a imagem é construída por indução considerando o que a percepção encontra de familiar. A partir de tal indução, a prática médica deduz os sintomas com base nas características da imagem induzida e sugere o tratamento.

É devido a esse processo peculiar estabelecido durante os anos derradeiros da Era Clássica que a noção de cura ganha pleno sentido. Até então, a ideia de curar englobava práticas que dessem conta de um quadro geral do paciente, presumindo suprimir os efeitos do mal como um todo. É a partir da prática médica no contexto dos vapores que se passa a considerar efetiva a atuação sobre os diversos elementos constituintes da doença. Assim, “Nessas curas, logo julgadas fantasistas, nascia a possibilidade de uma psiquiatria da observação [...]” (Foucault, 2019, p. 320).

A comunicação imediata qualitativa, ainda no contexto pré-moderno, portanto, estabelece a conexão entre doença e corpo pela sua qualidade em detrimento de pontos específicos ou efeitos de duração. “O conjunto qualitativo que caracteriza a doença se deposita em um órgão que serve então de suporte aos sintomas. A doença e o corpo só se comunicam por intermédio do elemento não espacial da qualidade” (Foucault, 2020a, p. 12). Todavia, esse processo só é possível, argumenta o filósofo, devido a uma comunicação entendida como linguagem comum, compartilhamento de entendimentos estabelecido entre médico e paciente – uma troca materializada nas palavras compartilhadas entre os dois sujeitos. “Sofrimento e saber se ajustaram um ao outro na unidade de uma experiência concreta. E essa exige uma linguagem

comum, uma comunicação pelo menos imaginária entre o médico e o doente” (Foucault, 2019, p. 319-20).

Ainda no que diz respeito à comunicação qualitativa, há uma lógica circular, na qual efeitos fazem referência a si mesmos a partir de causas imaginadas. Todavia, essa circularidade vai aos poucos sendo abandonada, com o advento da Medicina Clínica, em favor de uma estrutura linear composta por uma causa observável que dá suporte à doença. Ou seja, ainda se busca por uma causa, um fator de antecedência, mas que não mais seja visualizada a partir da descrição de sensações do paciente e sim percebida pelo médico, reconhecida em um fenômeno orgânico que possa ser apresentado ao olhar, tateado ou escutado.

Além disso, o exame médico passa a considerar tensões e relaxamentos enquanto sintomas: “Com a fisiologia da fibra, tem-se toda uma malha material que pode servir de suporte perceptivo para a designação das causas próximas” (Foucault, 2019, p. 225). Trata-se, portanto, de encontrar o ocorrido simples que indica a doença. É dessa ordem, então, toda comunicação fisiológica e patológica no entendimento da medicina que, já em sua fase moderna, aos poucos vivenciava nova ruptura, transicionando da Clínica para a Anatomopatologia. Nesse contexto, identificamos ainda a chamada “comunicação tissular”, cuja ocorrência se dá pela similaridade de texturas, a partir da qual é possível identificar semelhanças e parentescos, o que Foucault caracteriza como um “sistema de comunicações [...] inscrito na configuração profunda do corpo” (Foucault, 2020a, p. 143).

Já no caso da loucura, a lógica linear aponta suas causas considerando um critério de proximidade. Dessa forma, as alterações terão como causa o cérebro, órgão de maior adjacência à alma. “Entre essa alteração e os sintomas da loucura não existe outro elo de pertinência, outro sistema de comunicação além de uma extrema proximidade [...]” (Foucault, 2019, p. 228). Ou seja, uma aproximação da estrutura anatômica com as perturbações do “espírito”, uma “[...] ordem de sucessão inamovível [que conecta] o espaço cerebral e o sistema dos signos psicológicos” (Foucault, 2019, p. 230). Paralelamente, desenvolve-se a teoria das paixões da alma (uma entrega cega aos desejos) como causas distantes da loucura. A paixão, assim, caracteriza-se como “superfície de contato entre o corpo e a alma, o ponto onde se encontram a atividade e a passividade desta e daquele, ao mesmo tempo que é o limite que ambos se impõem reciprocamente e o lugar da comunicação entre si” (Foucault, 2019, p. 235).

A loucura clássica toma a linguagem como estrutura organizadora, pois essa é a força determinante de todas as suas manifestações, sejam as do corpo, sejam as da alma. Ou seja, o discurso da loucura consiste nessa linguagem que a rege, que o espírito formularia para consigo mesmo, juntamente com um visível que, nesse caso, configura-se nos movimentos característicos do corpo ensandecido. Toda a forma de comunicação imediata depende desse discurso, o que fala muito sobre a episteme clássica, como veremos na seção seguinte.

Por fim, ainda no espectro da comunicação entendida como transmissão, o internamento em asilos ou casas de força exerciam o que Foucault chama de comunicação moral, uma espécie de contágio que transmite, por assim dizer, a corrupção e os vícios. Por isso, recomendava-se que, além de bem isolados, os internamentos primassem pela pureza do ar, o que deu origem a toda uma produção literária sobre o arejamento desses ambientes e que “delimita longinquamente o problema médico do contágio, mas que visa, de modo mais preciso, aos temas da comunicação moral” (Foucault, 2019, p. 371). Assim, buscava-se um ambiente que abrigasse o mal, permitindo sua observação, estudo e tratamento, mas que evitasse a sua comunicação, ou seja, sua contaminação, sua transmissão. É nesse contexto que as acomodações da *Salpêtrière* são reconstruídas. “Começa-se a sonhar com um asilo que, conservando suas funções essenciais, será organizado de tal maneira que nele o mal poderá vegetar sem nunca se difundir” (Foucault, 2019, p. 371). Ou seja, um ambiente hermético responsável por impedir essa transmissão-contágio-comunicação a partir da reclusão do cárcere e, dentro de tal regime de visibilidade, considerando mecanismos de arejamento do ar e segmentação dos reclusos, que impedissem a contaminação entre os internados e, da mesma forma, expusessem a loucura sem perigo aos observadores. “Em suma, asilo restituído à sua verdade de jaula” (Foucault, 2019, p. 371). Um espetáculo e, ao mesmo tempo, ferramenta pedagógica para que a loucura ali observada possa, a partir do seu exemplo de sordidez, ser evitada fora de seus muros.

2.2.1.1. Mais do que o nome para uma prática, uma filosofia para pensá-la

Vemos formar-se, assim, uma miríade de conceitos que qualificam e tematizam a comunicação ao longo destas duas primeiras obras da fase arqueológica do autor. Primeiramente, e ainda na medicina pré-moderna, à época das doenças dos vapores, a descrição cumpria importante papel na relação médico-paciente através do que Foucault chamou de comunicação

qualitativa imediata. Nela, a doença e o corpo se comunicam através de um elemento não material, de uma qualidade: são imagens descritas pelo paciente ao médico como retratos do interior do corpo inacessíveis fora das suas sensações e da sua imaginação. As estruturas do visível também são condicionantes no que diz respeito à comunicação moral. Essa, todavia, tem a forma material do internamento que, por sua vez, dá caráter de contágio à comunicação.

No que diz respeito à Medicina Clínica, no advento da Modernidade, identifica-se uma comunicação que toma a forma de pedagogia, pois, no ambiente hospitalar, cria-se um sistema que visa a transmissão de conhecimento entre os médicos, cuja tarefa é aferir e comunicar o saber. Nessa lógica, desenvolve-se uma espécie de equivalência entre o que se vê e o que é possível dizer. Ou seja, essa comunicação se dá sob a crença de que ver alguma coisa é conhecê-la na sua plenitude, assim como descrevê-la é comunicá-la na sua verdade. A comunicação, portanto, está presente no saber médico como a tradição da transmissão, sendo papel específico dos médicos: cada prático deve integrar o sistema de comunicação no contexto da pedagogia hospitalar para confrontar e comunicar o saber, ou seja, aprimorá-lo e compartilhá-lo com seus pares.

Nesse cenário da Medicina Moderna, quatro fatores caracterizam a comunicação enquanto transmissão da verdade, são eles: 1) a descrição enquanto equivalência entre o visível e o enunciável; 2) um domínio pedagógico que advém da prática e é transferido a partir dela; 3) a descrição como virtude espontânea do observável; 4) e, por fim, uma consciência médica que comunica suas regras para a sociedade a partir de um discurso. Assim, a comunicação, em sua função pedagógica, também está próxima à descrição, responsável por integrar o visível ao saber. Nesse sentido, Foucault (2020a, p. 126) afirma que descrever é “ver e saber ao mesmo tempo”, assim como é, também, ensinar a ver, pois a descrição fornece chaves para uma linguagem que vem a dominar e construir o visível – uma linguagem, via de regra, acessível apenas a iniciados. Ou seja, não consiste em retirar véus e trazer à luz, mas fazer falar o que já se vê, mas não se enxerga. A descrição, portanto, traduziria em palavras uma determinada visualidade e, nesses contextos analisados por Foucault, teria a pretensão de ser algo inteiramente fidedigno e, inclusive, neutro – um espelho perfeito do que se vê, um comunicar imediato com a verdade. O que o autor evidencia, todavia, é que tal pretensão equivalência, além de traço da episteme vigente, é um condicionante: é a linguagem que dá a ver, evidenciando o que está contido em suas

possibilidades enunciativas. Nesse contexto, invocamos a Semiótica Crítica que também aborda o tema da descrição, porém caracterizando-a como um desafio, na medida em que seu mister é definir de maneira precisa os novos signos “sem reduzi-los a classificações já conhecidas” (Gpesc, 2020, p. 21). Ou seja, uma prática da diferença que confronta essa comunicação identificada pelas arqueologias foucaultianas, que nada mais são que intermináveis homologias do mesmo, mediações pronunciadas pelo conhecido e pelo previsível (Ferrara, 2021).

Este relato sobre a tematização da comunicação no texto foucaultiano traz à tona uma primeira regularidade: o caráter funcional atribuído à comunicação, pois é ela uma prática de transmissão que opera um papel específico na estrutura do saber, seja no sentido pedagógico, no de contágio, de descrição, e mesmo quando o termo serve de sinônimo à difusão e à conexão. Nesse sentido, é relevante pontuar que o entendimento de que a comunicação tem uma função (ensinar, difundir, contagiar etc.) tradicionalmente está conectada com os modelos teóricos de análise como, por exemplo, o desenvolvido pelo cientista político Harold Lasswell.

Primeiramente, uma das três funções atribuídas por Lasswell à comunicação é, justamente, a herança social, na qual se garante “[...] a continuidade do sistema a partir da transmissão dos conhecimentos e valores de uma geração para as seguintes” (Martino, 2009, p. 27), como a comunicação no contexto da Medicina das Espécies, conforme descrita em *O Nascimento da Clínica*. Ademais, a estratégia de Lasswell consiste em desmontar o processo comunicativo em partes simples: quem, diz o que, em que canal, para quem, com que efeitos. O que também é possível observar na descrição foucaultiana da comunicação paciente-médico no contexto dos vapores. E podemos ir ainda mais longe elencando algumas outras semelhanças, visto que “O modelo procura dar conta de uma articulação linear entre os vários elementos de uma interação” (Martino, 2009, p. 27), como na comunicação orgânica descrita pelo filósofo (Foucault, 2020a).

Assim, ao mesmo tempo que os princípios de continuidade e consenso de Lasswell são estranhos à filosofia Foucaultiana, cujo pressuposto da ruptura, especialmente, marca seu pensamento arqueológico, a comunicação encontrada na obra do francês “[...] se configura como um território passível de conhecimento, ou seja, a comunicação não se habita ou é habitada pelas diferenças, ao contrário, a comunicação habita [...] a contiguidade entre formas semelhantes e

nomes universais [...]” (Ferrara, 2021, p. 4). Ou seja, a comunicação que identificamos em sua obra está no espaço da mediação que promove a ressonância entre as palavras e as coisas. Há, portanto, um antagonismo entre o lugar legado à comunicação por Foucault e os princípios pelos quais ele conduz sua filosofia.

De largada, a arqueologia prevê que não seja tomado como referência nem um indivíduo, enquanto sujeito criador, nem nenhum tipo de consciência coletiva e, muito menos, subjetividade transcendental. “A análise dos enunciados se efetua [...] sem referência a um cogito” (Foucault, 2020b, p. 150). O que cabe à arqueologia é definir, em um campo anônimo, os potenciais espaços dos sujeitos falantes. Em outras palavras, não interessa quem fala, mas o que fala e de onde fala, o *a priori histórico* e as condições de possibilidade de tais falas. Tal lógica, na verdade, libertaria a comunicação da identificação de emissores e receptores, pois uma comunicação entendida como compartilhamento de consciências não tem aderência à proposta arqueológica. Ademais, os próprios canais (enquanto o caminho de uma mensagem transmitida na lógica do modelo matemático) teriam, também, pouca relevância nessa empresa.

[...] poderíamos estudar, igualmente, a difusão respectiva desses diferentes tipos de discurso, o prestígio de cada um, a valorização decorrente de sua antiguidade (ou, ao contrário, de sua data recente) e de seu maior rigor, *os canais de comunicação e as vias pelas quais se fizeram as trocas de informação*; [...]. Todas essas questões, certamente, seriam legítimas (pelo menos algumas delas...). Mas nem umas nem outras são pertinentes ao nível da arqueologia. (Foucault, 2020b, p. 196, grifo nosso)

Ou seja, Foucault deixa claro que não se trata de afirmar que tais categorias jamais possam ser objeto da investigação arqueológica, mas que a “[...] determinação de influências, trocas, informações transmitidas, comunicações” (Foucault, 2020b, p. 197) demandam um deslocamento da análise em direção às suas condições de possibilidade histórica. Para investigá-las seria necessário “[...] descrever o campo de vetores e de receptividade diferencial (de permeabilidade e de impermeabilidade) que, para o jogo das trocas, foi uma condição de possibilidade histórica” (Foucault, 2020b, p. 197). Em outras palavras, os pressupostos arqueológicos não sustentam uma comunicação enquanto “produto de um encontro social” (Martino, 2001), mas sim (e é nossa proposta evidenciar) a que resulta de um diagrama de relações e agenciamentos que permitem que algo seja visto ou enunciado, sendo esse, precisamente, o objeto de estudos da Comunicação (Gpesc, 2020).

Assim, a tese de Foucault para a comunicação, que pretendemos aqui arrazoar, é menos a maneira como o autor maneja ou descreve o termo, enquanto um nome dado a uma prática ou a um fenômeno, e mais os pressupostos que fornece para pensá-la como campo de saber. Portanto, menos uma definição do autor para a comunicação, os sentidos que identificamos (transmissão, pedagogia, contágio, descrição etc.) são, na verdade, pistas para as análises epistêmicas feitas através de sua arqueologia. Por isso, no que diz respeito ao Comunicável, conceito e ferramenta heurística cuja proposta sistematizamos no próximo capítulo, é mais pertinente problematizarmos as condições de possibilidade, ou seja, o *a priori* histórico, que produzem um determinado entendimento de comunicação. Além disso, considerar a perspectiva epistêmica na pesquisa em comunicação permite análises que, mesmo com os olhos no passado, promovem uma visão mais crítica do presente. Dessa forma,

Para nossos propósitos, conviria perguntar com base em qual episteme a comunicação pode ser compreendida como uma ação em comum, de compartilhamento de consciências; como um dispositivo de produção de diferenças; como uma tensão localizada nas fronteiras entre dois sistemas diversos (Gpesc, 2020, p. 218).

Em outras palavras, essas pistas arqueológicas dos saberes analisados por Foucault nos ajudam a refletir sobre o espaço da comunicação nas diferentes epistemes e como essas agenciam as variadas perspectivas teóricas do Campo da Comunicação. Para aprofundar essa reflexão, descreveremos na próxima seção: a episteme renascentista, fortemente marcada por um ideal de semelhança que, a partir da conveniência e da simpatia, dá a ver uma comunicação da proximidade e do tornar comum; a episteme clássica, condicionada pela representação e que, por isso, gera uma comunicação do encontro, que está na mediação da linguagem com o conhecimento; e, por fim, a episteme moderna que, a partir do surgimento do homem como sujeito e objeto de saber, institui o vivido como espaço da comunicação e o trabalho, a vida e a linguagem como mediadores para a comunicação entre os homens.

2.2.2. *A comunicação das epistemes*

A tese doutoral de Michel Foucault, originalmente publicada em 1961 sob o título *Folie et Déraison* (loucura e desrazão) e, em 1972, em versão revisada, como *História da Loucura na*

Idade Clássica, é o início de um percurso de problematizações que, passando por *O Nascimento da Clínica*, de 1963, e *As Palavras e as Coisas*, de 1966, culminaria na formalização de um método de investigação dos saberes em *A Arqueologia do Saber*, em 1969: a Arqueologia.

[Em História da Loucura] tratava-se de descrever, antes de tudo, a formação desses objetos para demarcar, em sua especificidade, o conjunto do discurso psiquiátrico. Na *Naissance de la clinique*, o ponto essencial da pesquisa era a maneira pela qual se modificaram, no fim do século XVIII e início do XIX, as formas de enunciação do discurso médico; a análise, então, havia-se voltado menos para a formação dos sistemas conceituais, ou para a das escolhas teóricas, do que para o status, o lugar institucional, a situação e os modos de inserção do sujeito falante. Finalmente, em *Les mots et les choses*, o estudo se referia, em sua parte principal, às redes de conceitos e suas regras de formação (idênticas ou diferentes), tais como podiam ser demarcadas na gramática geral, na história natural e na análise das riquezas (Foucault, 2020b, p. 75).

O autor descreve esse percurso experimental como um conjunto de tentativas um tanto cegas, mas que se arrazoavam sucessivamente, não apenas no afinamento de um método, mas também no desvelamento de um campo próprio povoado por relações interdisciplinares. “O solo sobre o qual repousa é o que ela descobriu” (Foucault, 2020b, p. 19), afirma em *A Arqueologia do Saber*.

François Dosse (1993) estabelece alguns paralelos entre a arqueologia e o estruturalismo, comparando a paixão de Foucault pela episteme com a de Claude Lévi-Strauss pela estrutura. Nesse sentido, a empresa arqueológica está para a cultura ocidental, como o estruturalismo de Lévi-Strauss está para as culturas não-europeias – uma espécie de etnologia do velho mundo a partir do questionamento de sua episteme e como essa ordena a experiência, o conhecimento e a cultura de uma época. Existiria, portanto, na Arqueologia, um princípio estruturalista na busca pelo fundamento basilar de todo saber. Entretanto, o próprio Foucault alerta que,

Não se trata de transferir para o domínio da história, e singularmente da história dos conhecimentos, um método estruturalista que foi testado em outros campos de análise. Trata-se de revelar os princípios e as consequências de uma transformação autóctone que está em vias de se realizar no domínio do saber histórico. É bem possível que essa transformação, os problemas que ela coloca, os instrumentos que utiliza, os conceitos que aí se definem, os resultados que ela obtém, não sejam,

até certo ponto, estranhos ao que se chama análise estrutural. Mas não é essa análise que aqui se encontra, especificamente, em jogo (Foucault, 2020b, p. 19).

Nessa esteira, Judith Revel (2005, p. 16) destaca que, “Como lembra o subtítulo de *As palavras e as coisas*, não se trata de fazer a arqueologia, mas *uma* arqueologia das ciências humanas: mais do que uma descrição paradigmática geral [...]”. O método arqueológico configura-se, portanto, em um discurso sobre discursos, uma possível reescrita que não tem a pretensão de ser a única ou mesmo a mais correta. Assim, Michel Foucault “[...] correndo o risco de passar por um contrabandista do saber, oferece um pensamento que pretende ser resolutamente modesto: longe de se fazer o porta-voz do que se deve pensar, tenta desenhar os contornos do que é pensável” (Dosse, 1993, p. 170).

O conceito de episteme, nesse contexto, é abordado especialmente em *A Arqueologia do Saber e As palavras e as Coisas*, este último tendo a episteme como cerne de sua busca pela(s) história(s) do(s) saber(es). O principal objetivo da obra em questão, considerando o pensamento ocidental, é aferir as condições e a forma do saber em que as ciências humanas foram possíveis, apontando uma espécie de data de nascimento para o homem enquanto seu sujeito e objeto, de modo que, em seguida, também anuncie a sua morte. Esse histórico, considerando a episteme, não consiste em um empilhamento de conhecimentos ao longo do tempo, no qual o saber é nada mais que elemento hereditário ou fruto da tradição. Da mesma maneira, não é a observação de uma pretensa sucessão de crenças sobre as quais seria possível perguntar o que foi acrescido de novo. “A história do saber só pode ser feita a partir do que lhe foi contemporâneo [...] em termos de condições e de a priori constituídos no tempo [...]” (Foucault, 2016, p. 288). Ou seja, a Arqueologia dá a ver as epistemes na medida em que aponta como foram possíveis, em seu próprio tempo, teorias e técnicas, descrevendo o espaço de ordem que as possibilitou e a positividade da qual puderam emergir, fazendo delas práticas, crenças, saberes sujeitados ou ciências.

Foucault (2016) apresenta as diferentes epistemes que constituíram o pensamento ocidental desde a Renascença à Modernidade, evidenciando as regras de formação que ordenam e edificam cada uma em sua linguagem, conhecimento, valores, estratégias e, como desejamos evidenciar aqui, também em seu regime de comunicação. Tais epistemes são irreduzíveis umas

às outras e essa concepção epistemológica monolítica evidencia descontinuidades entre cada uma, a operar verdadeiras divisões históricas (gerais, porém não totais, como aprofundaremos no capítulo seguinte). Nesse sentido, a ruptura mostra uma transformação que advém de um “[...] espaço que, para o pensamento, está do outro lado, mas onde, contudo, ele não cessou de pensar desde a origem” (Foucault, 2016, p. 69). São essas descontinuidades que o filósofo denomina de *acontecimentos radicais*:

É um acontecimento radical que se reparte por toda a superfície visível do saber e cujos signos, abalos, efeitos, podem-se seguir passo a passo. Somente o pensamento, assenhorando-se de si mesmo na raiz de sua história, poderia fundar, sem nenhuma dúvida, o que foi, em si mesma, a verdade solitária desse acontecimento (FOUCAULT, 2016, p. 298).

As Palavras e as Coisas apresenta duas grandes descontinuidades epistêmicas no mundo ocidental – uma primeira, que rompe com a Renascença e confere as condições de possibilidade para a Idade Clássica, ao longo do século XVII, e uma segunda que assinala o prelúdio da Modernidade, no século XVIII. Nesse processo, epistemicamente, a similitude é abandonada em favor da representação que, por sua vez, dá lugar à historicidade no século seguinte.

Os últimos anos do século XVIII são rompidos por uma descontinuidade simétrica àquela que, no começo do século XVII, cindira o pensamento do Renascimento; então, as grandes figuras circulares em que se encerrava a similitude tinham-se deslocado e aberto para que o quadro das identidades pudesse desdobrar-se; e esse quadro agora vai por sua vez desfazer-se, alojando-se o saber num espaço novo (FOUCAULT, 2016, p. 297).

Assim, cabe à Arqueologia analisar essa quebra nas continuidades, percorrendo os acontecimentos em suas manifestações empíricas. É ela, da mesma maneira, que conta a história do processo que faz com que uma forma de saber seja imprescindível para uma época. Ou seja, explica o espaço em que um novo pensamento é inaugurado e coloca luz sobre o arquivo de cada episteme – o sistema coerente de pensamento próprio de uma dada época.

Nesse sentido, a arqueologia também não pode ser considerada uma mera análise discursiva, visto que não é interpretativa. “Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido”, explica Foucault (2020b, p. 147). Em outras palavras, a interpretação parte do discurso, mas fala apesar dele. Já a análise arqueológica considera seu princípio de rarefação: analisa grupamentos enunciativos em busca,

justamente, das regras de sua pobreza, aferindo-a e determinando sua forma particular. Além de considerar a historicidade que os agencia no seu espaço correlativo próprio.

Cabe pontuar também a pertinência de tal pensamento para a análise de objetos de comunicação, considerando que os regimes de visibilidade e dizibilidade de um arquivo evidenciam-se tanto no dito, como no não dito, no que pode ser visto e no que permanece oculto. Como é o caso do Clitóris (cujo regime de comunicabilidade analisamos no capítulo 4, a partir das categorias de análise crítica do Comunicável), órgão que, historicamente, desconheceu campos possíveis para a sua enunciação, especialmente porque as regras da rarefação do seu discurso partiam do corpo com pênis enquanto referência e sistema de compreensão. “Isso nos ajuda a compreender porque apesar de terem sido registradas algumas tentativas de enunciação deste órgão [...] elas não encontraram um campo referencial ou domínios associados que lhe atribuíssem valor de verdade” (Jara, 2019, p. 44).

Dessa forma, parte-se do pressuposto de que o discurso não se configura em uma espécie de tradução de processos outros originados no pensamento de um indivíduo (consciente ou inconsciente). Ao contrário, que “[...] seja aceito, em sua modéstia empírica, como local de acontecimentos, de regularidades, de relacionamentos, de modificações determinadas, de transformações sistemáticas” (Foucault, 2020b, p. 149). Dessa forma, os enunciados sobre o clitóris não careciam de melhores cientistas que o descrevessem, mas sim, das condições de possibilidade (sociais, políticas, históricas, discursivas) para sua aparição.

A Arqueologia tem por característica, justamente, medir tais transformações ocorridas no domínio das epistemes e seus discursos. Discursos que, por sua vez, são descritos por Foucault (2020b) enquanto termo que determina um conjunto de enunciados edificados por um sistema de formação em comum, ou seja, regidos pelas mesmas regras. É a partir disso que, em suas primeiras obras, o autor pôde falar de um discurso psiquiátrico, outro clínico, das ciências naturais e de um discurso econômico. Aqui, a partir de uma retomada das epistemes que regem tais discursos, buscaremos explicitar o lugar da comunicação em cada uma delas.

2.2.2.1. Comunicar pela semelhança – a Episteme da Renascença

Entre os séculos XIV e XVII, a semelhança irá se configurar em pedra angular do edifício do saber ocidental. É a partir dela que se decodifica o mundo: as análises, explicações e, especialmente, as interpretações tomam a similitude como fator ordenador, agenciando os regimes de visibilidade desse recorte epistêmico.

Toda similitude existe na relação entre um elemento manifesto e outro oculto. Nesse sentido, o autor defende ser preciso destacar as invisibilidades, considerando que a semelhança “era a forma invisível daquilo que, do fundo do mundo, tornava as coisas visíveis” (Foucault, 2016, p. 36). Sua existência, em tal lógica, demanda um sistema de marcas – assinalações que permitem que as formas invisíveis venham à luz. Diante disso, conhecer será sinônimo de interpretar, partir “da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas” (Foucault, 2016, p. 44). “O sinal da afinidade, e o que a torna visível, é simplesmente a analogia”, explica o filósofo (Foucault, 2016, p. 38). É assim que reconhecemos os animais que moram nos desenhos da lua, que apontamos a posição dos astros a definir a personalidade humana ou a presença de Deus nos detalhes da natureza.

Mas que assinalação trará a própria proporção para que seja possível reconhecê-la? Como se poderia saber que as pregas das mãos ou as rugas da fronte desenham no corpo dos homens o que são as inclinações, os acidentes ou os reverses no grande tecido da vida? Somente porque a simpatia faz comunicarem-se o corpo e o céu e transmite o movimento dos planetas às aventuras dos homens (Foucault, 2016, p. 38-9).

A astrologia ou a leitura de mãos, como no exemplo foucaultiano, são casos de simpatia, uma das quatro figuras a partir das quais a similitude é pensada na episteme renascentista. Uma simpatia que faz comunicar o invisível no visível, o oculto no manifesto e que determina, junto das demais, o lugar da comunicação do Renascimento. Além dela, tem-se a analogia, assim como a conveniência e a emulação – essas são estratégias da semelhança para trazer à luz suas invisibilidades, seja por aproximação do visível com o oculto, seja pela sua aglutinação ou mesmo por uma relação inteiramente construída entre um e outro. Cada uma dessas figuras estabelece uma lei de distribuição particular no que diz respeito à assinalação na superfície das coisas visíveis e ao que ela designa, interligando-se todas, porém, em uma peculiar semiose que faz com que “[...] o signo da simpatia resida na analogia, o da analogia na emulação, o da

emulação na conveniência, que, por sua vez, para ser reconhecida, requer a marca da simpatia...” (Foucault, 2016, p. 40) – um movimento espiralar, potencialmente infinito.

A semelhança é, portanto, o elemento conector entre o visível e o oculto em um signo que se apresenta para ser decifrado – esta é a forma do saber e, também, aquilo que assegura a profusão do seu conteúdo. É nesse sentido que a episteme renascentista, enquanto regida pela similitude, lança mão da semiologia e da hermenêutica, pois decodificar um signo seria, ao mesmo tempo, descobrir sua referência e também analisar seu sentido pondo luz sobre aquilo a que ele se assemelha.

Chamemos hermenêutica ao conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem fazer falar os signos e descobrir seu sentido; chamemos semiologia ao conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem distinguir onde estão os signos, definir o que os institui como signos, conhecer seus liames e as leis de seu encadeamento (Foucault, 2016, p. 40).

A similitude só se dá a partir de uma rede de signos, pois cada um vale pela acumulação de outros que o precederam e dos quais depende. “A natureza das coisas, sua coexistência, o encadeamento que as vincula e pelo que se comunicam não é diferente de sua semelhança” (Foucault, 2016, p. 40-1). Conseqüentemente, a comunicação, ao longo do Renascimento, existe enquanto um movimento que se efetua por meio e em prol da similitude, integrando sua cadeia de significação. Isso ocorre porque a hermenêutica da semelhança e a semiologia das marcas não são perfeitamente paralelas. Isso quer dizer que a similitude não é uma perfeita correspondência entre sentido e marca visível ou mesmo uma relação presumida entre ambos. Antes, é um movimento impelido, justamente, pelo desnível posto em meio à forma e ao conteúdo – um “entre” que agencia essa comunicação. Ou seja, por se fazer esse espaço em meio às visibilidades e os discursos, “[...] o saber e seu labor infinito recebem aí o espaço que lhes é próprio: terão que sulcar essa distância indo, por um zigue-zague indefinido, do semelhante ao que lhe é semelhante” (Foucault, 2016, p. 41).

A comunicação está, portanto, no esforço de fazer do diferente, semelhante, superar o desnível e comunicar o sentido e o visível. Esse movimento, a nível arqueológico, faz o saber da Renascença guardar em seu cerne a necessidade de uma perene modulação da semelhança entre marca e conteúdo, sendo essa relação a ponte entre o signo e o que ele indica. Tal relação acaba

por configurar uma eterna condenação ao mesmo, ou seja, a conhecer e saber sempre o mesmo universo de coisas.

Como já mencionamos, a similitude opera esse movimento de tornar comum a partir de quatro diferentes estratégias. São elas, a simpatia, a analogia, a emulação e a conveniência. Esta última configura-se em um regime de vizinhança – a partir dela as coisas se conectam considerando o compartilhamento que mantêm de lugar, de natureza, de propriedades etc. O conveniente é o espaço em que lugar e semelhança se entelham. Essa similitude que atua a partir da proximidade e do toque, portanto, torna convenientes os signos que, próximos, têm no limite de um o limiar do outro. Entretanto, não se fala aqui de uma relação de exterioridade, mas sim de uma relação de afinidade. “Na vasta sintaxe do mundo, os diferentes seres se ajustam uns aos outros; a planta comunica com o animal, a terra com o mar, o homem com tudo o que o cerca. A semelhança impõe vizinhanças que, por sua vez, asseguram semelhanças” (Foucault, 2016, p. 25).

Lucrécia Ferrara (2021) explica que o assemelhar se dá a partir de um escaneamento das aparências, uma busca por elementos que aproximem o desconhecido, traduzindo-o de modo a fazer ver a partir do que já se conhece. Em resumo,

[...] procura-se elementos de aproximação e vizinhança para, de modo conveniente, assegurar a abrangência da semelhança comum a vários ou a muitos, superando assim o desconhecido e possibilitando reconhecer, de modo quase especular, aquilo que eventualmente poderia ser diferente (Ferrara, 2021, p. 3).

Para Foucault, esse emparelhamento é nada mais que um movimento de comunicação. Nele, comunica-se pela aproximação com o objetivo de tornar comum – ajustar os seres uns aos outros e enredar semelhanças. “Desse modo, comunica-se o movimento, comunicam-se as influências e as paixões e também as propriedades” (Foucault, 2016, p. 24). Assim, a semelhança origina-se, precisamente, na comunicação, que aqui se efetua a partir de um signo de parentesco que tem por objetivo a imposição de um regime visual e discursivo partilhado – “[...] à similitude como razão surda da vizinhança, superpõe-se uma semelhança que é o efeito visível da proximidade” (Foucault, 2016, p. 25). Para além da semelhança discursiva, as mais visíveis proximidades comunicam uma descoberta que é a conveniência dos signos entre si.

A comunicação por conveniência agencia-se por uma aproximação gradativa. O mundo, dessa forma, “[...] constitui cadeia consigo mesmo” (Foucault, 2016, p. 26). Essa junção, no contexto da Renascença, retém as distâncias, especialmente entre Deus e a matéria, fazendo do homem, assim como toda a criação divina, Sua imagem e semelhança. A figura da emulação é também uma espécie de conveniência, porém sua atuação é a da aglutinação, ao mesmo tempo que do envolvimento. Através dela, aproxima-se, a partir de um cercamento, aquilo que se encontra disperso. Nesse sentido, seu movimento comunicativo difere: “Os elos da emulação não formam uma cadeia como os elementos da conveniência: mas, antes, círculos concêntricos, refletidos e rivais” (Foucault, 2016, p. 29). Ou seja, ocorre nessa forma de similitude uma espécie de geminação das coisas, “[...] nasce de uma dobra do ser, cujos dois lados imediatamente se defrontam” (Foucault, 2016, p. 27). Não há nessa relação, um original a ser duplicado, apenas o espelhamento que evidencia o semelhante – a profusão das estrelas no céu com os grãos de areia na terra, os peixes livres no mar e as aves em rasantes no céu, e assim por diante.

De longe, o rosto é o êmulo do céu e, assim como o intelecto do homem reflete, imperfeitamente, a sabedoria de Deus, assim os dois olhos, com sua claridade limitada, refletem a grande iluminação que, no céu, expandem o Sol e a Lua; a boca é Vênus, pois que por ela passam os beijos e as palavras de amor; o nariz dá a minúscula imagem do centro de Júpiter e do caduceu de Mercúrio (Foucault, 2016, p. 26-7).

É através de uma comunicação por emulação que as coisas se imitam em uma semelhança que não demanda afinidade, ou seja, uma espécie de pleonasma excêntrico. Um verdadeiro triunfo sobre a exterioridade, cuja origem perde-se nesse espelhamento. Todavia, a metáfora não apaga a distância entre os signos, cuja possível estranheza mantém-se na sua visibilidade.

Sobrepondo-se tanto à conveniência, quanto à emulação, a analogia, a terceira forma da semelhança, executa, por sua vez, uma similitude das distâncias. Aqui os limites são completamente extintos, pois não há fronteiras para o que é possível aproximar. Qualquer coisa, em qualquer conjunto de figuras, independente da distância entre elas, podem compor uma analogia e o seu campo de aplicação é, por isso, universal. A analogia busca, portanto, no singular o signo do geral, superando as diferenças de modo a transformar o heterogêneo de modo que se possa vislumbrar o homogêneo.

Conhece-se através daquilo que vai além do homogêneo, mas sem superá-lo, pois apenas lhe acrescenta outro predicado: são as assinalações, as marcas, os índices que indicam as diferenças no território das semelhanças e, assim, as transformam em contiguidade entre as palavras e as coisas (Ferrara, 2021, p. 3).

Nesse contexto, o ponto privilegiado, a figura saturada de analogias é, justamente, a do próprio homem. “O corpo do homem é sempre a metade possível de um atlas universal” (Foucault, 2016, p. 30). É o antropocentrismo característico desta era que o coloca em posição proporcional tanto ao céu, como à terra e aos fenômenos naturais – “seu rosto está para o seu corpo como a face do céu está para o éter; seu pulso bate-lhe nas veias como os astros circulam segundo suas vias próprias; as sete aberturas formam no seu rosto o que são os sete planetas no céu” (Foucault, 2016, p. 30). Dessa forma, o espaço das analogias é nada mais que um lugar de irradiação cujo sol, via de regra, é o homem que, rodeado por todos os lados, de sua parte, também informa as semelhanças que acolhe do mundo. “Ele é o grande fulcro das proporções – o centro onde as relações vêm a se apoiar e donde são novamente refletidas” (Foucault, 2016, p. 31).

Fechando o ciclo infinito das semelhanças, a simpatia é sua forma mais influente e poderosa. Nela, nenhuma relação é pressuposta, assim como nenhum caminho pode ser previamente traçado – é ela que cria os próprios caminhos e canais para a construção do semelhante. O modelo do sexo único, vigente durante toda a Renascença, é um exemplo de homogeneização pela simpatia no discurso científico e no entendimento social. “[...] a genitália de homens e mulheres era vista como tendo os mesmos elementos, apenas dispostos de forma diferente. Ambos possuíam pênis, nos homens este se projetava para fora e nas mulheres para dentro [...]” (Jara, 2019, p. 22). Tal paridade topográfica na descrição de ambas as superfícies corporais expressa como a atuação da simpatia ocorre de maneira tão insistente que não apenas produz o similar, como trata de propriamente assimilar, misturando e tornando idênticas as coisas. Sua ação é a própria transformação e apagamento das individualidades.

Cabe ressaltar, todavia, que o centro organizador da semelhança na lógica corporal seguia sendo o homem, pois o corpo outro, o da mulher, era uma versão próxima, similar, porém falha, incompleta, equivocada. Além disso, em função desse modelo de sexo único, o orgasmo, assim como o próprio desejo, estava diretamente associado à função procriadora, visto que, para o

homem, o gozo é mandatário para a reprodução. Assim, o incentivo ao prazer ocupava este lugar utilitário nos manuais técnicos de médicos e de parteiras (Laqueur, 2001). Sem marcas semelhantes ou correspondência com a organização fisiológica masculina, o clitóris não era órgão visível ou enunciável, sua comunicabilidade era negativa.

Nesse sentido, assim como a conveniência, é também pela simpatia que Foucault, diretamente, caracteriza a comunicação pela semelhança.

A simpatia transforma. Altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do Mesmo: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único ímã (Foucault, 2016, p. 32-3).

O regime de comunicabilidade da episteme renascentista se sustenta, precisamente, nesse esforço do tornar comum a partir do apagamento das diferenças. O que nos remete à etimologia do termo, como explica Luiz Cláudio Martino (2001, p. 13): “[...] comunicação não designa todo e qualquer tipo de relação, mas aquela onde haja elementos que se destacam de um fundo de isolamento”, uma invisibilidade que, a partir da comunicação, é trazida à luz. Ademais, o autor (Martino, 2001) também relembra que comunicar não consiste em simplesmente ter algo em comum, mas em tornar comum – similar e simultâneo – um objeto de consciência.

Nesse sentido, o par simpatia-antipatia com seu movimento sanfonado de aproximação e dispersão é o que desenha o espaço de atuação de todas as formas de semelhança: a simpatia comunica através do tornar comum e a antipatia desconecta a partir da diferença. Ainda no exemplo do sexo único, a diferença, a antipatia dessa simpatia, expressava-se na deficiência do corpo das mulheres, que seriam portadoras de um pênis subdesenvolvido e incapaz de completar sua formação de modo a se projetar para fora. É nesse sentido que, na comunicação por semelhança, “Os nomes desconhecem as diferenças, porque as transformam em assinalações que entendem a comunicação como forma de dizer o mundo pelas suas analogias e o exibem através do modo como ele se mediatiza nas suas semelhanças” (Ferrara, 2021, p. 4). Assim, a partir da semelhança não apenas o mundo se organiza, mas a comunicação constrói seu espaço considerando os códigos e os hábitos que estimula. Tal espaço é, afirma Lucrécia (2021, p. 4), a gênese dessa comunicação geradora de crenças e cujo maior interesse é conjugar, fazer igual,

tornar comum. E é justamente a dicotomia identidade-diferença que irá verticalizar a epistemologia e, conseqüentemente, a comunicação da Idade Clássica, como exploraremos a seguir.

2.2.2.2. Uma linguagem que faz comunicar – Representação e a Episteme da Idade Clássica

Se no Renascimento a interpretação dos signos é ponto central da episteme e sua comunicação se dá por meio da semelhança, na Idade Clássica o cerne será a ordem e sua agência sobre o signo é o que determinará um saber calcado na identidade e na diferença. Da mesma maneira, se nos séculos anteriores o signo tinha por medida a similitude, a ruptura que se deflagra no fim do século XVII vem inaugurar a representação como régua para aferir a ligação do signo com aquilo que ele indica. “[...] a relação entre o visível e o invisível, necessária a todo saber concreto, mudou de estrutura e fez aparecer sob o olhar e na linguagem o que se encontrava aquém e além de seu domínio” (Foucault, 2020a, p. XI). Assim, o espaço da comunicação do século XVIII, como veremos aqui, será o da linguagem que, soberana e discreta, vem a conter o próprio pensamento.

Uma teoria binária do signo nasce como fruto da episteme classicista e, por isso, está fortemente conectada com a teoria geral da representação, esteio do saber da Idade Clássica. A partir dela, pode-se afirmar que significante e significado estabelecem ligação quando um representa o outro. Para este signo existem três variáveis: 1) Ele pode ser tanto natural (uma espécie de reflexo), quanto de convenção (em termos de uma palavra que significa algo para um grupo específico); 2) Estar inserido no que designa (como as nuvens indicam a chuva) e, ao mesmo tempo, diferente do que significa. “Como observa Condillac, um som não se tornaria jamais para uma criança o signo verbal de uma coisa, se não tivesse sido ouvido, pelo menos uma vez, no momento em que a coisa é percebida” (Foucault, 2016, p. 83). Nesse sentido, o signo classicista, rompendo com a lógica da episteme que o precedeu, não mais busca aproximar as formas, mas prosseguir a semiose em um desdobramento “dos substitutos com os quais pensamos” (Foucault, 2016, p. 84). Ou seja, mantém as distâncias e as variantes do tempo; 3)

Por fim, o signo da Era Clássica pode ser constante ou apenas provável, tal qual o azul do céu está para o bom tempo e o vento forte para uma potencial tempestade.

Ademais, os signos passam a ser avaliados quanto à sua funcionalidade. É nesses termos que a linguagem, como sistema em que o conhecimento se sedimenta, passa a ser edificada de modo a compor uma espécie de eficiência fabricada. “O saber não tem mais que desencravar a velha palavra dos lugares desconhecidos onde ela pode se esconder; cumpre-lhe fabricar uma língua e que ela seja benfeita” (Foucault, 2016, p. 87). Ou seja, uma verdadeira “língua dos cálculos” forjada na verdade de seu tempo – é a era de um mundo posto em quadros.

A Idade Clássica é o berço da História Natural, prelúdio da biologia moderna, uma ciência que designava o pertencer das coisas e da linguagem à representação. Em seu fazer, o olhar é rei e, por isso, o regime do visível encontra-se o mais próximo possível das palavras. “A História Natural não é nada mais que a nomeação do visível” (Foucault, 2016, p. 181). Nessa lógica, a Taxonomia clássica toma por base de análise quatro variáveis de descrição: a forma, o número, a disposição e a grandeza. Todos eles percorridos em um mesmo movimento pela linguagem e pelo olhar. À maneira dessa taxonomia, as ciências clássicas terão como norte a descoberta de elementos simples seguida de uma composição progressiva em direção à formação de quadros que sejam capazes de expor um conhecimento. É este o centro do saber, de acordo com Michel Foucault (2016), entre os séculos XVII e XVIII e a Medicina Clínica, como abordamos na subseção anterior, integra esse grupo de ciências. Em seu contexto, “Definiu-se [...] um uso absolutamente novo do discurso científico: uso de fidelidade e obediência incondicional ao conteúdo dolorido da experiência – dizer o que se vê; mas uso também de fundação e de constituição da experiência - fazer ver, dizendo o que se vê” (Foucault, 2020a, p. 216). Olhar, falar e ensinar a ver, a partir da descrição, explicitavam uma transparência entre o discurso científico e a experiência. Comunicar, portanto, era, em um só movimento, conhecer e aprender.

O olhar lia soberanamente um texto, cuja clara palavra recolhia sem esforço, para restituí-la em um segundo discurso idêntico: dada pelo visível, essa palavra, sem nada mudar, fazia ver. O olhar retomava em seu exercício soberano as estruturas de visibilidade que ele próprio depositara em seu campo de percepção (Foucault, 2020a, p. 129).

O olhar reconhece e fala sobre a estrutura que ele mesmo organiza e constrói, “penetra no espaço que ele estabeleceu como objetivo percorrer” (Foucault, 2020, p. 150). É nesse contexto que a episteme da cultura ocidental se torna íntima de uma ciência universal da Ordem, na qual o fundamental não era necessariamente matematizar a natureza e a linguagem, mas tomar por base a *Máthêses*, a lógica cartesiana, única capaz de analisar a tudo com base na quantidade e na ordem, ou seja, tomando as teorias matemáticas como o modelo verdadeiro de conhecimento. Assim, estabelece-se entre as coisas e os seres, mesmo aqueles que não podem ser mensurados, uma sucessão organizada, pensada a partir da ordem e da medida.

Em tal cenário é possível vislumbrar o cumprimento daquilo que Foucault considera ser o coração do pensamento clássico: o projeto do alemão Gottfried Wilhelm Leibniz de efetivação de uma matemática das ordens qualitativas.

[...] os conceitos leibnizianos de demonstração e de ciência demonstrativa são moldados por seu axioma de identidade. Leibniz argumenta que qualquer ciência demonstrativa pode ser transformada em um sistema, também de caráter dedutivo, cuja base consiste inteiramente de identidades, tanto de identidades explícitas (do tipo $A = A$), como de definições (identidades supostas ou “implícitas”) (Cass, 2013, p. 267).

Mesmo Leibniz tendo por base de sua proposta de sistematização a álgebra, Foucault pondera que, de fato, o instrumento de análise Classicista “[...] não era o método algébrico, mas o sistema de signos. Assim apareceram a gramática geral, a história natural, a análise das riquezas, ciências da ordem no domínio das palavras, dos seres e das necessidades” (Foucault, 2016, p. 79).

Em tal sistema de signos, não existe, como na Renascença, uma mediação efetuada no desnível posto entre sentido e as marcas visíveis. Essa relação, na Idade Clássica, se dá no interior do próprio conhecimento enquanto sistema. “De fato, o significante tem por conteúdo total, por função total e por determinação total somente aquilo que ele representa: ele lhe é inteiramente ordenado e transparente” (Foucault, 2016, p. 89). Assim, os signos, como elemento mínimo da linguagem, são de grande importância para o pensamento clássico, visto que são uma extensão da representação. É possível dizer, portanto, que sempre que “[...] uma representação esteja ligada a outra e represente em si mesma essa ligação, há signo” (Foucault, 2016, p. 90). Ao mesmo tempo, não existe um *antes* do signo, ou mesmo um discurso prévio a ser descoberto. A

lei do signo é, portanto, nada além e nada menos do que aquilo que ele quer dizer – a análise do seu sentido.

A linguagem torna-se soberana na episteme clássica, pois as palavras têm por pretensão representar o pensamento em si. Por isso, “Não é efeito exterior do pensamento, mas o próprio pensamento” (Foucault, 2016, p. 108). É por isso que, além de soberana em sua época, é também discreta. Foucault (2016, p. 115) explica que ela “Não é tanto o instrumento de comunicação dos homens entre si, como o caminho pelo qual, necessariamente, a representação comunica com a reflexão”. Enquanto caminho entre a reflexão e o pensamento é, portanto, quase invisível e, em consequência, por ser quase imperceptível, funciona – ela faz comunicar. Isso porque a linguagem é conhecimento na sua forma espontânea e irrefletida de impor-se de fora aos sujeitos que conduz. Nesse sentido, “As ciências são línguas benfeitas na mesma medida em que as línguas são ciências incultas” (Foucault, 2016, p. 120). Daí a premissa classicista da busca pelo perene reajuste da língua, não estético, mas analítico, “[...] de modo que a cadeia de conhecimentos possa aparecer com toda a clareza, sem sombra, sem lacuna” (Foucault, 2016, p. 120). Ao mesmo tempo, é o próprio conhecimento que modifica a língua, deixando vestígios de sua verdade nas palavras. “As línguas, saber imperfeito, são a memória fiel de seu aperfeiçoamento” (Foucault, 2016, p. 121). Dessa forma, a herança intelectual das civilizações, seus monumentos de saber, são muito mais o vocabulário e as sintaxes do que os textos propriamente ditos. Se, séculos depois, Marshall McLuhan afirmaria ser possível compreender o mundo, em uma determinada época, a partir dos ambientes e dos meios, na Era Clássica acreditava-se ser possível vislumbrar essa verdade a partir das línguas.

“Vê-se assim aclarar-se o elemento luminoso no qual comunicam, em pleno direito, linguagem e conhecimento, discurso benfeito e saber, língua universal e análise do pensamento, história dos homens e ciências da linguagem” (Foucault, 2016, p. 122). A língua é, portanto, toda ela, um sistema discursivo, que se aplica de maneira eficaz às práticas e teorias. Assim, é a partir desse isomorfismo arqueológico, regido pela episteme classicista, que a História Natural, por exemplo, se efetiva: “[...] eis por que ela apareceu precisamente nesse momento [...]; é a possibilidade de ver o que se poderá dizer, mas que não se poderia dizer depois, nem ver, a distância, se as coisas e as palavras, distintas umas das outras, não se comunicassem, desde o início, numa representação” (Foucault, 2016, p. 178). Também o discurso econômico se guiava

pela mesma ordenação. “A atividade dos homens e o valor das coisas comunicavam-se no elemento transparente da representação” (Foucault, 2016, p. 348). A gramática geral, na mesma linha, tinha por premissa uma ordem de continuidade cuja lei era uma comunicação universal entre todas as línguas a partir da representação: “[...] todas elas tinham de analisar, de compor e recompor representações que, em limites bastante amplos, eram as mesmas para o gênero humano inteiro” (Foucault, 2016, p. 403).

A linguagem “[...] surge como sucedâneo da comunicação ao estar no mundo utilizando como veículo a palavra” (Ferrara, 2021, p. 2). É justamente na restauração da comunicação entre a linguagem e a representação que os saberes sobre o corpo são acometidos de uma importante descontinuidade – inicia-se um processo de abandono do modelo do sexo único em favor do da diferença sexual. Passam, dessa forma, a existir duas superfícies corporais diametralmente opostas em sua descrição e, também, na sua estrutura conceitual.

Com efeito, o movimento que se pode notar com relação à ruptura dos saberes sobre o corpo não coincide com a ruptura dos modos de apreensão da verdade ou da mudança técnica pelas quais passa a medicina. [...] Ou seja, o que muda a forma de ver o corpo não são os métodos ou técnicas, mas as condições de enunciabilidade (Jara, 2019, p. 36).

Isso porque, mesmo em meio à popularização da dissecação de cadáveres, a mulher chegou a ser reafirmada como uma espécie de homem invertido, com detalhes ainda mais finos em ilustrações de livros de anatomia. Tal fato reforça que os sinais de diferença que viriam a ser descritos posteriormente entre um corpo macho e outro fêmea na espécie humana aguardavam por condições de possibilidade que permitissem comunicar tal verdade enquanto conhecimento. Essa linguagem reformulada, cuidadosamente construída, abria caminho para uma diferenciação que, todavia, não apagava uma premissa hierárquica entre o homem e a mulher. A biologia, rumando à modernidade, travestia tal hierarquização na neutralidade da *natureza* – um novo norteador para as ciências do corpo, assim como para as ciências humanas, que materializarão essa verdade na comunicação de papéis sociais.

2.2.2.3. O vivido como espaço de comunicação - Historicidade e a Episteme da Modernidade

O século XVIII apresenta, progressivamente, as condições de possibilidade para o saber Moderno. O rompimento com a lógica cartesiana, assim como com a representação, a identidade e a diferença, aos poucos abre caminho para uma historicidade que dará a ver as ciências humanas e o homem como objeto de saber. Michel Foucault defende que as ditas *Ciências do Homem* integram o campo epistemológico moderno como qualquer outra ciência e são determinadas por suas regras e valores, todavia, não se configuram efetivamente em uma ciência. O que torna as Ciências Humanas possíveis é sua proximidade com a biologia, a economia e a linguística e com seu espaço de projeção. “[...] e se se perguntar então por que assumiram esse título, bastará lembrar que pertence à definição arqueológica de seu enraizamento o fato de que elas requerem e acolhem a transferência de modelos tomados de empréstimo a ciências” (Foucault, 2016, p. 507).

Antes disso, natureza e natureza humana, na Idade Clássica, estabeleciam uma relação na qual uma opunha-se completamente à outra, formando, paradoxalmente, uma relação positiva: “a natureza, pelo jogo de uma justaposição real e desordenada, faz surgir a diferença no contínuo ordenado dos seres; a natureza humana faz aparecer o idêntico na cadeia desordenada das representações” (Foucault, 2016, p. 425-26). Tal processo de comunicação, a partir dessas duas funções opostas, porém complementares – diferença e identidade –, tem como consequência uma linguagem que ainda exclui o humano como objeto de saber comunicável. “Ambas fazem aparecer, sobre uma trama ininterrupta, a possibilidade de uma análise geral que permite repartir identidades isoláveis e as visíveis diferenças, segundo um espaço em quadro e uma sequência ordenada. Mas não conseguem uma sem a outra, e é assim que se comunicam” (Foucault, 2016, p. 426).

Então, que modificações epistêmicas foram necessárias para que as ciências humanas fossem possíveis e a comunicação, que antes ocupava exclusivamente o espaço da linguagem a partir da transparência da representação, passasse, na episteme Moderna, a ocupar o espaço do vivido, considerando a mediação não apenas da linguagem, mas também do trabalho e da vida? A análise foucaultiana parte do fim do século XVIII e adentra o século XIX para, nesse espaço de tempo, epistemicamente, definir o signo a partir da análise do sentido e da significação. Assim

“[...] os signos da linguagem não têm como valor mais do que a tênue ficção daquilo que representam” (Foucault, 2016, p. 66). A linguagem está destronada e só retomará seu título de nobreza através da literatura que, de maneira inventiva e sem amarras, desafiará a representação e as relações de parentesco entre as palavras e as coisas. Nesse contexto, *Dom Quixote* é tido pelo filósofo como a primeira obra moderna, pois debocha dos signos e das similitudes a partir da desrazão e da imaginação.

[...] o espaço geral do saber não é mais o das identidades e das diferenças, o das ordens não quantitativas, o de uma caracterização universal, de uma taxonomia geral, de uma máthesis do não mensurável, mas um espaço feito de organizações, isto é, de relações internas entre elementos, cujo conjunto assegura uma função; mostrará que essas organizações são descontínuas, que não formam, pois, um quadro de simultaneidades sem rupturas, mas que algumas são do mesmo nível enquanto outras traçam séries ou sequências lineares (Foucault, 2016, p. 298-99).

A sucessão é, portanto, um princípio organizador e a conexão de uma organização à outra é, justamente, a relação entre os elementos que compõem o conjunto a partir da função que juntos exercem. Aqui, a visibilidade também perde consideravelmente seu peso, se compararmos à sua predominância na Era Clássica. A nova episteme baseia-se, inclusive, em um princípio avesso ao visível, “[...] interno e irreduzível ao jogo recíproco das representações. Esse princípio (ao qual corresponde, na ordem da economia, o trabalho) é a organização” (Foucault, 2016, p. 311). Nessa lógica, a frequência de um elemento não afere sua pertinência. O que determina sua importância (e a sua regularidade) é a sua funcionalidade. Não é à toa, portanto, que Foucault irá caracterizar o estruturalismo, não como uma nova metodologia, mas sim como “[...] a consciência desperta e inquieta do saber moderno” (Foucault, 2016, p. 287).

Ademais, retoma-se a relação com o invisível, mas não como a indicação de um sentido secreto a ser interpretado e decodificado (como é possível observar no Renascimento), mas sim como uma razão profunda que impele o resgate “dessa secreta arquitetura em direção aos seus sinais manifestos, que são dados à superfície dos corpos” (Foucault, 2016, p. 315), uma espécie de analogia moderna.

A episteme moderna também inaugura uma filosofia de caráter transcendental que vem a influenciar a positividade das ciências da vida, da linguagem e da economia, tornando possível, a partir de um campo formal e empírico, o conhecimento objetivo das leis de produção, das

formas de linguagem e dos seres vivos. “Uma tal organização está ligada, na sua possibilidade arqueológica, à emergência desses campos empíricos de que, doravante, a pura e simples análise interna da representação não pode mais explicar” (Foucault, 2016, p. 338). Em tal contexto, observa-se um movimento duplo e oposto: negativamente, o domínio do conhecimento se isola no projeto de constituição de uma ciência pura; positivamente, o empírico assume função filosófica nas reflexões sobre o ser humano, sua finitude e sua subjetividade – uma maneira moderna de refletir sobre a ordem do vivido.

A História, na modernidade, vem a se relacionar diretamente com o princípio da finitude humana, que está no âmago de todas as positividades empíricas: “[...] ela é marcada pela espacialidade do corpo, pela abertura do desejo e pelo tempo da linguagem” (Foucault, 2016, p. 434). O humano da Era Moderna só se efetiva – na sua existência material, laboriosa e comunicante – enquanto figura de finitude. Uma das maneiras de pensar a finitude é a partir de Marx, que defende que “[...] a História, espoliando o homem de seu trabalho, faz surgir em relevo a forma positiva de sua finitude – sua verdade material enfim liberada” (Foucault, 2016, p. 359). Considerando a disposição do saber do século XIX, o marxismo está como peixe em água doce, ou seja, em outras condições seria epistemicamente impensável. Além da historicidade da economia, da finitude da existência e da suspensão do devir, as sequências cronológicas exprimem “[...] o modo de ser profundamente histórico das coisas e dos homens” (Foucault, 2016, p. 382).

A linguagem, como já mencionamos, não tem mais o poder de representar coisa alguma por si só. Passa, agora, a se vincular a uma representação na medida em que faz parte de uma organização gramatical. Se antes só era possível conhecer o mundo através da linguagem, a partir do século XIX, ela se dobra sobre si mesma e vira um objeto de conhecimento, com história, leis e espessura próprias. Assim surge a filologia, da mesma maneira que surgem as condições de possibilidade para a biologia e a economia política.

Dadas essas condições epistêmicas, o pensamento moderno tomou por mister estabelecer um espaço discursivo que abarcasse suas problemáticas transcendentais e, também, empíricas. Tal papel foi desempenhado pela análise do vivido, um espaço no qual tais conteúdos, ainda que separados, seriam dados à experiência e à investigação.

[O espaço do vivido] [...] estabelece, na verdade, comunicação entre o espaço do corpo e o tempo da cultura, as determinações da natureza e o peso da história, sob a condição, porém, de que o corpo e, através dele, a natureza sejam primeiramente dados na experiência de uma espacialidade irreduzível, e de que a cultura, portadora de história, seja primeiramente experimentada no imediato das significações sedimentadas (Foucault, 2016, p. 442-43).

Assim, a análise do vivido, lugar da comunicação da episteme moderna, vem a executar as demandas postas pelas Ciências Humanas “[...] quando se pretendeu fazer valer, no homem, o empírico pelo transcendental” (Foucault, 2016, p. 443), ou seja, conectar corpo e cultura na figura empírico-transcendental humana. O filósofo problematiza essa premissa apontando que a verdadeira contestação do cartesianismo positivista da Renascença não residiria nesse retorno ao vivido, mas sim no questionamento da própria existência humana.

De qualquer forma, trabalho, vida e linguagem, nessa nova configuração epistêmica, passam a ter uma historicidade própria, sendo através dessas três instâncias que se dá a comunicação moderna. “O homem constituiu-se no começo do século XIX em correlação com essas historicidades. [...] É sempre sobre o fundo do já começado que o homem pode pensar o que para ele vale como origem” (Foucault, 2016, p. 455). Ou seja, o humano pode pensar a si mesmo a partir do seu corpo, da sua produtividade e daquilo que fala. São essas, portanto, mediações complexas que, na sua historicidade, dominam o homem que, por sua vez, “sem o saber” as reanima de maneira sucessiva. “Mas é preciso, na verdade, que o saiba de certa maneira, pois que é assim que os homens entram em comunicação e se acham na rede já entabulada da compreensão” (Foucault, 2016, p. 457). É a partir da sedimentação histórica depositada e enraizada na vida, na sociedade e na linguagem, que se dá, portanto, a “comunicação inter-humana” (Foucault, 2016, p. 516) através da qual se estabelece um jogo de trocas hermenêutico e social. “Todo conhecimento se enraíza numa vida, numa sociedade, numa linguagem que têm uma história; e, nesta história mesma, ele encontra o elemento que lhe permite comunicar-se com outras formas de vida, outros tipos de sociedade, outras significações [...]” (Foucault, 2016, p. 516). Esse processo, no qual positivities formadas historicamente “[...] podem entrar em contato umas com as outras, envolverem-se à maneira de conhecimento, liberarem o conteúdo que nelas dormita” (Foucault, 2016, p. 516) diz respeito ao que Foucault

denomina de arquivo, cujo limiar abriga o Comunicável, como exploraremos no capítulo seguinte.

2.2.3. *A comunicação e as discontinuidades epistêmicas*

Ao longo deste primeiro capítulo, passemos da Comunicação a Foucault e de Foucault à Comunicação em busca de possíveis entradas na obra do filósofo francês e as melhores estratégias para transitar por ela considerando o objetivo desta pesquisa. A partir do que colhemos de nossos pares, compreendemos a necessidade de construir pontes e inventar caminhos para abordar a comunicação a partir do arcabouço foucaultiano. Por isso, do Campo da Comunicação, rumamos ao território foucaultiano para mapear sua arqueologia filosófica e analisar em que contextos e de que maneiras o autor tematiza a comunicação em seu texto. Nesse processo, identificamos a transmissão, a pedagogia e o contágio como sentidos atribuídos por ele à comunicação. Todavia, atestamos que, mais do que a definição de uma prática, a contribuição da teoria foucaultiana estaria em pressupostos de sua obra úteis para problematizar a comunicação. Assim, no lugar de apontar a comunicação, nossa análise buscou transformar, reescrevendo a história das epistemes de Foucault ao colocar a comunicação no centro desse resgate arqueológico. Dessa forma, evidenciou-se para cada era epistêmica, um regime de comunicabilidade diferente – na Renascença, o apagamento das diferenças e uma comunicação pela semelhança; Na Idade Clássica, uma comunicação que tem por sucedânea a linguagem; e, por fim, na Modernidade, uma historicidade acumulada na vida, no trabalho e na linguagem que permite a comunicação do homem em sociedade, com outras formas de vida e outras significações.

Tendo analisado as epistemes a partir da comunicação, marcamos o seu lugar de potência na arqueologia foucaultiana. A partir disso, propomos demonstrar que o caminho contrário também é possível e que, na observação de fenômenos, objetos e expressões comunicativas, logramos identificar tendências de rompimento epistêmico e, nesse contexto, transformações no que é possível comunicar e como. Isso porque as discontinuidades não ocorrem de todo, de maneira horizontal e total. Ao contrário, seu acontecimento é vertical, em rupturas menores, dispersas e manifestas no Comunicável. Assim, acontecimentos cotidianos, fenômenos

localizados ou expressões específicas evidenciam estruturas visuais e discursivas que carregam indícios de transformações que transcorrem em um todo maior.

No capítulo a seguir, apresentamos, portanto, o Comunicável como 1) qualidade do objeto que já é capaz de adentrar nas trocas simbólicas das interações sociais; 2) limiar do arquivo e, por isso, conceito que expressa o espaço de fronteira entre as epistemes; e, por fim, 3) ferramenta heurística para a tarefa de, na observação desse intervalo, analisar os processos de transformação e as tendências para o novo arquivo que se forma na esteira da quebra epistêmica.

3. O Comunicável

Na “arqueologia”, reencontra-se, ao mesmo tempo, a ideia de arquê, isto é, do começo, do princípio, da emergência dos objetos de conhecimento, e a ideia de arquivo – o registro desses objetos.

Judith Revel, 2005, p. 17

A arqueologia foucaultiana, na medida em que se dedica aos discursos, às funções enunciativas e suas condições de possibilidade, necessita ter um olhar especial para a história e suas sedimentações. Neste contexto, ela “[...] descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo” (Foucault, 2020b, p. 161), sendo este último a materialização de tais discursos. Por essa razão, o método arqueológico “[...] parte sempre de um *corpus* determinado e não-infinito, por mais diverso que seja, de palavras e textos, de frases e proposições, emitidos numa época e cujas ‘regularidades’ enunciativas ele procura destacar” (Deleuze, 2013, p. 65).

O arquivo é, portanto, enquanto objeto da arqueologia, composto por um sistema múltiplo em sua materialidade e aderente aos saberes de um dado recorte epistêmico. A episteme, por sua vez, no agenciamento de sua lógica própria, rege o aparecimento dos enunciados em sua natureza acontecimental. Nessa configuração, o arquivo tem função dupla: é o agente de ruptura epistêmica, prevenindo que as coisas ditas apenas se empilhem infinitamente em uma linearidade sem termo, e, também, o elemento aglutinador que impede que essas mesmas coisas desapareçam simplesmente, antes se agrupem na regularidade da sua dispersão. É no arquivo, inclusive, que é possível observar os fenômenos empíricos que expressam as descontinuidades que separam as diferentes eras epistêmicas.

Nessa trilha, a episteme configura-se em um escopo de relações, uma espécie de grande guarda-chuva, situada historicamente, a cobrir variadas práticas discursivas. Judith Revel (2005) a chama de dispositivo (adiantando um conceito que Foucault apresentaria em sua fase genealógica), mas define-o como um dispositivo estritamente discursivo, ou seja, composto por positivities discursivas, assim como por figuras epistemológicas (as quais Foucault não trata de maneira diferenciada ou privilegiada – tanto enunciados científicos quanto pré-científicos podem integrar o guarda-chuva epistêmico). Tal dispositivo, quando investido analiticamente, permite uma descrição histórica e estrutural dos saberes. Ademais, essa descrição conta com uma

noção de descontinuidade que privilegia precisamente os rompimentos epistêmicos, nos quais Foucault observa as transformações que caracterizam cada momento histórico.

Assim, também na presente tese, considerando nosso objetivo de pesquisa, voltamo-nos às quebras, especificamente ao limiar do arquivo, que é a fronteira que delimita sua gênese, para analisar o fator de produção de diferença que caracteriza a sua existência, a fissura que separa o que costumava ser dito (e não mais o pode ser) daquilo que ainda se encontra fora da prática discursiva. Esse espaço de movimento e diferenciação é o lugar do *em potencial*, é o espaço que aqui propomos chamar de *Comunicável*, cujo sufixo *ável*, responsável por indicar possibilidade, quando agregado ao radical *comunic*, manifesta a sua condição ontológica de desprendimento das continuidades – uma conjunção de novos regimes de dizibilidade e visibilidade que, por sua vez, provocam mudanças nas práticas discursivas e, por isso, interferem na instauração de novos objetos discursivos. Assim, o Comunicável é sempre em movimento e aponta, invariavelmente, na direção da reconfiguração dos olhares, tendo como ponto de partida o exterior da linguagem que, a partir dele, se modificará e, eventualmente, se calcificará no comunicado – apenas para modificar-se novamente em cada novo rompimento epistêmico.

Este capítulo apresenta o Comunicável enquanto uma tese inscrita na obra foucaultiana e que aqui arrazoamos a partir de uma visada ao mesmo tempo arqueológica e comunicacional. Configura-se, portanto, na culminância de um percurso de pesquisa que vimos relatando e que teve por gênese o mapeamento do tema da comunicação e seus conceitos adjacentes nos principais livros publicados pelo autor na década de 1960, assim como uma análise das entradas teóricas e recursos heurísticos que o Campo da Comunicação se utilizou para apropriar-se e instrumentalizar o arcabouço conceitual e as reflexões foucaultianas. Ou seja, percorremos o Campo da Comunicação tendo por guia o mapa foucaultiano para, em seguida, avançar sobre o “território Michel Foucault” com a bússola comunicacional.

Agora, munidos de mapa e bússola, exploramos a topografia do Comunicável, espaço que propomos desenhar inventivamente. Para isso, primeiro abordaremos alguns conceitos necessários para a sua compreensão, em especial o arquivo e o objeto discursivo. Em seguida, revisitamos a obra *A História da Loucura*, para nela resgatar o processo, descrito por Foucault, através do qual a loucura torna-se comunicável – uma análise da análise.

Da Renascença à Modernidade, a loucura passou entre diferentes espaços, cambiando seu status enquanto transitava nos contextos histórico-epistêmicos. Foucault opera o resgate dessa oscilação atestando que, “[...] primeiro, de objeto de exclusão, ela será em seguida incluída nas práticas de reclusão” (Dosse, 1993, p. 179). Esse processo nos diz dos caminhos da loucura em direção à sua configuração como um objeto discursivo e, ao mesmo tempo, fala sobre o rompimento com seus estatutos prévios, operação através da qual transita pelo Comunicável dentro das condições de possibilidade da modernidade.

Apontaremos os elementos identificados nesse percurso, aprofundando-os para, em seguida, propor uma aplicação heurística do Comunicável para objetos de estudo da Comunicação. Como resultado, apresentamos e descrevemos o que chamamos de *categorias de análise crítica do Comunicável*: a indiferenciação, a estrutura do visível, os registros de memória, o rompimento epistêmico e o jogo de trocas.

3.1. O regime dos objetos e os espaços de fronteira

Os objetos são projetos de fronteiras.

Donna Haraway, 2023, p. 351

Um projeto se caracteriza por suas coordenadas de caráter intencional – movimentos premeditados movidos por um desejo, uma tenção específica. Os objetos de um saber são projetos de um território muito específico de característica fronteira – o Comunicável. Em *A reinvenção da natureza – Símios, ciborgues e mulheres*, Donna Haraway (2023) atenta para a dificuldade de avistar as fronteiras semióticas que produzem novos objetos/corpos de conhecimento. Ela destaca que tais limites só podem ser desenhados por meio de práticas de mapeamento e que os corpos, por sua vez, só se materializam de maneira culminante através da interação social. Ademais, esses espaços de fronteira são altamente produtivos semioticamente. Como afirma Haraway (2023, p. 351), “O que as fronteiras contêm provisoriamente permanece gerativo e produtivo de significados e corpos. Situar (e avistar) fronteiras é uma prática arriscada”. O risco se coloca, precisamente, no fato de que os objetos não preexistem a si mesmos. Assim, descrever o seu processo de formação é um exercício analítico complexo, ao

mesmo tempo que criativo. Isso porque um plural e complexo feixe de relações é responsável por lançar um objeto em um campo de exterioridade. Tal feixe se forma a partir de uma codificação específica e revolucionária de diversos pontos – e é somente sob as condições positivas dessas relações que o objeto vem a existir. Em outras palavras, antes de vir à tona e tomar parte no jogo das trocas, antes de ser comunicável, o objeto nem existe.

Logo, sua encarnação, tanto visível quanto enunciável, não é uma espécie de libertação das sombras onde aguardava ser iluminado por uma mente perspicaz. Não basta uma busca minuciosa para que, com os olhos bem abertos e a mente muito atenta, novos objetos sejam descobertos e, assim, possa-se falar coisas novas. Consequentemente, da mesma maneira que não se pode comunicar qualquer coisa em qualquer período histórico, é também muito incomum que algo novo se torne comunicável. Tal dificuldade é, portanto, uma das marcas do Comunicável, pois quebras epistêmicas, intrínsecas a esses ambientes de fronteira, não ocorrem da noite para o dia.

Haraway ainda destaca que “[...] as fronteiras mudam a partir de dentro; elas são bastante complicadas” (Haraway, 2023, p. 351). Assim, as relações que edificam objetos não são exteriores aos discursos, não são imposições que forçam o discurso a dizer certas coisas. Elas estão

[...] de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele possa falar, ou antes (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso, de outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática (Foucault, 2020b, p. 56).

Compreender o discurso como uma prática implica que levemos em consideração, necessariamente, o *a priori* histórico, as suas condições de possibilidade, as que permitem que um objeto se aparente com outros objetos, assim como estabeleça semelhanças e proximidades e, também, diferenças e disparidades. “Falar e ver, ou melhor, os enunciados e as visibilidades, são elementos puros, condições a priori sob as quais todas as ideias se formulam num momento e os comportamentos se manifestam”, afirma Deleuze (2013, p. 69) ressaltando que essa busca das condições de possibilidade dos discursos configura-se em uma espécie de neo-kantismo, mas

que, diferente do filósofo prussiano, para Foucault, tais condições são as da experiência do real, ou seja, históricas, e não de qualquer experiência possível. Em outras palavras, o corpus das análises foucaultianas é de ordem material, pois está: “[...]do lado do ‘objeto’, do lado da formação histórica, e não de um sujeito universal” (Deleuze, 2013, p. 69). Por isso o *a priori* considerado por Michel Foucault é o *a priori histórico*.

Já no que diz respeito à língua, sua influência está circunscrita ao sistema que empresta para a formação dos enunciados possíveis – ambos, língua e enunciado são compostos de signos definíveis no interior de um sistema linguístico. Por isso, “Quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva e não se determina uma organização léxica [...]” (Foucault, 2020b, p. 58). Isso porque qualquer análise de conteúdo de significação diz sobre o sistema disponível em uma época e não da prática discursiva que a agencia e que também forma a pluralidade de seus objetos. É essa, potencialmente, uma das bases mais importantes da teoria foucaultiana e, em consequência, de sua semiótica: a análise discursiva como dispositivo de desfazimento dos laços entre as palavras e as coisas e, a partir disso, um evidenciamento das regras que regem os enunciados em uma determinada época. “Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos” (Foucault, 2020b, p. 60).

O discurso é, no espaço da fronteira que o delimita, não apenas um sequenciamento de signos, mas uma prática que, por sua vez, edifica sistematicamente seus próprios objetos. Tal premissa consiste em “[...] substituir o tesouro enigmático das ‘coisas’ anteriores ao discurso pela formação regular dos objetos que só nele se delineiam” (Foucault, 2020b, p. 58).

Uma história dos objetos, portanto, não reside em uma arqueologia da profundidade e da origem, mas sim em uma arqueologia que trate com a regularidade que rege sua dispersão. Em outras palavras, que aborde as regras que os estabelecem como objetos de um discurso a partir das condições de seu aparecimento histórico. Assim, trata-se de “compreender como a história pode ser não uma contingência absolutamente extrínseca, não uma necessidade da forma que desenvolve sua própria dialética, mas uma regularidade específica” (Foucault, 2020b, p. 156). Novamente, não é um *a priori* no sentido condicionante ou de ajuizamento, mas sim um *a priori histórico* – uma condição de possibilidade, de realidade do discurso. Em outras palavras, é a

potência do discurso, toda a gama de possibilidades do seu devir, o que unifica em sua diversidade um grupamento enunciativo.

Considerando, portanto, a agência das práticas discursivas na formação dos objetos de saber e na instauração de sua visibilidade e enunciabilidade, seguimos para a próxima seção com o objetivo de analisar, justamente, esses sistemas materiais de comunicabilidade, cujo limiar é o espaço do Comunicável: o arquivo.

3.2. O arquivo é a lei do que pode ser dito: o Comunicável, o seu prelúdio

“A positividade de um discurso – como o da história natural, da economia política, ou da medicina clínica – caracteriza-lhe a unidade através do tempo [...]” (Foucault, 2020b, p. 154). Ou seja, a partir do que Foucault denomina de positividade, podemos definir a regularidade de um discurso na sua dispersão, pois ela, no lugar de indicar um determinado conjunto de obras ou textos ou mesmo mensurar quem poderia ter efetivado de maneira mais acurada um determinado saber, é uma régua que indica que elementos compõem esse mesmo grupamento enunciativo, pois falam “[...] da ‘mesma coisa’, colocando-se no ‘mesmo nível’ ou a ‘mesma distância’, desenvolvendo o ‘mesmo campo conceitual’, opondo-se sobre o ‘mesmo campo de batalha’” (Foucault, 2020b, p. 154).

Nesse sentido, o descontínuo é o cerne do pensamento arqueológico, pois não é um obstáculo, mas um dos elementos da prática discursiva. “[...] ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise” (Foucault, 2020b, p. 11). Assim, no lugar de buscar um centro único e organizador do discurso, um princípio, uma espécie de visão de mundo ou espírito de uma época, a Arqueologia busca expressar o espaço de uma dispersão que organiza seus arquivos.

Dessa forma, podemos afirmar que a positividade de um discurso, além de identificar os enunciados em sua dispersão “[...] tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho” (Foucault, 2020b, p. 155). Levando isso em consideração, a

positividade “[...] define um espaço limitado de comunicação” (Foucault, 2020b, p. 154). E comunicação, nesse caso, é o que faz o compartilhamento de lógicas ou temáticas e, também, o que ocorre através da forma expressa dessa positividade, é ela que expressa a sua coesão.

As diferentes obras, os livros dispersos, toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva – e tantos autores que se conhecem e se ignoram, se criticam, se invalidam uns aos outros, se plagam, se reencontram sem saber e entrecruzam obstinadamente seus discursos singulares em uma trama que não dominam, cujo todo não percebem [...] (Foucault, 2020b, p. 154-55).

Essas individualizações citadas configuram-se na materialidade do discurso, compondo o seu arquivo e formando sua unidade na comunicação de suas proposições, assim como de sua aderência temática e tenacidade dos sentidos transmitidos. Entretanto, acima disso, tais arquivos “[...] comunicam pela forma de positividade de seus discursos” (Foucault, 2020b, p. 155). A positividade está, portanto, no *a priori* histórico da prática enunciativa, tanto quanto a negação de uma teleologia do discurso e um constante agente de desterritorialização discursiva, buscando uma perene produção de diferença em seu campo comunicacional. Nesse sentido, seu espaço de comunicação é limitado, justamente, porque não dá a ver a totalidade do seu devir histórico, ou seja, sua infinitude de possíveis atualizações.

Um discurso não ocupa, portanto, todo o volume que, potencialmente, pode ser aberto por seus objetos, enunciados, técnicas e conceitos. Isso quer dizer que é da essência da formação discursiva ter espaços nos quais pode diferenciar-se quando em um contexto diferente. “[...] isso vale para a psiquiatria e a medicina orgânica, que praticamente não se distinguem uma da outra antes do final do século XVIII e que estabelecem, a partir desse momento, uma separação que as caracteriza” (Foucault, 2020b, p. 79).

As regras de formação de um discurso, dessa maneira, são as suas próprias condições de existência, pois agenciam seus pontos de relação com outros discursos, a sua manutenção, assim como sua transformação e, inclusive, o seu desaparecimento. Tais regras estão contidas no arquivo e não é por outro motivo que Foucault o classifica como “a lei do que pode ser dito” (Foucault, 2020b, p. 158).

Localizado na origem do arquivo, ou seja, na descontinuidade que marca seu surgimento e conseqüente transformação discursiva e estrutural, o Comunicável não encontra sua razão

imediate no seu sujeito emissor enquanto mente criadora, mas sim no seu sistema de discursividade, nas possibilidades e impossibilidades enunciativas às quais aponta.

Em vez de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo (Foucault, 2020b, p. 157).

A prática discursiva, em sua complexidade, conta com sistemas, verdadeiras estruturas, que implementam os enunciados enquanto acontecimentos e coisas. O arquivo é, portanto, esse sistema, que rege o advento dos enunciados como acontecimentos singulares e, ao mesmo tempo, agencia o seu registro e memória, agrupando-os de maneira que “[...] componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas” (Foucault, 2020b, p. 158).

Entre o hábito e o esquecimento, o arquivo dá a ver as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, da mesma maneira, diferenciarem-se. Não é, portanto, “[...] descritível na sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade” (Foucault, 2020b, p. 159). Assim, o que potencialmente pode ser dito está sempre em movimento e atualização. Por essa razão,

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade (Foucault, 2020b, p. 158).

O arquivo evita, portanto, que as coisas comunicadas se aglomerem de maneira indeterminada no transcorrer dos tempos. Ao mesmo tempo, atua para que se comuniquem em objetos e enunciados independentes, mas cujas relações compartilhem da mesma lógica discursiva e epistêmica e que, nessa estrutura, distribuam-se segundo regularidades determinadas. De maneira peculiar, “ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade

de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas” (Foucault, 2020b, p. 158).

É nessa esteira que Foucault explica que é papel da arqueologia embaralhar as linhas de comunicação e suas temporalidades, considerando suas dimensões sincrônicas e diacrônicas.

A arqueologia fala – bem mais à vontade do que a história das ideias – de cortes, falhas, aberturas, formas inteiramente novas de positividade e redistribuições súbitas. [...] procura soltar todos os fios ligados pela paciência dos historiadores; multiplica as diferenças, baralha as linhas de comunicação e se esforça para tornar as passagens mais difíceis (Foucault, 2020b, p. 206).

Em outras palavras, o que Foucault chama de “árvore de derivação enunciativa” (Foucault, 2020b, p. 180) ou, também, “ramificação arqueológica das regras de formação” (Foucault, 2020b, p. 205), quando aborda as relações e hierarquias entre os enunciados, não possui uma uniformidade simultânea em sua rede de relações temporais. Porém, “Não se deve acreditar [...] que um sistema de positividade seja uma figura sincrônica que só podemos perceber colocando entre parênteses o conjunto do processo diacrônico” (Foucault, 2020b, p. 205), pois a Arqueologia não é avessa à sucessão, ao contrário, esforça-se por apontar os canais temporais pelos quais corre o discurso. É assim que podemos identificar enunciados deslocados epistemicamente no tempo. Foucault (2016, p. 505-6) relembra que “a partir do século XVII, por exemplo, a magia natural cessou de pertencer à epistémê ocidental, mas prolongou-se por muito tempo no jogo das crenças e das valorizações afetivas”. Ou seja, na atualidade a magia não tem estatuto de ciência, como no século XVI, mas seus enunciados ainda podem ser identificados no campo das práticas particulares e religiosas.

O arquivo está, justamente, no nível da prática pois, em meio à língua que fornece o sistema para as frases possíveis e o corpus que acolhe essas palavras e outras expressões, o arquivo retrata um hábito por entre a diversidade dos enunciados e a regularidade de sua incidência. Tal prática, todavia, não pode ser descrita em sua totalidade, pois, se não fosse a raridade dos documentos, seria preciso recuar indefinidamente no tempo para analisá-lo. Por isso, é impossível analisar a totalidade do arquivo de uma sociedade. Da mesma forma, é apenas com uma dose de crítica e inventividade que podemos analisar nosso próprio arquivo, pois é por meio de suas regras que nos comunicamos e, assim, é ele que estabelece as fronteiras do que

podemos dizer. Por essa razão, qualquer descrição feita do arquivo “Dá-se por fragmentos, regiões e níveis, melhor, sem dúvida, e com mais clareza na medida em que o tempo dele nos separa” (Foucault, 2020b, p. 159).

É devido a esse cenário que as coordenadas do Comunicável apontam para a linha de ruptura instaurada pelo arquivo, pois ele consiste nesse território próprio para as transformações dos regimes de comunicabilidade – um “entre” traçado em meio ao passado-presente e o presente-futuro. Como já citamos, nas palavras de Foucault (2020b, p. 160), esse “limiar de existência do arquivo é instaurado pelo corte que nos separa daquilo que não podemos mais dizer e do que fica fora de nossa prática discursiva”. Enquanto espaço fronteiro e prelúdio do arquivo, portanto, o Comunicável demarca o abandono gradativo de certas maneiras de ver o mundo, de interagir com outras criaturas e, também, de descrever e qualificar os objetos e corpos que nos rodeiam. Ou seja, rompe com as regras de formação discursiva reinantes até então. Ao mesmo tempo, essa divisa é uma dinâmica introdução de um novo conjunto de leis, um laboratório de novos regimes do que poderá ser comunicado, ou seja, dito, visto, percebido, esculpido, retratado em filmes e obras de arte, imaginado etc. Assim, quando em curso pelo Comunicável, um objeto discursivo pouco a pouco toma forma a partir de um novo regime de dizibilidade e visibilidade, mas não finca os pés nessa fronteira. Na efemeridade desse acontecimento, o Comunicável existe apenas em processo, quando em movimento, e ruma em direção ao que ainda não foi comunicado, mas que agora, encarnando o *a priori* histórico de seu novo arquivo, já pode efetivar-se.

Por essa razão, o espaço do Comunicável é uma região privilegiada para a observação de transformações epistêmicas, pois, enquanto limiar do arquivo, é “[...] ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade, trata-se da orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade” (Foucault, 2020b, p. 160). O processo observado nessa orla, marcado pela mudança e emergência de novos objetos e corporalidades, é de grande valia para a problematização das heranças sociais, assim como para a crítica do presente e, também, para as projeções de futuros possíveis. Em outras palavras, o Comunicável expressa-se no que, paulatinamente, podemos observar descolar-se dos atavismos culturais (pelo menos do que passa a ser considerado um atavismo cultural) e culminar nas arenas sociais do jogo de

trocas. Como apontaremos a seguir, quando nos debruçamos sobre a arqueologia foucaultiana da loucura, base para a sistematização dos critérios de análise crítica do Comunicável.

3.3. Torna-se comunicável – uma análise da arqueologia da loucura

Em sua primeira grande obra da fase arqueológica, Foucault busca compreender os caminhos que levaram a loucura a se tornar objeto de discurso na modernidade. Assim, *História da Loucura* foca em saber como se fez possível a existência de tal objeto em suas particularidades, assim como os valores e métodos próprios da psiquiatria moderna (o discurso em questão).

O autor aponta que, ao longo do período Renascentista, a figura do louco está, paradoxalmente, colada à razão (Foucault, 2019). O racionalismo da Idade Clássica, todavia, iria rapidamente descartá-la, legando à loucura o espaço do erro e da inverdade na dicotomia que separa o bem do mal, a razão da desrazão. Neste segundo recorte epistêmico e temporal analisado por Foucault (Idade Clássica), a loucura configura-se, precisamente, em ameaça à razão, e a França do século XVII vivencia um intenso movimento de encarceramento a partir da criação do Hospital Geral. A loucura ainda se encontra no polo negativo dos saberes, ou seja, não está formalizada enquanto um objeto discursivo, e a estrutura de internamento é responsável, justamente, pela invisibilização do louco, mas também de outras figuras periféricas, como a do pobre, por exemplo, entre as quais não se faz distinção. “Reduzida ao silêncio, murada no universo carcerário, o louco ainda não tem um lugar à parte, ele é internado juntamente com os mendigos” (Dosse, 1993, p. 179). Tal estágio de *indiferenciação* é uma das categorias de análise crítica do Comunicável e está estreitamente ligada à estrutura de visibilidade de um saber, outra categoria que também destacamos.

Em seu comentário da obra foucaultiana, Gilles Deleuze (2013) irá enfatizar que as visibilidades não se fazem visíveis de modo imediato. A depender da condição epistêmica de uma dada época, “[...] as visibilidades se esfumam ou se confundem, a tal ponto que as ‘evidências’ se tornam incompreensíveis a uma outra época” (Deleuze, 2013, p. 66). Por isso que, se para o pensamento moderno, reunir loucos, desempregados, mulheres consideradas histéricas e pessoas miseráveis configurava-se em um grupamento sem sentido, ainda na Era

Clássica, essa era uma estrutura plenamente lógica. Ademais, é por isso que os regimes de visibilidade foucaultianos não dizem respeito apenas ao olhar, mas também às estruturas. Assim,

Se as arquiteturas, por exemplo, são visibilidades, locais de visibilidade, é porque não são meras figuras de pedra, isto é, agenciamentos de coisas e combinações de qualidades, mas, antes de mais nada, formas de luz que atribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto, etc (Deleuze, 2013, p. 66).

Dessa forma, visíveis e enunciáveis são inexistentes fora de um regime próprio para a sua exterioridade. É sobre isso, inclusive, que trata a obra *O Nascimento da Clínica*, na qual o autor demonstra os diferentes regimes de visibilidade e dizibilidade dos discursos da medicina ao longo da história ocidental – uma arqueologia do olhar médico, como exploramos ao longo do capítulo 2.

Importante destacar que tais regimes não dizem respeito apenas ao que se pode captar com os olhos, mas a um conjunto de práticas multissensoriais. Isso se exemplifica na mudança da Medicina Clínica para a Medicina Anatomoclínica, pois em ambas a visão pressupunha outros sentidos.

O olho clínico descobre um parentesco com um novo sentido que lhe prescreve sua norma e sua estrutura epistemológica; não é mais o ouvido atento para uma linguagem; é o índice que apalpa as profundezas. Daí a metáfora do tato, pela qual continuamente os médicos vão definir o que é seu golpe de vista (Foucault, 2020a, p. 134-35).

Nesse sentido, Suellem Lopes (2021) pondera que, justamente devido ao regime de visibilidade, seria impossível organizar a matéria da loucura na Idade Média (pré-Renascimento) tomando por base a psiquiatria moderna, por exemplo, pois há entre eles regimes de visibilidade antagônicos e epistemologicamente incompatíveis. Em outras palavras, “[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” (Foucault, 2020b, p. 54) e o Comunicável sublinha tal premissa pois é o espaço de *rompimento epistêmico*, de descontinuidade do arquivo, que aqui também apresentaremos como um critério de análise.

A Idade Clássica operava um esforço racionalista na busca por caracterizar toda insanidade como seu oposto. Até mesmo a libertinagem, em função dos internamentos, vive uma era obscurecida e invisibilizada, até seu quase desaparecimento, pois era frequentemente

aproximada da desrazão. “A iluminação e a libertinagem justapuseram no século XVIII, mas sem se confundir. A divisão simbolizada pelo internamento tornava sua comunicação difícil” (Foucault, 2019, p. 101). Boêmios e libertinos conheceriam sua salvação (e sua reconciliação com a intelectualidade) apenas através de Sade e sua panfletagem literária, que atacava a filosofia vigente, cujas bases sustentavam o encarceramento.

Entre os muros do internamento encontravam-se misturados os doentes venéreos, devassos, "pretensas feiticeiras", alquimistas, libertinos — e também, vamos vê-lo, os insanos. Parentescos se formam, comunicações se estabelecem; e aos olhos daqueles para os quais a insanidade está se tornando um objeto, um campo quase homogêneo se vê assim delimitado (Foucault, 2019, p. 106).

Aqui, o olhar que começa a perceber a insanidade como um objeto, ao mesmo tempo passa a estranhar o movimento que homogeneiza a heterogeneidade dos sujeitos encarcerados. Essa prática se dá a partir de um pressuposto epistêmico que vai, pouco a pouco, ficando para trás: “Na experiência clássica, o homem comunicava-se com a loucura pelo caminho da falta” (Foucault, 2019, p. 391). Isso quer dizer que, entre o libertino, o doente, a bruxa, o feiticeiro e o louco existia apenas uma similaridade em particular para que se comunicassem, ou seja, fizessem-se semelhantes: a ausência ou a perda da verdade, da razão. Por isso, na Idade Clássica, “A desrazão mantém a mesma relação com a razão que o ofuscamento com o brilho do dia. E isto não é uma metáfora. Estamos no centro da grande cosmologia que anima toda a cultura clássica” (Foucault, 2019, p. 254).

Todavia, o fim do século XVIII traz, junto das bases epistêmicas da Modernidade, uma nova ruptura no que diz respeito à loucura: nascem os manicômios, asilos especialmente dedicados aos tidos como loucos – ergue-se uma estrutura de visibilidade que os evidencia. Passa-se, portanto, de um apagamento da figura do louco no encarceramento em massa para a sua especificação no internamento dos manicômios, e a miríade de valores e saberes que envolvia a insanidade até então se fragmenta. A pobreza é retomada pela economia e o desatino volta para o campo da imaginação. Da subtração imposta por essa equação, a loucura é a diferença “[...] finalmente destacada em sua singularidade do magma informe onde ela se encontrava colocada no âmbito do Hospital Geral” (Dosse, 1993, p. 180).

Eis, portanto, a loucura devolvida a uma espécie de solidão: não a solidão ruidosa e de certo modo gloriosa que lhe foi possível conhecer até a Renascença, mas outra solidão, estranhamente silenciosa, uma solidão que aos poucos a isola da comunidade confusa das casas de internamento e a cerca com uma espécie de zona neutra e vazia (Foucault, 2019, p. 431).

Tal solidão é a responsável por descolar a loucura de antigos parentescos impostos pela indiferenciação do internamento coletivo e compulsório da Era Clássica – a pobreza, a vagabundagem, o desatino, a histeria, dentre outras misérias feitas primas da insanidade a partir do encarceramento. Em um processo iniciado ainda antes da Revolução Francesa, a loucura está livre e não mais precisa justificar-se em outros sofrimentos. Por isso, passa a receber um tratamento que a particulariza e lhe dá status de objeto discursivo.

Historicamente, tal processo se inicia em duas frentes: por um lado com a redução da prática geral do internamento (por motivos de faltas morais, libertinagem, etc) e, por outro, com a loucura efetivamente assumindo a posse do espaço da reclusão – a *estrutura de visibilidade* a específica. A *Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão*¹ francesa, uma série de decretos emitidos em 1789, estabelece, inclusive, a libertação gradativa de internos. Mas, “Enorme era a confusão nesses anos, difícil era determinar o lugar que a loucura deveria ocupar na ‘humanidade’ que estava sendo reavaliada, difícil era situar a loucura num espaço social que estava em vias de reestruturação” (Foucault, 2019, p. 436). Nesse contexto, a loucura ganha estatuto público, pois o confinamento garante a proteção da sociedade contra os seus perigos e também a assistência às famílias financeiramente desfavorecidas dos pacientes – são essas as prerrogativas do que viria a ser o asilo moderno.

É o tatear desajeitado na direção de uma definição da loucura que toda uma sociedade procura novamente exorcizar, na época em que seus velhos companheiros – pobreza, libertinagem, doença – recaíram no domínio privado. Num espaço social inteiramente reestruturado, a loucura deve encontrar um lugar (Foucault, 2019, p. 439).

O internamento, agora, oferece, ao mesmo tempo, o cerceamento e a liberdade nas medidas próprias para que a loucura se expresse em sua verdade, sem as amarras da violência ou

¹ Documento culminante da Revolução Francesa, composto por um prelúdio e 17 artigos, que disserta sobre os direitos individuais e coletivos dos cidadãos como universais.

do desespero (entendidos como reações às ações de coerção e de opressão). Tal proceder, desassocia a loucura de mitos desenvolvidos durante a Era Clássica, como as formas mais agressivas e animais de sua expressão. Na verdade, “[...] o que aparentava o demente ao animal era a predação” (Foucault, 2019, p. 447).

Prega-se, na modernidade, um internamento que se equilibre entre coação e espaço de verdade, sendo um a condição para o outro: “[...] a loucura internada encontra nessa coação, nessa vacuidade fechada, nesse ‘meio’, o elemento privilegiado no qual poderão aflorar as formas essenciais da sua verdade” (Foucault, 2019, p. 447). Essa premissa é calcada em uma certa ideia de que as regras rígidas demais estimulam o desatino, pois quanto mais dominado é o corpo, mais desorientados seriam os devaneios. Considera-se, portanto, que a liberdade controla de maneira muito mais efetiva a imaginação, pois a confronta constantemente com a realidade. É com base na crença de que “A liberdade internada cura por si mesma [...]” (Foucault, 2019, p. 448) que o internamento será legitimado como lugar em que a loucura pode curar-se por movimento próprio. É somente nesse ambiente que, acima das determinações jurídicas, o discurso psiquiátrico se apossa do asilo e toma para si as práticas e técnicas que envolvem a loucura.

Em consequência das transformações estruturais do encarceramento, a própria loucura se altera, fazendo-se uma com esse ambiente no qual ao mesmo tempo é enclausurada e no qual é produzida: “[...] suas coações assumem o sentido de um determinismo, e a linguagem que fixa assume a voz de uma verdade que falaria de si mesma” (Foucault, 2019, p. 449). Essa voz contrasta com o desatino da Idade Clássica, condenado a um silêncio que o relegou a um considerável apagamento da história. “Nessa época, a loucura não tinha memória, e o internamento constituía o selo desse esquecimento”, afirma Michel Foucault (2019, p. 453) fazendo referência a outros aspectos que identificamos como premissa e, também, categoria de análise do Comunicável: o *registro* como materialidade da memória.

O filósofo estabelece um paralelo do silêncio classicista com uma prática instaurada no internamento moderno, o “diário de asilo”, documento que, a partir de sua implementação, passa a conter o detalhamento frequente do quadro de cada doença, assim como dos doentes, dos medicamentos receitados, seus efeitos e, também, descrições de autópsias realizadas em pacientes falecidos na instituição. Há, a partir desse diário (que posteriormente poderia ser

compartilhado entre os médicos e, dessa forma, comunicar o saber nele contido), uma inserção da loucura no tempo: sua história sedimenta-se aos poucos nesse registro.

A loucura ganha assim regiões de verdade que o desatino jamais atingiria: ela se insere no tempo, escapa ao acidente puro com o qual se indicavam outrora seus diferentes episódios para assumir uma figura autônoma na história. Seu passado e sua evolução fazem parte de sua verdade – e o que a revela não é mais justamente essa ruptura sempre instantânea em relação à verdade com a qual se identificava o desatino. Há um tempo da loucura que é a do calendário, não o calendário rítmico das estações que a liga às forças obscuras do mundo, mas um calendário cotidiano, dos homens, no qual se aprecia a história (Foucault, 2019, p. 453).

Ou seja, o Comunicável constitui-se no tempo através de seus registros e a partir do desenvolvimento paulatino de práticas cotidianas, pois elas também integram as estruturas responsáveis por sua edificação. “A questão da loucura [...] apresenta-se como a matéria que foi transformada, em épocas diferentes, a partir do olhar de diferentes formas: Igreja, medicina e psiquiatria” (Lopes, 2021, p. 53).

Semioticamente o pensamento é sempre concebido por meio do signo, ou seja, percebe-se o mundo através da sua mediação. Porém (e levando em conta também a semiologia), no que diz respeito a uma Semiótica foucaultiana, “Há um deslocamento na questão da linguística, já não interessando tanto a relação entre uma palavra e o que ela designa quanto as condições de visibilidade que vigoram em uma determinada época” (Lopes, 2021, p. 52). Para Foucault, o signo ultrapassa, portanto, o código, sendo de maior relevância as condições que possibilitaram uma certa discursividade e visibilidade. É por isso, inclusive, que sua análise arqueológica se dá sempre no nível das performances verbais realizadas, pois “O mais importante no visível e no enunciável é compreendê-los em si, em sua materialidade” (Lopes, 2021, p. 49). Por essa razão que partimos também das estruturas materiais – visíveis e enunciáveis –, cuja lei pode ser lida no arquivo de uma determinada época, para analisar os processos do Comunicável, sendo o registro material, portanto, outro dos pressupostos para a sua observação.

É a relação dos corpos que formalizam o plano de conteúdo. Ou seja, o encadeamento formado entre os corpos dos sujeitos falantes, dos lugares institucionais e das posições que os sujeitos ocupam, além de outros elementos e objetos [que] legitimam certas práticas, que podem ser

aceitas em determinadas épocas ou contexto, mas não em outras. Para Foucault, é necessário verificar que acontecimentos fazem com que um determinado enunciado (que se dá no campo da expressão) instaure um determinado corpo, ou seja, organize as formas desse corpo (Lopes, 2021, p. 53).

Dessa maneira, após integrar a massa homogênea do desatino, a loucura é exposta em sua verdade pela estrutura visível do internamento. Em seguida, é instalada no tempo e na história por um registro de memória e, também, por uma prática cotidiana. Por fim, rompe com a episteme que a precedia, pois “[...] despojada de tudo que podia tornar irreduzível a presença profunda do desatino, a loucura, assim desarmada, pode entrar sem perigo no jogo das trocas. Ela se torna comunicável” (Foucault, 2019, p. 453).

A partir da análise da arqueologia foucaultiana da história da loucura – que parte de sua *indiferenciação* em meio às mazelas da Idade Clássica e percorre seu processo de efetivação como objeto discursivo através da *estrutura de visibilidade* do internamento, do *registro de memória* dos diários de asilo e do *rompimento epistêmico* que atravessa até integrar as arenas sociais da Modernidade em seu *jogo de trocas* –, depreendemos os estágios de um trânsito pelo Comunicável. Sublinhando cada um desses passos, elaboramos e descrevemos a seguir critérios que darão forma a uma proposta de análise crítica do Comunicável como uma proposição heurística para objetos de estudo da comunicação.

3.4. Categorias de análise crítica do Comunicável

Paul Veyne (2010), um dos grandes comentadores da obra e da vida de Michel Foucault, classifica o filósofo como um cético exemplar e, por isso, um ser dual. Seu entendimento do cético é o de um observador externo do seu próprio presente, o qual se dedica a questionar. Veyne apelida o arquivo em que estamos inseridos de aquário, um tanque limitante no qual vivemos mergulhados tal qual peixes que não têm noção dos tantos oceanos possíveis. Todavia, ao mesmo tempo que vê esse aquário de fora, o cético é, ele próprio, um peixinho, “[...] afinal, é preciso viver – votar, aprender, formar-se, trabalhar, apaixonar-se” (Veyne, 2010, p.2, tradução nossa).

A Comunicação, compondo as Ciências Sociais Aplicadas, não se limita a estudar apenas o relato das ações e do conhecimento humanos. Seu interesse também está nas relações

estabelecidas entre as pessoas e o que está à sua volta – na empiria que nos permite observar as especificidades desse aquário que nos circunda. Assim, com base no ceticismo foucaultiano e na originalidade da sua crítica histórica – que serve muito mais à problematização do presente do que aos relatos do passado –, propomos alguns critérios de análise que sirvam para olhar para os objetos e fenômenos comunicacionais com foco nas transformações, na crítica do que é possível ver e falar e que permita vislumbrar a potência do *a priori* histórico do nosso arquivo presente.

Nesse contexto, a escolha de um corpus para análise deve evitar, em um primeiro momento, as generalizações. É preciso partir dos detalhes, das particularidades, dos registros cotidianos, dos fenômenos específicos ou mesmo corriqueiros para que o peso das ideias massivas e já estabelecidas como dominantes não se sobreponham à observação das diferenças em potencial. Ainda sobre esse “tipo empírico de antropologia” (2010, p. 2) de Foucault, Veyne reforça que:

Heuristicamente, é melhor começar com práticas detalhadas, detalhes do que foi feito e do que foi dito, e depois fazer o esforço intelectual para tornar explícito o “discurso” que as rodeia. Isto é mais frutífero (mas mais difícil tanto para o historiador como para os leitores) do que partir de uma ideia geral e bem conhecida, pois se é isso que você faz, você corre o risco de não ir além dessa ideia e fracassar em perceber as diferenças últimas e decisivas que o reduziriam a nada (Veyne, 2010, p. 10, tradução nossa).

Em sua obra, Foucault selecionou amostras da história – como a loucura e a punição, por exemplo – investindo analiticamente sobre a materialidade de enunciados e visibilidades dos seus arquivos específicos, como os diários de asilo ou a arquitetura das prisões para que, a partir deles, fosse possível chegar no discurso, enquanto formulação última, de cada uma dessas coisas. Semioticamente, inclusive, esse movimento demonstra que cada recorte epistêmico apresenta uma ideia que media nossa compreensão do mundo, “Pois cada vez que alcançamos aquela *differentia ultima* do fenômeno, a saber, o ‘discurso’ que o descreve, invariavelmente descobrimos que o fenômeno é bizarro, arbitrário, gratuito” (Veyne, 2010, p. 13, tradução nossa).

Nesse sentido, no próximo capítulo, para abordar o clitóris enquanto um objeto comunicacional e semiótico, partimos do clitóris da serpente (recentemente descrito pela ciência) de modo a evidenciar seu processo de passagem pela fronteira entre arquivos, descrevendo as particularidades e a potência do seu Comunicável e, a partir dele, problematizar o clitóris como

um todo. Para isso, como já mencionamos, são cinco os critérios de análise: a *indiferenciação*, as *estruturas de visibilidade*, o *registro de memória*, o *rompimento epistêmico* e o *jogo de trocas*. Tais termos são retirados do texto foucaultiano e por nós apropriados e elaborados conforme os objetivos da pesquisa.

A Indiferenciação corresponde a um estágio em que as visibilidades e dizibilidades se confundem e elementos heterogêneos são apagados pela força homogeneizadora das leis do arquivo vigente (que está sendo, aos poucos, abandonado). Nesse respeito, há de se observar o surgimento de novas estruturas visuais organizadoras, como arquiteturas e tecnologias que exponham as verdades que irrompem nas descontinuidades do Comunicável – mudanças estruturais que produzem novas visibilidades e dizibilidades. Os registros, por sua vez, são as materialidades da memória, a prática cotidiana dos discursos que compõem o arquivo e podem ser acessados e consultados de modo a expressar seus regramentos. Por fim, é preciso observar de que maneira o Comunicável rompe com a episteme precedente e de que maneira entra no jogo das trocas, configurando-se em objeto olhado e investido pela linguagem. Em outras palavras, se é possível caracterizá-lo como uma realidade evidente, reconhecível em sua obviedade, passível de integrar a comunicação nas interações sociais.

A ordem que aqui listamos não expressa necessariamente sequencialidade espacial e temporal entre os estágios. Antes, o Comunicável expressa, justamente, uma conjunção, ou seja, a ocorrência concomitante e conexas de fatores que, propomos, podem ser observados através dos critérios aqui expostos, como uma teia em que todos se relacionam. Um exercício analítico pode, inclusive, começar a partir de algum novo Registro de Memória que chame a atenção para transformações ou novidades – como é o caso da publicação do estudo científico sobre a descoberta do clitóris em cobras. A ordem aqui apresentada, na verdade, visa facilitar a análise, visto que inicia, na indiferenciação, com o estudo do arquivo anterior, do qual já se coloca alguma distância e sobre o qual tende a existir material acumulado, e culmina com o Jogo de Trocas, estágio mais próximo ao presente e cuja análise se beneficia da averiguação do rompimento epistêmico e da compreensão das estruturas de visibilidade para uma crítica mais precisa. A seguir, portanto, exploramos brevemente cada uma das categorias.

3.4.1. Indiferenciação

Foucault (2019, p. 455) afirma que a loucura muda de estatuto no momento em que “[...] se torna forma olhada, coisa investida pela linguagem, realidade que se reconhece. Torna-se objeto”. E, a partir disso, da negatividade da existência, toma lugar, progressivamente, na positividade das coisas comunicáveis. Em *A Arqueologia do Saber*, o autor trata o regime de existência de um objeto, primeiramente, considerando três instâncias: *os planos de emergência, as instâncias de delimitação e as formas de especificação* (Foucault, 2020b).

Os planos de emergência fornecem as coordenadas da superfície de um saber considerando seus “[...] graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria” (Foucault, 2020b, p. 50) de modo que se torna possível identificar o tratamento dado aos objetos que dele advêm. São esses os campos de diferenciação da primeira hora, ou seja, a rota introdutória pela qual é preciso transitar e cujas distâncias, limiares e rupturas expressam as condições de possibilidade e o desenho das fronteiras do domínio de um objeto. Assim, o plano de emergência define as coisas sobre as quais um saber pode falar e, da mesma maneira, como age formatando, nomeando e descrevendo um ou mais objetos discursivos. Tal processo, por sua vez, indica também as *instâncias de delimitação*. No caso da loucura do século XIX, que trouxemos anteriormente, a principal instância de delimitação configura-se na prática médica, que atua diferenciando, designando e nomeando, assim como o fazem a justiça penal, a religião e a crítica literária e artística, que também desempenham tal papel, porém de maneira mais periférica.

Por fim, as *grades de especificação* são as maneiras de segmentar, associar, opor, classificar etc., o objeto. Ou seja, que relações de complementação, equivalência ou oposição se estabelecem ao seu redor. Ainda no caso da loucura na modernidade, a alma e o corpo são dois dos seus elementos de especificação, o primeiro como expressão das faculdades mentais e sentimentos, o segundo como um sistema de comunicação estabelecido entre os órgãos.

[...] o discurso psiquiátrico, no século XIX, caracteriza-se não por objetos privilegiados, mas pela maneira pela qual forma seus objetos, de resto muito dispersos. Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto

semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar (Foucault, 2020b, p. 54).

As relações instituídas entre os *planos de emergência, instâncias de delimitação e grades de especificação* não estão contidas no próprio objeto, ao contrário, têm relação com os domínios discursivos e não-discursivos que o edificam: o saber que o agencia, as instituições, práticas, sistemas de normas e comportamentos, relações de poder, técnicas etc. Ou seja, o discurso tem caráter constitutivo no que diz respeito ao objeto. Assim, o objeto não determina a unidade do discurso, como Foucault (2020b) demonstra na sistematização do método arqueológico, pelo contrário, a emergência do objeto é inerente à descontinuidade que dá a ver o Comunicável. Essas relações, portanto, “[...] não definem a constituição interna do objeto, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles, definir sua diferença, sua irredutibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade” (Foucault, 2020b, p. 55).

Nessa lógica, uma formação discursiva tem por característica fundante ser lacunar – há espaços vazios que podem ser ocupados sempre que tal formação é resgatada em um contexto diferente ou novo, dando a ver possibilidades outras. Isso ocorre em função do *a priori* histórico, um outro termo possível para as condições de possibilidade de um discurso, determinante para o aparecimento de novos objetos de saber.

Como consequência destas descontinuidades, as perguntas que fazemos sobre a realidade diferem de um período para o outro, tanto quanto as respostas que encontramos. Diferentes discursos respondem a diferentes questões. A cada vez, aprendemos uma realidade que não é mais a mesma. O objeto do nosso conhecimento não permanece o mesmo de um discurso para o outro (Veyne, 2010, p. 55, tradução nossa).

Somente é possível ter acesso a alguma coisa a partir da ideia que dela fazemos em cada época e, como já abordamos, a formulação última dessa ideia é o discurso. “Portanto, só podemos alcançá-la como um ‘fenômeno’, pois não podemos separá-la do ‘discurso’ no qual ela está vinculada para nós [...]” (Veyne, 2010, p. 11, tradução nossa). Em outras palavras, a coisa em si, ou uma pretensa realidade externa ao discurso, é inalcançável. Todavia, conforme nos afastamos da realidade epistêmica que nos envolve, passamos, paulatinamente, a ter mais clareza da sua força planificadora. As leis do que é possível falar e do que é possível ver, determinadas pelo

arquivo, operam uma homogeneização da superfície dos objetos discursivos, eliminando erosões e obstáculos, terraplanando territórios significantes e abrindo vias de sentido específicas aos seus regramentos semióticos. O afastamento epistêmico de que falamos se dá no limiar de um novo arquivo e permite que analisemos com maior transparência o arquivo que estamos, aos poucos, abandonando.

A indiferenciação, portanto, corresponde a um estágio em que elementos heterogêneos se dissolvem na massa do arquivo, como no caso da loucura durante a episteme clássica, sofrendo pela força homogeneizadora de suas leis. Mas essa indiferenciação só pode ser observada em sua plenitude a partir de um pressuposto epistêmico diferente, novo, que promova um olhar de estranhamento. Por essa razão que a observação da indiferenciação é uma categoria própria de análise do Comunicável, pois necessita desse espaço privilegiado de fronteira. Através dela, torna-se possível a descrição tanto do que não mais se vê ou se fala, mas também daquilo que ainda está em vias de se formalizar na malha do novo arquivo a ser instaurado.

3.4.2. *Estruturas do visível*

Visibilidades se manifestam apenas a partir de uma estrutura específica e própria que permita a sua exteriorização. Esses regimes não dizem respeito apenas ao que se pode perceber com o olhar, mas sim a uma conjunção de práticas multissensoriais. Ou seja, a matéria dos saberes se organiza a partir de arquiteturas, aparatos tecnológicos, práticas, estratégias e linguagens que exponham sua verdade – uma verdade localizada epistemicamente. É necessário, para compreender novos saberes e novos objetos, que nos debruçemos sobre esses fatores, analisando o que podem dar a ver, como destaca Donna Haraway (2023, p. 338-39):

Histórias da ciência podem ser contadas de forma potente como histórias das tecnologias. Essas tecnologias são modos de vida, ordens sociais, práticas de visualização. Tecnologias são práticas habilidosas. Como ver? Ver a partir de onde? Que limites há para a visão? Para que ver? Ver com quem? Quem pode ter mais de um ponto de vista? Quem é vendido? Quem usa vendas? Quem interpreta o campo de visão? Que outros poderes sensoriais desejamos cultivar além da visão? O discurso moral e político deveria ser o paradigma do discurso racional no imaginário e nas tecnologias da visão.

No contexto do Comunicável, portanto, devemos compreender as tecnologias não apenas como instrumentos, aparatos técnicos ou máquinas, mas sim como essas “práticas habilidosas” das quais fala Haraway: os modos de operar, as técnicas e as estratégias que modulam e produzem os próprios meios. As tecnologias são abordadas por Foucault especialmente em sua fase genealógica, quando em *Vigiar e Punir* (1975), irá descrever as diferentes estratégias empregadas pelos três diferentes regimes de poder: repressão e punição pública no soberano, vigilância no disciplinar e regulação e controle no biopoder. “Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (Foucault, 2009, p. 29). Aqui, nos apropriamos desse conceito para abordar também as tecnologias de significação, enquanto as estruturas de visibilidade produtoras de sentido, que alteram os modos de ver, viver e falar no mundo.

A loucura, ainda no exemplo da tese foucaultiana, se fez visível apenas no espaço do internamento e enunciável dentro do regime da psiquiatria. A partir disso, se libertou da indiferenciação e não mais necessitou justificar-se em outros sofrimentos. A estrutura de visibilidade de um saber é, justamente, o que permite aflorar as formas essenciais de sua verdade. Por isso, transformações estruturais alteram os objetos de saber que são por elas delimitados e produzidos.

Como vimos no capítulo 1, em *O Nascimento da Clínica*, Foucault (2020a) relata que, na virada para o século XIX, com a transformação do discurso médico em direção à anatomia patológica, as dissecações deixaram de ser feitas na intenção de procurar signos de doenças. “Agora, Laennec podia levar em conta o que até então passava por detalhamento inútil e, por conseguinte, foi o primeiro a ver realmente a consistência muito distinta de um fígado afetado pela cirrose, que até então, mesmo quando vista, havia passado despercebida” (Veyne, 2010, p. 26, tradução nossa). Ou seja, com a mudança das técnicas de dissecação, transformaram-se também as estruturas de visibilidade da medicina enquanto saber.

[...] no início do século XIX, os médicos descreveram o que, durante séculos, permanecera abaixo do limiar do visível e do enunciável. Isso não significa que, depois de especular durante muito tempo, eles tenham recomeçado a perceber ou a escutar mais a razão do que a imaginação; mas que a relação entre o visível e o invisível, necessária a todo o saber

concreto, mudou de estrutura e fez aparecer sob o olhar e na linguagem o que se encontrava aquém e além de seu domínio (Foucault, 2020a, p. XI).

Em razão dessa nova dinâmica entre o que pode ou não ser visto, estabelece-se uma outra relação entre as palavras e as coisas. Nesse contexto, novas tecnologias, ou seja, novas estratégias, também operam uma reorganização do visível no seu investimento revolucionário sobre os aparatos técnicos. O microscópio, por exemplo, criado e disponível em sua função desde o século XVII, somente no século XIX deixa de ser um recurso para observação curiosa e anedótica, pois acreditava-se que ele poderia, inclusive, atrapalhar uma observação séria da realidade. Mesmo François Xavier Bichat e René Laennec, médicos e fisiologistas franceses (o primeiro, considerado pai da histologia e patologia modernas, e o segundo, inventor do estetoscópio), apegados a essa crença, consideravam apenas o que era possível ver a olho nu, recusando-se a utilizar o microscópio. “Neste nível, não há separação a fazer entre teoria e experiência, ou entre métodos e resultados; é preciso ler as estruturas profundas da visibilidade em que o campo e o olhar estão ligados um ao outro por códigos de saber” (Foucault, 2020a, p. 97).

Assim, existe um regime de verdade expresso nas estruturas de visibilidade. A maneira como algo é classificado como real ou falso tem relação estreita com as tecnologias (técnicas e práticas) que são valorizadas para averiguar essa verdade e, também, com o estatuto dos sujeitos que ocupam os espaços responsáveis por Chancellor-la. Considerando que a lógica arqueológica efetua sua análise sem referência a um cogito, ou seja, a uma mente específica, também o “quem” pode ser analisado, mas não no sentido de um sujeito com nome e sobrenome. Antes, possibilita descrever os potenciais espaços ocupados pelos sujeitos nessas estruturas e, da mesma maneira, como esses próprios sujeitos são por elas atravessados.

Em seu tempo, a verdade é sempre vastamente difundida nas mais diversas arenas sociais e, por isso, alvo de enfrentamento social. Mas, para tomar parte em tais disputas, é necessário que esteja, primeiramente, efetivamente inserida no tempo – é imperativo que a verdade assuma figura autônoma através de registros que promovam sua propagação.

3.4.3. *Registros de memória*

A verdade, na abordagem foucaultiana, é historicamente localizada, pois, escrita com V minúsculo, varia de época para época. O que permanece invariável é que, em todos os períodos, as generalizações e seus discursos são considerados verdadeiros. “Dessa forma, a verdade é reduzida a ‘dizer a verdade’, a dizer tudo que está em conformidade com o que é aceito como verdade, mesmo que isso faça as pessoas sorrirem um século mais tarde” (Veyne, 2010, p. 14, tradução nossa).

A sedimentação dessa verdade se dá, pouco a pouco, nos registros de memória que são produzidos nas práticas cotidianas. No caso da loucura, como vimos, tais registros foram feitos nos diários detalhados dos internamentos que podiam, em seguida, ser compartilhados entre a comunidade médica de forma a se multiplicar na comunicação do conhecimento. A produção desses documentos impede que o novo objeto de conhecimento acabe por ser apenas um acidente simples na história e se torne uma figura autônoma. Isso porque, na medida que tais arquivos podem ser retomados, analisados e estudados em sua materialidade, o conhecimento se torna ensinável e difundível e, mais tarde na história, reconhecível.

Os registros de memória são uma das faces do arquivo que, na natureza acontecimental do enunciado, instaura um determinado corpo, organizando sua matéria. Enquanto suporte de memória, tais corpos podem ser das mais diferentes naturezas, dando a ver registros escritos, corporais, audiovisuais, técnicos, oralizados etc., contanto que possam ser acessados de alguma maneira e, como é da natureza do arquivo, compor-se em grupamentos. “[...] em suma, que seja tratado não como resultado ou vestígio de outra coisa, mas como um domínio prático que é autônomo (apesar de dependente) e que se pode descrever em seu próprio nível” (Foucault, 2020b, p. 149). No espaço do Comunicável, o registro de memória é, justamente, a marca individual da quebra, do novo, do rompimento epistêmico, que abordaremos a seguir.

3.4.4. *Rompimento epistêmico*

Por mais que busque inspiração na epistemologia francesa, especialmente no que diz respeito às discontinuidades históricas, a episteme foucaultiana diferencia-se por não menosprezar os saberes que não estão sob o guarda-chuva da ciência com C maiúsculo. Isso

permite uma análise que considere as quebras expressas não apenas nas grandes descobertas chanceladas pela comunidade científica, mas também nos demais saberes que atravessam tais acontecimentos. O autor explica que,

Se é verdade que toda ciência, qualquer que seja, quando interrogada ao nível arqueológico e quando se busca desenredar o solo de sua positividade, revela sempre a configuração epistemológica que a tornou possível, em contrapartida, toda configuração epistemológica, mesmo se perfeitamente demarcável em sua positividade, pode muito bem não ser uma ciência. Nem por isso se reduz a uma impostura (Foucault, 2016, p. 505).

Nesse contexto, a análise epistêmica não se configura em meramente identificar o conjunto de coisas que se pode saber em um determinado período, seja pelas suas ferramentas técnicas, lógicas de pensamento ou limites impostos pela tradição e pela cultura. Antes, consiste em tomar esse conjunto de relações para compreender como a positividade das práticas discursivas faz possível a existência das figuras epistemológicas e das ciências a partir das coações e acercamentos promovidos pelos discursos.

Dito de outra forma, *episteme* não é uma segunda palavra para *saber*. É, sim, uma ordem específica sua, uma organização, uma composição do saber. A força homogeneizadora da qual falamos na categoria da indiferenciação, inclusive, diz respeito a essa ordem aplicada à empiria do arquivo e à verdade de uma dada época. A história, da maneira como é abordada pela Arqueologia, é epistêmica, ou seja, não toma a atualidade do saber científico como critério de julgamento dos saberes do passado (Machado, 2006). Por isso, a principal crítica foucaultiana à epistemologia da escola francesa é uma noção de evolução ou progresso histórico da ciência e que muito nos servirá para a análise do Comunicável do clitóris, considerando as idas e vindas do discurso científico em sua descrição e na afirmação de sua existência.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault (2016) analisa saberes que, em um primeiro nível, não se relacionam entre si (história natural, gramática geral, biologia, economia, filologia etc.) e, justamente por percorrer domínios tão diferentes, que a Arqueologia demonstra que transformações de um mesmo tipo operaram sobre essa diversidade de saberes. Transformações essas ocorridas em duas grandes rupturas, como abordamos no capítulo 2: a primeira entre a Renascença e a Idade Clássica, e a segunda entre esta última e a Modernidade.

Roberto Machado (2006) destaca três características que marcam a descontinuidade epistêmica (e a diferenciam da premissa de descontinuidade epistemológica). A primeira característica para as rupturas entre as epistemes é, justamente, que elas são gerais – se aplicam a grandes conjuntos de discursos de uma época. Todavia, mesmo sendo gerais, elas não são globais. Isso porque as rupturas são verticais, sendo essa é a segunda característica das descontinuidades epistêmicas. As rupturas podem ser vistas como verticais no sentido de que a Arqueologia não visa delimitar a ciência com base apenas em uma análise interna de seus métodos, nem em uma análise apenas externa: ela busca considerar e conectar diferentes níveis. Tal premissa aponta para a terceira e última característica, que estabelece a não totalidade da ruptura, reforçando seu caráter histórico, visto que os saberes, em seus aspectos teóricos e práticos dependem do *a priori* histórico, ou seja, das condições de possibilidade que os antecedem. Nesse sentido, *História da Loucura* (Foucault, 2019) reforça que o rompimento epistêmico se configura em um processo orientado a uma direção específica.

Por isso, sendo geral, vertical e não total, o rompimento epistêmico nos permite analisar tendências em movimento, dando conta do aspecto de transitoriedade e movimento do Comunicável. É a partir dessa lógica que afirmamos que descontinuidades epistêmicas não se manifestam, tampouco são aplicadas globalmente, da noite para o dia. Observar, no detalhamento dos registros de memória, as regularidades que apontam às transformações é o mister desta categoria que, na efetivação de sua disposição, passa a manifestar-se no jogo de trocas.

3.4.5. *Jogos de Trocas*

Debruçar-se sobre o jogo de trocas é um exercício de analisar a equação pelo seu produto. As expressões comunicativas, na sua diversidade, manifestam o que as tornou possível e este é o nível de análise desta categoria:

[...] demarcar os pontos em que se pôde efetuar a projeção de um conceito sobre o outro, [...] fixar o isomorfismo que permitiu uma transferência de métodos ou de técnicas, de mostrar as vizinhanças, as simetrias ou as analogias que permitiram as generalizações; em suma, de descrever o campo de vetores e de receptividade diferencial (de

permeabilidade e de impermeabilidade) que, para o jogo de trocas, foi uma condição de possibilidade histórica (Foucault, 2020, p. 197).

O isomorfismo do qual fala Foucault e que é classificado como *a priori histórico* do jogo de trocas é o arqueológico, ou seja, quando dois ou mais fenômenos comunicacionais distintos apresentam a mesma estrutura epistêmica. Tal isomorfismo é o responsável pelo regime de verdade que se instaura na arena social – um conhecimento ou justificação que aparenta não ter relação com a experiência, ou seja, tudo aquilo que integra o conjunto das obviedades e que se opõe diretamente ao ultrapassado ou ao absurdo, mas que, para Foucault, tem como condição a historicidade de sua episteme e, por isso, é profundamente variável.

Assim, a esta categoria de análise cabe evidenciar elementos discursivos diversos, mas que se conectam por regras de formação análogas, evidenciando seus isomorfismos arqueológicos. Por fim, após apontar e descrever os isomorfismos, esta última categoria de análise do Comunicável deve buscar também por relações de subordinação e de complementariedade, em outras palavras, estabelecer correlações que explicitem o novo arquivo e as tendências discursivas dos objetos que estão a se materializar.

A partir da aplicação de tais categorias de análise a um objeto que desponta como novidade ou do qual se deseja investigar suas transformações ao longo do processo histórico, pouco a pouco, vemos desenhado o espaço do Comunicável enquanto essa espécie de fronteira, cujas linhas traçadas separam, mas não para limitar e sim para romper. Dessa forma, seu deslocamento não é totalizante e soberano, como aquele que se coloca posseiro de cada vez mais territórios significantes. Ao contrário, seu movimento é o que age por um desejo implacável de romper para transformar. Por isso, delimita suas novas fronteiras justamente para que, ao cruzá-las, possa pisar em outro território e abandonar velhos reinos semióticos. Nesse sentido, sempre que se passa pelo espaço do Comunicável, habitando-o temporariamente enquanto nessa transposição, experimenta-se a abundância do que existe apenas *em potencial*.

Em razão dessa sua qualidade transmutante, o limiar do arquivo, conforme vimos elaborando, a casa do Comunicável, “[...] dissipa essa identidade temporal em que gostamos de nos olhar” (Foucault, 2020b, p. 160). Assim, ademais de atestar o óbvio – a ciência, os sentidos e significados, a linguagem e os saberes em geral são resultado de processos ininterruptos e passam por mudanças ao longo do tempo – tomar as categorias de análise crítica do Comunicável

permite-nos evidenciar os caminhos de tais mudanças a partir das quebras, o que torna imperativo falar sobre nossos atavismos sociais e culturais, assim como antever a potência do que ainda está por vir. Com os olhos sobre esta região privilegiada do Comunicável, “[...] próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade” (Foucault, 2020b, p. 160), apresentamos, no próximo capítulo, um exercício heurístico para testar sua aplicabilidade. Para isso, debruçamo-nos sobre um objeto de análise igualmente privilegiado devido a um histórico peculiar de descobertas, invisibilidades e redescobertas: o clitóris.

4. O Clitóris da Serpente

*Você não pode imaginar o que não pode ver; embora
você não possa ver o que não pode imaginar.*

Rachel Gross, 2022, p. XVII

Por muito tempo existiu um conjunto especialmente limitado de coisas passíveis de serem vistas na anatomia sexual das fêmeas. Por isso, descrições científicas esparsas e escassas expressaram uma pretensa irrelevância dos órgãos sexuais femininos para a compreensão da dinâmica reprodutiva das espécies e uma dita invariabilidade evolutiva da sua organização anatômica, características que não apenas traduzem o contexto histórico e social em que foram enunciadas, mas que também emitem uma sentença engessada no campo das verdades: há pouco para se ver dentro e ao redor das vaginas e há ainda menos para ser compreendido.

Mesmo em nossos dias, as análises da ciência a respeito da dinâmica sexual das diferentes espécies do reino animal, na maioria das vezes, ainda abordam a fêmea apenas *em relação a* – como a versão defeituosa, malformada, simplificada ou ainda, complementar, do macho – um vínculo antigo, e ainda não completamente rompido, com uma visão típica da episteme renascentista. Tal problemática foi levantada já na Era Moderna, na primeira metade do século XX, pelo célebre pensamento de Simone de Beauvoir, que, a seu tempo, evidenciou uma estrutura que lega à fêmea humana um lugar de subalternidade. “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 1970, p. 10). Catherine Malabou, em seu livro *O prazer apagado: clitóris e pensamento*, destaca, justamente, essa contribuição por parte de Beauvoir: “Todo o esforço de *O Segundo Sexo* consiste então em libertar as mulheres do peso da alteridade que apaga a sua singularidade” (Malabou, 2021, p. 26, tradução nossa). Na trilha que se abriu à luz desse pensamento, paulatinamente se ajustaram olhares com a ousadia de imaginar o indescrito, romper com o que se comunicava até então e, dessa forma, materializar novos corpos. Estamos na fronteira que marca a potência do Comunicável – uma outra realidade epistemológica pode ser percebida, mesmo que ainda em meio a expressões de uma anacronia cada vez mais inegável, o que nos diz também sobre um iminente rompimento epistêmico.

A pesquisadora Patricia Brennan (2022), envolvida na descoberta e descrição do clitóris em diferentes animais, utiliza a definição funcional de Eberhard (1985) e Ah-King et al. (2014), para quem a genitália amniota² consiste em estruturas binárias que interagem fisicamente durante a troca de esperma. “Baseado nessa definição funcional, a genitália amniota feminina normalmente compreende a abertura genital (ou vulva e lábios, se presentes), o clitóris, o seio urogenital (ou cloaca) e a vagina. A genitália masculina normalmente compreende o pênis e o escroto (se presente)” (Brennan, 2022, p. 521, tradução nossa). Assim, de acordo com Brennan (*apud* Gross, 2022, p. 83, tradução nossa): “Onde há vagina, normalmente há um clitóris próximo. Seria uma oportunidade desperdiçada não procurar por eles”. E, historicamente, tem sido.

Nos animais amniotas, é sabido que o clitóris se faz presente ao menos no início do desenvolvimento, como nos pássaros, nos quais o órgão não foi identificado em fêmeas adultas (Brennan; Orbach, 2020). Da mesma forma, nas tartarugas, sabe-se que o clitóris existe, estando localizado na parede medial-ventral da cloaca. Todavia, não há detalhamento de sua morfologia (Miller; Dinkelacker, 2007)

Os crocodilos têm clitóris bem desenvolvidos no lado ventral de sua cloaca, que possui tecido erétil e inervação bem desenvolvidos e é provável que seja funcional (Tavaliere et al., 2019) e facilmente estimulado pelo pênis (Moore et al., 2021). As aves fêmeas têm clitóris durante o desenvolvimento (Herrera et al., 2013), mas nada descrito durante a idade adulta, enquanto nos escamados, um hemiclitéris eversível³ foi relatado em lagartos [...] (Folwell et al., 2022) (Brennan, 2022, p. 528, tradução nossa).

A obviedade e a facilidade de observação são frequentemente relatadas pelas cientistas responsáveis pelas descobertas de clitóris em fêmeas amniotas, assim como é comum a surpresa ao verificar a ausência de qualquer literatura a respeito, justamente em função de sua fácil observação.

Enquanto dissecavam a vagina dos golfinhos, Brennan não pôde deixar de notar outra coisa. “Continuávamos fazendo essas dissecações, analisando as vaginas, mas diante desse clitóris enorme”, dizia. Fazia

² Os amniotas constituem um clado, ou seja, uma linhagem evolutiva, que abrange todos os vertebrados terrestres cujos embriões se desenvolvem dentro de uma membrana denominada âmnio, incluindo aves, répteis e mamíferos.

³ O termo *eversível*, no português, diz respeito ao que pode ser revertido ou virado para fora.

todo sentido para ela que um golfinho tivesse um clitóris bem desenvolvido: eles são conhecidos por acasalar o ano todo por motivos de prazer e vínculo social, e são vistos se masturbando esfregando-se em coisas como areia, outros golfinhos e até mesmo enguias. Mas quando ela foi à literatura, descobriu que ninguém havia descrito esses órgãos enormes – apesar do fato de que seria necessário fazer um esforço para não os ver (Gross, 2022, p. 83, tradução nossa).

Como demonstra a revisão empreendida por Brennan (2022), o conjunto de clitóris descritos no clado dos amniotas, apesar de sua provável existência na totalidade desses animais, ainda pode ser rapidamente enumerado. “Nos mamíferos, a morfologia do clitóris foi bem descrita em humanos, alguns primatas, ratos, porquinhos-da-índia, camundongos e golfinhos-nariz-de-garrafa”, complementa (Brennan, 2022, p. 528, tradução nossa).

No caso dos escamados (uma ordem de répteis que inclui lagartos, cobras e anfisbenas), além da falta de descrição, havia muitas informações que, hoje, são compreendidas como equívocos. Dessa maneira, apesar de acreditar-se por muito tempo que o clitóris em cobras já havia sido identificado, assim como nos lagartos (existindo uma pretensa semelhança entre as espécies), a pesquisadora australiana Megan Folwell (2022) e sua equipe trabalharam de modo a revisar essa literatura para, em seguida, descrever propriamente o clitóris das serpentes.

Folwell et al. mergulharam na literatura para explorar as muitas confusões que cercam a descrição do hemiclitéris em escamados, um campo que sofreu com um histórico pobre de citações, identificação incorreta de cobras intersexuais como fêmeas possuindo hemiclitéris eversíveis e até mesmo má interpretação clínica de técnicas de visualização em animais vivos, como o uso de ultrassom. Na ausência de estudos anatômicos cuidadosos, é difícil argumentar que os hemiclitéris em cobras foram de fato descritos anteriormente [...] (Brennan, 2022, p. 528, tradução nossa).

Neste contexto, em dezembro de 2022, é publicado o estudo sobre a descoberta do órgão em cobras adultas (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022). “Quando Folwell mostrou suas descobertas a Patricia Brennan, que estuda morfologia genital no *Mount Holyoke College* e é coautora do artigo, Brennan disse que o achado era tão chocantemente óbvio que ela quase caiu da cadeira” (Fox, 2022, s/p). Ademais, Folwell relata que não foi necessário procurar muito, visto que “Você retira a pele e ele está logo ali, na sua frente” (*apud* Wetzel, 2022, s/p).

Portanto, além de existir uma ordem extremamente recente de pesquisas a respeito do clitóris amniota, existem também regularidades que atravessam esses estudos e estimulam algumas perguntas: Por quais caminhos e através de que processos algo passa a ser tão incontornavelmente óbvio e evidente? Por que somente nos últimos anos é possível identificar esses clitóris e por que depois de tanto tempo?

Genital Evolution: Why are females still understudied (Evolução genital: Porque as fêmeas ainda são sub estudadas, em tradução livre) (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014) é uma pesquisa que aborda a predominância do viés masculino na academia tendo por base o período de 1989 a 2012. Em termos gerais, sua conclusão é de que a evolução genital enquanto temática teve um grande aumento no número de publicações: de cinco estudos por ano na década de 1990 a mais de 40 estudos apenas no ano de 2012. Todavia, mesmo com esse crescimento, pesquisas sobre a evolução da genitália animal permanecem dominadas por investigações sobre machos. “Dos 364 estudos analisados, 48,6% (177) são sobre a genitália masculina, somente 7,7% (28) sobre a genitália feminina e 43,7% (159) sobre ambas” (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 2, tradução nossa).

O grande déficit nas pesquisas sobre a morfologia genital feminina e a sua coevolução com a morfologia genital masculina limitou severamente os avanços no conhecimento básico sobre sua forma e função reprodutiva (Brennan, 2016), gerando uma versão distorcida dos mecanismos reprodutivos em muitas espécies (Orbach, 2022, p. 534, tradução nossa).

Uma das principais alegações para esse déficit é a suposição teórica de que os elementos masculinos da seleção sexual são mais relevantes do que os das fêmeas. Entretanto, pouco a pouco, o caráter generalista de tais suposições vêm sendo questionado no âmbito do discurso científico. “Novas pesquisas destacam a rapidez com que as características genitais femininas podem evoluir e como a complexa dinâmica coevolutiva entre machos e fêmeas pode moldar as estruturas genitais” (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 1, tradução nossa).

O estudo ainda sugere que “[...] o viés [masculino] reflete suposições agora ultrapassadas sobre a falta de importância ou a falta de variação da genitália feminina na dinâmica evolutiva sexual” (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 6, tradução e grifo nossos). Ou seja, no conjunto de estudos analisados, é possível identificar tanto indícios de que há uma

tendência a quebrar com essa lógica, quanto a recorrência de suposições já consideradas ultrapassadas. Isso ocorre pois o rompimento epistêmico, como abordamos no capítulo anterior, é geral, mas não total, resultando em anacronismos desse tipo. Por essa razão também, mesmo que os estudos que exploram a evolução genital feminina ainda estejam em menor número na literatura do campo, eles acabam por fornecer uma visão mais significativa sobre a dinâmica sexual evolutiva, justamente por, ao abordarem questões historicamente ignoradas e invisibilizadas, despontarem como expressão dessa quebra e de sua originalidade. Ademais, tais pesquisas, enquanto registros de memória, são uma manifestação crucial do Comunicável e seu processo.

Pavlicev, Herdina e Wagner (2022), no estudo *Female Genital Variation Far Exceeds That of Male Genitalia: A Review of Comparative Anatomy of Clitoris and the Female Lower Reproductive Tract in Theria* (A variação genital feminina excede em muito a da genitália masculina: uma revisão da anatomia comparativa do clitóris e do trato reprodutivo inferior feminino em Theria, em tradução livre) atribui, de maneira objetiva, a falta de pesquisa sobre a genitália feminina em mamíferos vivíparos (aqueles que não põem ovos) a alguns fatores, que acabam por ser recorrentes também em outros amniotas. Em primeiro lugar, as genitálias das fêmeas, normalmente, não são facilmente observáveis ou notáveis, o que resultaria em menos interesse e investigação. Além disso, de maneira geral, as partes internas do sistema reprodutivo de ambos os sexos são menos estudadas em comparação com as externas. A necessidade de uma técnica de dissecação diferente da usual, da mesma maneira, contribui para a escassez de estudos nessa área. Outro fator é a premissa de que as genitálias femininas são mais uniformes e apresentam menos variações, o que leva à suposição de que não requerem tanta explicação quanto as dos machos. Em adição, a crença de que a seleção sexual opera principalmente nos machos e a suposição de que o clitóris não desempenha uma função biológica relevante também contribuem para a falta de interesse na pesquisa sobre a genitália feminina. No entanto, à medida que essas pressuposições são entendidas como equivocadas e superadas, observa-se um aumento na pesquisa sobre o trato reprodutivo feminino, indicando uma mudança gradual nesse panorama (Pavlicev; Herdina; Wagner, 2022).

Parte integrante da genitália das fêmeas amniotas, o clitóris é o “[...] único órgão cujo propósito é proporcionar prazer sexual” (Brennan, 2022, p. 528, tradução nossa) e, geralmente,

configura-se em parte homóloga ao pênis, ou seja, mantém com o seu correspondente masculino semelhanças de forma e função (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022). Isso porque o falo é uma característica compartilhada pelos amniotas – tendo sido originado na linhagem tronco dos vertebrados terrestres (aves, répteis e mamíferos) – e está presente em ambos os sexos, no pênis nos machos e no clitóris nas fêmeas. Inclusive, “As duas estruturas originadas a partir do falo são indistinguíveis durante o início do seu desenvolvimento” (Pavlicev; Herdina; Wagner, 2022, p. 582, tradução nossa). A anatomia, a fisiologia e a função do falo masculino são amplamente estudadas. Já no caso do clitóris, descrições igualmente detalhadas são raras. “Isso acontece mesmo havendo evidências de que a genitália feminina, e o clitóris em particular, tem função chave na reprodução” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa). Assim, a completa inexistência de descrições do clitóris em muitas espécies (mesmo que sua existência seja conhecida) ou os poucos e, por vezes equivocados, detalhamentos existentes são uma recorrência na maioria dos estudos.

A pesquisa *Anatomy of the Clitoris* (Anatomia do Clitóris, em tradução livre) é a descrição mais detalhada deste órgão em humanos realizada pela ciência. Publicado em 2005, sob liderança da pesquisadora australiana Hellen O’Connell, o artigo afirma que “A história do clitóris é uma parábola da cultura e de como o corpo é forjado em um formato válido para a civilização, apesar e não em função de si mesmo” (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194). As parábolas são histórias feitas de alegorias, figuras de linguagem responsáveis por transmitir uma mensagem, frequentemente de cunho moral, de maneira indireta, através de comparações ou analogias. Dessa forma, o que O’Connell et al. (2005) nos dizem é que o corpo é forjado (ganha forma e substância) a partir da mesma matéria que compõe a cultura de uma sociedade – um conjunto de convenções que, mesmo que aos olhos e ao toque pareçam reais, na verdade são etéreas o suficiente para, ao longo do tempo, dissolverem-se e (re)agruparem (re)formatando-se. Assim, analisar o histórico de como o clitóris foi visto e como foi descrito, ou seja, os muitos clitóris que ao longo do tempo foram materializados através dos manuais de anatomia, dos consultórios médicos, da prática das parteiras, dos discursos políticos e religiosos e, claro, da experiência sexual das mulheres, é também analisar como se constitui arqueologicamente a sociedade que assim os formatou.

Os autores também afirmam que objetivaram relacionar as “[...] descobertas da pesquisa anatômica moderna com a literatura histórica com o objetivo de *esclarecer perpetuamente* a anatomia sexual feminina” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1190, tradução e grifo nossos). Todavia, Paul Preciado adverte que, “Se a ciência alcançou o lugar hegemônico como discurso e prática na nossa cultura, isso se deve, como notaram Ian Hacking, Steve Woolgar e Bruno Latour, a seu funcionamento como aparato discursivo-material da produção físico-corpórea” (Preciado, 2018, p. 37). Em outras palavras, a ciência, mais do que qualquer outro saber, forja os corpos – dá-lhes forma, substância e um caráter de verdade. Assim, uma descrição derradeira e perpétua é um esforço louvável por parte dos pesquisadores, mas, também, uma quimera discursiva. Qualquer objeto de saber, em função do jogo de trocas das arenas sociais, eventualmente se desestabilizará novamente, transformando-se. Antes de vir à luz e ser comunicado, um corpo nem existe. Mesmo quando a bióloga comparatista Dara Orbach (2022), de maneira crítica, pontua que a ausência histórica de pesquisas sobre a genitália feminina criou uma versão distorcida das dinâmicas reprodutivas, é preciso questionar qual seria a pretensa versão *real*, *primeira* ou *original* dessas dinâmicas. Como alerta Donna Haraway (2023, p. 322), “[...] a ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. E ponto final. A forma na ciência é a retórica artefactual-social que configura o mundo em objetos efetivos”.

Nesse sentido, Rachel Gross, autora da revisão jornalística *Vagina Obscura*, escreve que tudo gira em torno de maneiras de ver: “Você vê o que espera ver. Você não pode ver o que você não está procurando” (Gross, 2022, p. XVI, tradução nossa). Assim como o próprio Foucault evidencia em *O Nascimento da Clínica*: “Quem pode assegurar-nos de que um médico do século XVIII não via o que via, mas que bastaram algumas dezenas de anos para que as figuras fantásticas se dissipassem e que o espaço liberto permitisse chegar aos olhos o contorno nítido das coisas?” (Foucault, 2020, p. VIII- X). A problematização do Comunicável está, justamente, no nível das práticas que configuram tais olhares. Para analisá-las, é preciso voltar-se para o arquivo.

Em 14 de dezembro de 2022, o site *New Scientist* divulgou que “Cientistas finalmente encontraram o clitóris em cobras – e existem dois” (Wetzel, 2022, s/p., tradução nossa), em razão da publicação do estudo “*First evidence of hemiclitores in snakes*” (Primeiras evidências de hemiclitóris em cobras, em tradução livre), de Folwell et al. (2022), realizada nesse mesmo dia.

Parecendo noticiar um acontecimento há muito tempo aguardado, a chamada destaca a demora da descoberta e o agravante de que, mesmo sendo um clitóris duplo, até então não tinha sido notado. A notícia parece, dessa forma, a cobrança de uma informação atrasada e a ciência, na arena jornalística, é caracterizada como um campo entregue a atavismos ultrapassados. Sobre o mesmo tema, o site do jornal *The Guardian* publica a chamada “Cobras têm clitóris: cientistas superam um ‘enorme tabu em torno da genitália feminina’” (Lu, 2022, s/p., tradução nossa), destacando, justamente, um importante caráter social e cultural que teria sido superado. Dessa forma, nosso exercício heurístico junto ao Comunicável toma como ponto de partida esse que é o clitóris mais jovem no jogo de trocas e, também, no registro das descrições científicas para debater as discontinuidades que marcam sua passagem pelo Comunicável e problematizar o histórico do clitóris enquanto objeto semiótico e comunicacional.

O estudo de Megan Fowell e sua equipe traz as primeiras descrições macromorfológicas do hemiclitéris das cobras, usando dissecação em sete serpentes fêmeas adultas (*Elapidae*, *Viperidae* e *Pythonidae*) e microtomografia com contraste de iodo (diceCT) em três cobras fêmeas adultas das espécies *Elapidae* e *Colubridae*. A espécie focal do estudo é a Cobra da morte (*Common Death Adder*), um tipo de serpente da ordem *Squamata* da família *Elapidae*, encontrada na Austrália e considerada uma das mais venenosas do mundo. Parecida com a víbora, ela possui cabeça longa e triangular, corpo grosso e cerca de 80cm de comprimento.

Nas cobras, o desenvolvimento tanto do clitóris, quanto do pênis, inicia ainda na fase embrionária e a partir de uma mesma estrutura: “Nos escamados (lagartos e cobras), o túbulo genital se desenvolve em uma estrutura de hemifalo pareada chamada ‘hemiclitéris’ na fêmea e ‘hemipênis’ no macho” (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa). O prefixo hemi (que significa “metade”) indica, justamente, o fato de ambos os órgãos serem constituídos de duas partes, sendo o hemiclitéris uma estrutura triangular semelhante ao desenho de um coração.

A complexa evolução do hemipênis dos escamados tem sido extensivamente pesquisada desde as primeiras descobertas no século XIX e isso revelou uma enorme diversidade no tamanho, forma e ornamentação dos hemipênis (por exemplo, saliências de espinhos, ganchos, cálices e copas). Em contraste, o hemiclitéris dos escamados tem sido visivelmente sub investigado e os estudos que descrevem esta

anatomia estão repletos de inconsistências (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

Ademais, o atraso no aprofundamento no hemiclitéris das cobras se deu apesar de a potencial variação na morfologia do clitéris do animal apresentar características que podem ser úteis para debater a origem das serpentes, assim como de outros escamados (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022).

Estudos sobre o hemipênis masculino em lagartos e cobras são abundantes e têm, fundamentalmente, formatado as ideias sobre as origens do desenvolvimento compartilhado do falo em amniotas [...]. Estudos similares de hemiclitéris de fêmeas são raros e, de fato, frequentemente presume-se que o clitéris é vestigial ou foi perdido nas linhagens de escamados (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

Ademais, o viés masculino dessas investigações faz com que, até o momento, a pesquisa sobre répteis escamados tenha se concentrado principalmente no comportamento de cortejo masculino, na morfologia do hemipênis, no armazenamento de esperma pelas fêmeas, na anatomia do oviduto e da cloaca, bem como no ciclo reprodutivo feminino (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

Ou seja, há uma lacuna significativa no conhecimento sobre a anatomia e função do hemiclitéris, apesar de sua potencial importância na estimulação tátil durante a cópula, uma característica observada em outros amniotas. “Futuros estudos comparativos de evolução clitorial em escamados necessitam de referências anatômicas claras” (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 7, tradução nossa). Enquanto isso, a função do hemiclitéris na reprodução permanece em sua maior parte desconhecida. Embora a estrutura do clitéris seja conservada entre os amniotas, sua natureza vestigial nos répteis escamados tem sido amplamente assumida, mesmo considerando seu papel funcional na excitação sensorial em outros grupos de amniotas (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

Dessa maneira, é possível identificar uma série de novas formações enunciativas a respeito da existência do hemiclitéris. A grande maioria delas, todavia, ainda são afirmadas no campo das possibilidades. E sempre quando, no domínio dos discursos, um objeto está a se materializar nesse espaço do *em potencial*, ele está na fronteira que configura o Comunicável.

Como abordamos no capítulo anterior, por ser o espaço próprio da quebra do arquivo, o *entre* que se coloca em meio às velhas e às novas regras do que pode ser comunicado, sua posição é privilegiada para a observação de tendências de rompimento epistêmico.

Nesse limite, existe, de um lado, um conjunto de afirmações que, epistemicamente falando, já não podem mais ser feitas. Em tal conjunto, enquadra-se a irrelevância da genitália das cobras fêmeas para o estudo da evolução da espécie em razão de uma invariabilidade de sua configuração. Ou seja, a presunção de que a organização dos órgãos sexuais das serpentes fêmeas, ao longo do tempo, não havia se modificado o suficiente para justificar uma dedicação maior à sua análise. Na esteira deste pensamento, o hemiclitéris era, inclusive, considerado vestigial, ou seja, um índice inútil e sem função de um órgão perdido.

De outro lado, configura-se um grupamento de afirmações que, regidas pelas mesmas regras de formação enunciativa, vão desenhando o território de uma nova prática discursiva, mas que ainda carece de condições de possibilidade para se instaurar. Ou seja, um conjunto de coisas que ainda não pode ser explicitamente enunciado porque não se encontra completamente instituído em um discurso no arquivo. Por essa razão que, para além da existência do hemiclitéris e a visibilidade dos contornos de seu formato, outras coisas ainda estão no nível especulativo, como uma potencial função na cópula e mesmo suas capacidades sensoriais e vínculo ao prazer da fêmea. Isso porque, o viés masculino investido no olhar científico precisa modificar-se para que haja um contexto que favoreça sua sedimentação como objeto discursivo.

É este o estado e o espaço do Comunicável que nos propomos a aprofundar em seguida a partir de suas categorias de análise crítica.

4.1. Indiferenciação – Entre instabilidade, confusão e viés masculino

Ao longo de quase dois séculos, considerando o início dos estudos do hemipênis em cobras macho ainda no século XIX, o hemiclitéris ocupou o lugar daquilo que não é, mas poderia ter sido: um vislumbre, o vestígio de um falo que falhou em desenvolver-se, assim como fracassou em encolher-se. “Durante o desenvolvimento dos escamados, os botões genitais emparelhados continuam a crescer para criar hemipênis ou regridem de tamanho para formar o

hemiclitoris” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa). Essa “falha” no desenvolvimento das cobras fêmeas, expressa no que se identificava como um hemiclitoris vestigial, por si só é intrigante, visto que o órgão, como já abordamos, é encontrado na maioria das fêmeas amniotas adultas, com exceção das aves. E essa não é a única suposição que causa estranhamento quando, hoje, observam-se as pesquisas que foram realizadas sobre o tema. A investigação de Folwell e sua equipe, mostra que, de maneira geral:

Relatos de hemiclitoris em cobras adultas [...] são (i) citações inadequadas de literatura que discute lagartos em vez de cobras, (ii) genitália diferente nas cobras (por exemplo, intersexo ou hemipênis masculino), (iii) descrições vagas sem referências anatômicas ou (iv) confundidas com anatomia adjacente, como glândulas odoríferas (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa).

Em um trabalho prévio, ainda sem a contribuição de Patricia Brennan, Folwell et al (2022) encontraram e revisaram pelo menos uma dezena de artigos que foram referenciados de maneira equivocada por outras pesquisas ao longo dos anos como se fornecessem relatos a respeito do hemiclitoris das cobras. Através de uma análise detalhada desses artigos originais, as autoras puderam constatar que tais textos discutiam estruturas anatômicas outras (como glândulas anais, por exemplo), ou descreviam hemipênis em cobras intersexuais, ou mesmo artigos que, na verdade, tratavam da genitália de lagartos e não de cobras.

Ziegler e Böhme (*apud* Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022) especulam que o hemiclitoris das cobras fêmea vem sendo confundido desde a década de 1900 com as glândulas odoríferas do animal ou com o hemipênis de cobras intersexuais. Ademais, os autores mencionam outras confusões, como a referência ao hemiclitoris invertido como “bolsos” e destacam que, na literatura mais recente, os abaulamentos genitais femininos ainda eram chamados de bolsas hemipênicas reduzidas.

Uma fonte de confusão especialmente problemática é a presença de indivíduos intersexuais em algumas populações de cobras; estes formam ovários reprodutivamente funcionais e um único hemipênis, sendo este último às vezes confundido com um hemiclitoris (o hemipênis intersexual é geralmente menor e menos espinhoso que o hemipênis masculino) (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

Ou seja, o hemiclitéris era observado apenas em estruturas anatômicas que também eram encontradas nos corpos dos machos ou suas estruturas eram vistas como versões malformadas de órgãos masculinos. Além dessas descrições confusas e equivocadas, altamente determinadas por um viés masculino, sua localização foi apontada anteriormente às glândulas anais e caudal à cloaca. No entanto, estudos de desenvolvimento em lagartos e cobras mostram que os hemipênis e os hemiclitéris se formam a partir dos mesmos inchaços genitais; assim, ambos estão localizados posteriormente à cloaca e centralmente na cauda – medial às glândulas odoríferas em adultos (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

O viés masculino historicamente estabelecido no discurso científico deste campo de pesquisa revela um *plano de emergência* (Foucault, 2020b) monotônico em seus enunciados. Ou seja, tal discurso age de maneira a modular o que é visto sempre a partir do macho. Nesse sentido, as práticas e técnicas de pesquisa, enquanto suas *instâncias de delimitação* (Foucault, 2020b), na sua invariabilidade, homogeneizam os resultados, causando desencontros, confusões anatômicas e, também, invisibilidades como as relatadas. Por fim, as *grades de especificação* (Foucault, 2020b) – as maneiras de classificar e segmentar o objeto – evidenciam uma constante instabilidade, pois estudos se contradizem, invalidam-se ou são referenciados erroneamente. Cabe destacar que observar essa organização arqueológica só é possível quando em trânsito pelo Comunicável. Apenas nesse espaço de fronteira tal estrutura se faz visível, e a indiferenciação operada pelo arquivo só passa a ser percebida quando dele nos distanciamos.

Instabilidade, confusão e viés masculino marcam, portanto, o estágio de indiferenciação do Comunicável no que diz respeito ao clitóris. A instabilidade corresponde às descobertas e redescobertas, visibilidades e invisibilidades do órgão pelos pesquisadores ao longo da história; A confusão, por sua vez, refere-se, no estudo da anatomia genital feminina, à miscelânea que caracteriza a sua nomenclatura anatômica, conforme Brennan (2022). Proliferam-se os nomes diferentes para estruturas já descritas, o que ocasiona pouca precisão na identificação de características específicas e frustração entre pesquisadores. Esse é um problema que atravessa espécies e tem consequências importantes no desenvolvimento científico. Já o viés masculino é a característica predominante historicamente no tratamento científico do clitóris e que se torna evidente apenas neste espaço do Comunicável, quando causa estranhamento e passa a ser questionado. É necessário, portanto, esse espaço de fronteira para que os elementos heterogêneos

previamente dissolvidos na massa do arquivo passem, paulatinamente, por um olhar que os diferencie.

Tomemos a história do clitóris humano para analisar brevemente estas mesmas questões. O’Connell, Sanjeevan e Hutson (2005) explicitam, em sua revisão sistemática, a instabilidade histórica dos detalhamentos anatômicos, assim como das nomenclaturas e explicações quanto à funcionalidade do órgão.

O estudo específico de livros didáticos de anatomia ao longo do século XX revelou que os detalhes dos diagramas genitais apresentados no início do século foram posteriormente omitidos em textos seguintes. Estes exemplos, particularmente tendo como plano de fundo a descoberta e redescoberta do clitóris, indicam que a evolução da anatomia feminina ao longo do século XX ocorreu como resultado de eliminação ativa e não de uma simples omissão no interesse da brevidade (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189-1190, tradução nossa).

Tais manuais, enquanto registros de memória, revelam omissões significativas potencialmente influenciadas por fatores outros que não a objetividade científica, pois mesmo essas descrições típicas do clitóris nos livros didáticos (aqueles utilizados para treinar médicos, ginecologistas e cirurgiões nas últimas décadas) “[...] carecem de detalhes e incluem imprecisões” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa).

Ainda na Antiguidade, por volta de 500 a.C., há registros de identificação e localização precisa do clitóris feitos por Hipócrates, provavelmente sob orientação das parteiras da época (Gross, 2022). Aristóteles notaria algo semelhante em função da sua análise de ratos fêmeas, cuja região pubiana inchava ao se aproximar do macho, o que ele relacionou com as fêmeas humanas, que “sentem prazer ao serem tocadas no mesmo lugar que os homens, mas, no caso delas, não há emissão de líquidos” (*apud* Gross, 2022, p. 9, tradução nossa). No primeiro século d.C., outro médico grego, Soranos de Éfeso, também descreveria o clitóris, dando-lhe a alcunha de “ninfa”, pois estaria alocado entre os lábios, semelhante às noivas vestidas com o véu (Gross, 2022).

Mesmo assim, no século XVI, diversos anatomistas, como Realdo Colombo, Gabriele Falloppia, Jan Swammerdam e Regnier DeGraaf, reivindicaram a descoberta do clitóris. Hoje, a ciência entende que pênis e clitóris são órgãos homólogos. Mas para anatomistas proeminentes,

como Galeno de Pérgamo e Andreas Vesalius, este último considerado o pai da anatomia moderna, a forma feminina correspondia a uma versão invertida da masculina – era o modelo do sexo único, como explica Thomas Laqueur (2001). Na sua lógica, a correspondência ao pênis estava na vagina e não no clitóris, para o qual não havia função nem mesmo existência em mulheres saudáveis.

Penso que tal estrutura aparece em hermafroditas que, de outra forma, têm órgãos genitais bem formados, como descreve Paulo de Egina, mas nunca vi em nenhuma mulher um pênis (que Avicena chamava *albartha* e os gregos chamavam de ninfa alargada e classificavam como uma doença) ou mesmo os rudimentos de um minúsculo falo (Vesalius *apud* O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1192, tradução nossa).

De fato, a lógica do modelo de Galeno de Pérgamo não deixava espaço para o clitóris, sendo omitido inteiramente das suas descrições anatômicas. “Comparado com o que Hipócrates escrevera quinhentos anos antes, esta foi uma reviravolta surpreendente. Infelizmente, a escola de pensamento de Galeno prevaleceria pelo menos até o século XVII, moldando ideias anatômicas nos séculos seguintes” (Gross, 2022, p. 10, descrição nossa).

Variados termos existiram para fazer referência ao órgão e “clitóris” só seria utilizado na literatura a partir do século XVII. Hipócrates usou o termo *columela* ou *pequeno pilar*; Avicena, persa e um dos médicos mais famosos da antiguidade, chamou o clitóris de *albartha* ou *virga* (vara); Albucasis, autoridade médica árabe, chamou-a de *tentigo* (tensão); *Amoris dulcedo* (doçura do amor), *sedes libidinis* (sede de luxúria) e *moscardo de Vênus* foram termos usados por Colombo, anatomista italiano. Já na Idade Média, Magnus usou a palavra *virga* como o termo para os órgãos genitais masculinos e femininos (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005).

Ainda na Renascença, mais precisamente em 1545, Charles Estienne seria o primeiro autor a identificar o clitóris com base em uma dissecação. Em seu relato, curiosamente, o clitóris recebeu uma função urinária. Colombo afirma ter redescoberto o clitóris, sendo contestado por Gabriel Fallopio em 1561 (o mesmo que dá nome às trompas de falópio). “Os anatomistas modernos negligenciaram-no completamente... e não dizem uma palavra sobre isso... e se outros falaram sobre isso, saibam que o tiraram de mim ou dos meus alunos” (Fallopia *apud* O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1192, tradução nossa).

Em 1672, o trabalho de DeGraaf indica que a anatomia clitoriana teria sido redescoberta novamente, sendo, possivelmente, o primeiro relato compreensível do órgão. “Nós estamos extremamente surpresos que alguns anatomistas não fazem mais nenhuma menção dessa parte, como se nem existisse no universo da natureza. Em cada cadáver que dissecamos nós o encontramos bem perceptível à vista e ao toque” (De Graaf *apud* O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1192-3, tradução nossa).

“Assim, durante períodos de até 100 anos, o conhecimento anatômico do clitóris parece ter sido perdido ou oculto, presumivelmente por razões culturais” (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193, tradução nossa). O que O’Connell et al. chamam de cultural, compreendemos como as condições de possibilidade do arquivo. Inclusive, para que sua pesquisa afirme isso, é necessário que esteja com os pés fincados na fronteira do Comunicável.

Nesse contexto, tudo indica que as estruturas incluídas no que se identificava ser o clitóris, até então, eram apenas o corpo e a glândula, esta última a parte externa e visível do órgão. Hoje, a discussão sobre quais estruturas devem ser incluídas no que chamamos de clitóris segue em elaboração, como é próprio do limiar de um novo arquivo.

Existe um apelo em usar um simples termo, clitóris, para descrever o conjunto de tecidos eréteis responsáveis pelo orgasmo feminino. Com o tempo, chegar-se-á a um acordo sobre se todo o conjunto de tecidos relacionados (vagina distal, uretra distal e clitóris, incluindo os bulbos, crura, corpo e glândulas) deve ser incluído no termo clitóris. Por enquanto, parece apropriado unir as estruturas vasculares que formam um agrupamento unificado, como na ressonância magnética, e referir-se a essas estruturas como clitóris (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194, tradução nossa).

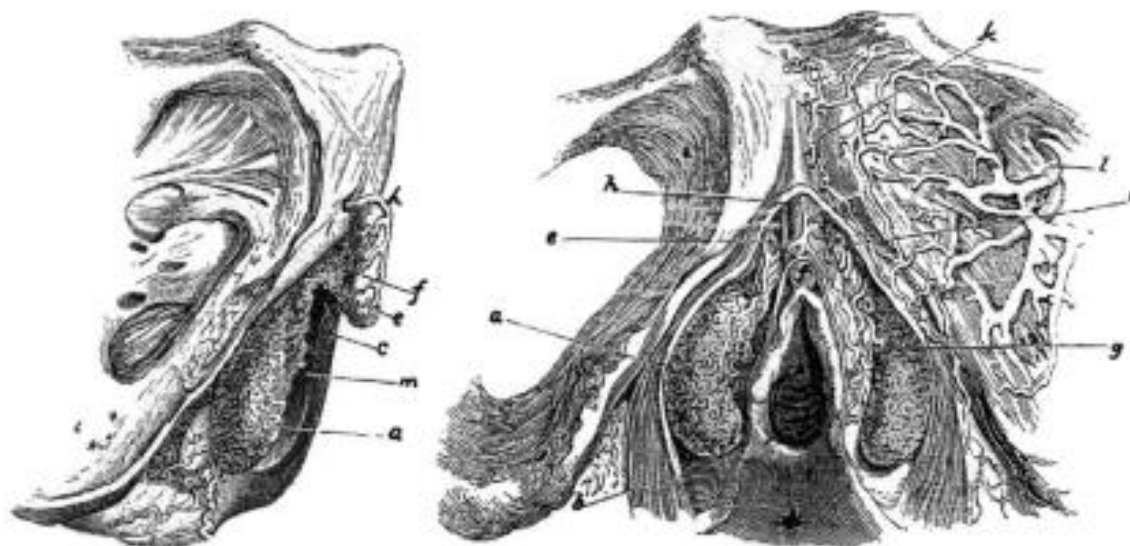
Cabe destacar que os diagramas do clitóris de Georg Ludwig Kobelt, no século XIX, já forneciam um relato mais esmiuçado sobre o órgão, com descrições abrangentes sobre a musculatura circundante e o papel do clitóris e da vagina. “Poucos outros relatos abrangentes da anatomia do clitóris foram identificados na literatura histórica”, afirma O’Connell et al. (2005, p. 1193, tradução nossa).

Como metodologia, Kobelt se utilizava da dissecação. Mas, além disso, ele injetava os órgãos reprodutivos humanos com tinta colorida, fazendo desenhos detalhados do que via. Uma

de suas observações foi notar que a haste do clitóris se curvava para baixo, semelhante a um joelho, além de comentar a riqueza de nervos que compunha a glânde e os seus dois bulbos volumosos que circundam as paredes da vagina. O órgão completo, segundo o alemão, “é composto por duas áreas, o clitóris e os bulbos esponjosos ... as duas áreas estão conectadas por uma rede vascular” (*apud* Gross, 2022, p. 13, tradução nossa). “Ele também comparou o clitóris humano com o de cavalos, gatos, cachorros, ratos, porcos, coelhos e lêmures, notando que esses animais tinham um osso clitoriano (*clitoridis*) passando pelo meio. Os machos dessa espécie têm um osso penial equivalente (*baculum*)” (Gross, 2022, p. 13, tradução nossa).

Abaixo é possível ver duas ilustrações feitas por Kobelt. À esquerda, o diagrama expressa uma visão lateral das estruturas eréteis dos órgãos da genitália humana feminina. Na letra A, aponta-se o então chamado bulbo vestibular; na C, o plexo de veias chamado *pars intermedia*; na E, a glânde do clitóris; na F, o corpo do clitóris; e, na H, a veia dorsal do clitóris. Na representação frontal, a glânde do clitóris é apontada na letra F; na B, os músculos do esfíncter da vagina; na E, novamente, o plexo venoso da *pars intermedia*; na G, veias de conexão; e, na letra K, veias passando por baixo dos púbis (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005).

Figura 1 – Diagramas de Kobelt



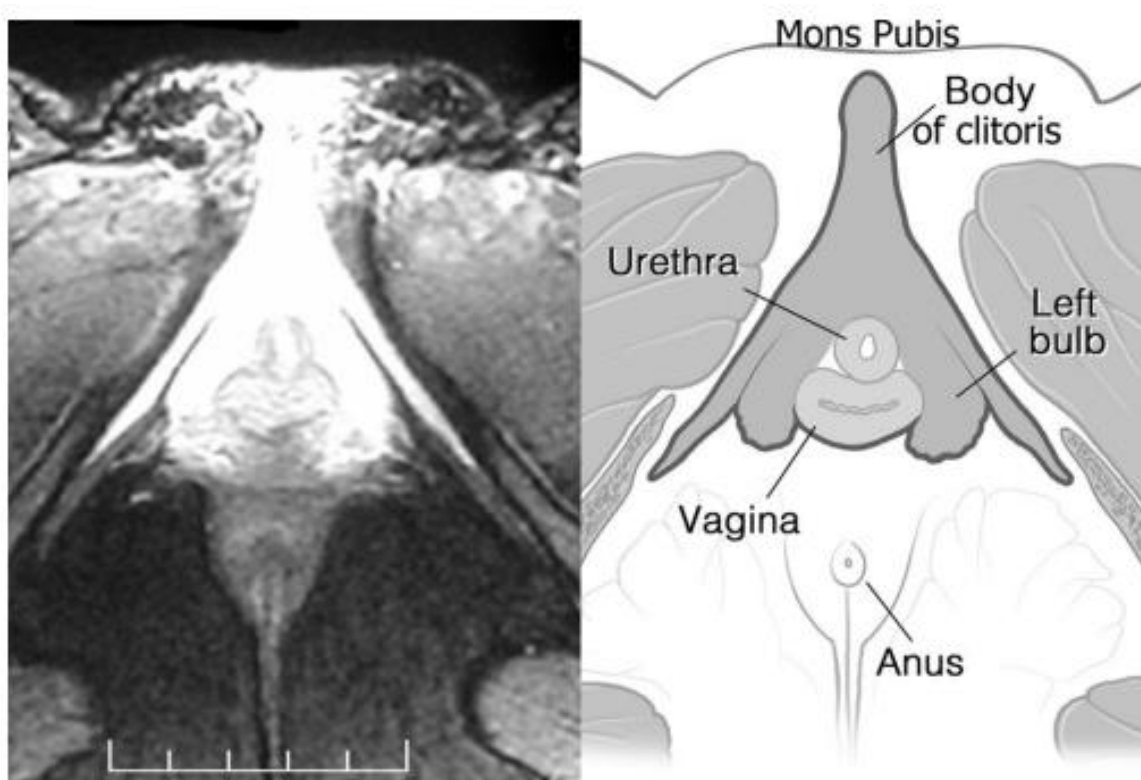
Fonte: *Anatomy of the Clitoris* (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193)

Cada descrição fornecida ao longo do tempo poderia ter orientado as gerações seguintes a buscarem por informações aprimoradas e precisas, mas esse não foi o caso. Mesmo no século XX, “A descrição típica de um livro anatômico carece de detalhes, descreve completamente a anatomia masculina e apenas fornece as diferenças entre a anatomia masculina e a feminina, em vez de uma descrição completa da anatomia feminina” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193). Reforçando não apenas a recorrência do viés masculino, que analisa a fêmea apenas em relação ao macho, mas contrapondo fortemente uma noção de evolução ou progresso histórico da ciência, como destaca O’Connell e sua equipe:

A descrição de Kobelt, com algumas modificações, auxiliada por ressonância magnética e fotografias de dissecação, fornece um relato abrangente de anatomia sexual feminina. Os escritores dos principais livros de anatomia tiveram acesso a descrições e diagramas abrangentes do clitóris desde os estudos de Kobelt. A falta de detalhes anatômicos nos textos de cirurgia pélvica reforçou a abordagem cega da anatomia pélvica típica dos livros de anatomia (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194, tradução nossa).

O detalhamento seguinte e, ainda hoje, o mais completo, foi dado mais de 150 anos depois de Kobelt, pelo estudo de O’Connell, Sanjeevan e Hutson (2005). Abaixo podemos ver uma imagem que integra tal estudo, feita por ressonância magnética à esquerda, em conjunto com um diagrama simplificado à direita, indicando o corpo do clitóris (*Body of clitoris*), uretra (*urethra*), bulbo esquerdo (*left bulb*) e vagina. O plano axial de ambos os diagramas, de Kobelt e de O’Connell et al. evidencia a completude do estudo do alemão, ainda em 1844.

Figura 2 – Imagem de ressonância magnética em plano axial do clitóris



v

Fonte: *Anatomy of the Clitoris* (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1191)

Contudo, fora do campo da ciência tradicional, existiram sempre disputas no campo discursivo empreendidas especialmente por sujeitos com clitóris. Durante os anos 70, por exemplo, um grupo de mulheres estado-unidenses, integrantes de um coletivo de saúde feminista, destacou, em um livro de sua autoria, boa parte das características que seriam descobertas por O’Connell, inspirando-a em seu trabalho, como a inclusão do bulbo e da uretra no complexo clitoriano. A obra, intitulada *A new view of a woman’s body* (Uma nova visão do corpo da mulher, em tradução livre), descreve o clitóris como um corpo longo e alado. As autoras, como não tinham acesso a cadáveres para dissecar, examinavam a genitália umas das outras: “Elas comparavam suas descobertas com a anatomia padrão dos livros, notando uma ampla variação entre as mulheres” (Gross, 2022, p. 31, tradução nossa). Da mesma maneira, Jane Sharp, parteira britânica, em seu manual de 1671, havia descrito o órgão como um pequeno falo que incha “quando os espíritos entram nele” e “torna as mulheres lascivas e se deleitam na cópula, e

se não fosse por ele, elas não teriam nem desejo nem deleite” (Sharp *apud* Gross, 2022, p. 12, tradução nossa).

Invocando noções que desenvolveria de maneira mais focada em sua fase genealógica, Foucault aborda, ainda em *A Arqueologia do Saber*, os termos e condições do campo enunciativo nas disputas discursivas. Nessa arena, regulação e controle operam, considerando as regras do arquivo, no agenciamento de cada enunciado – dos mais discretos e banais aos mais significativos, as leis do que pode ser comunicado são aplicadas nos conceitos que são utilizados, nas estratégias empregadas, nas práticas e na formação dos objetos. “Todo o campo enunciativo é, ao mesmo tempo, regular e vigilante: é insone” (Foucault, 2020b, p. 179), afirma. Ou seja, o que feministas do século XX e parteiras do século XVII potencialmente têm em comum nesse âmbito é que o jogo de regras a que seus discursos obedeciam já apontavam para rompimentos que se concretizariam na ciência muito tempo depois.

Nesse contexto, a indiferenciação do clitóris (das cobras, das humanas e de outros animais), que pode ser observada a partir do Comunicável, é resultado da perene vigilância das regras do arquivo em vigência, cuja regulação planifica sentidos, formas e funções. Por essa razão, Catherine Malabou afirma que o clitóris só encontra suas condições de existência quando passa a medir distância, a afastar-se dos discursos que o conformam. “Distância entre clitóris e vagina, objeto de tantas análises e psicanálises. Distância entre clitóris e pênis. Distância entre o clitóris e o falo, pois o primeiro se recusa, ao contrário do pênis, a obedecer à lei do segundo. Distância entre o biológico e o simbólico, a carne e os sentidos” (Malabou, 2021, p. 9, tradução nossa). A distância de que fala a filósofa é a diferenciação que agora, no espaço do Comunicável, é possível. Daí a necessidade de identificar e descrever também as estruturas de visibilidade – os lugares institucionais dos quais emergem os discursos, os sujeitos e os espaços por eles ocupados, as tecnologias, as técnicas, as arquiteturas etc. Os lugares de aparecimento do clitóris foram determinantes para a sua inconstância, confusão e alteridade, pois mais do que um mero espaço físico, os laboratórios, a comunidade científica e os instrumentos de análise dos corpos são, antes de tudo, meios “[...] com seus marcos significativos, seus limites, suas oportunidades de evolução” (Foucault, 2020b, p. 62-3).

4.2. Estrutura do visível – Uma tecnologia para encontrar o clitóris

“*Eu sei que* [o clitóris] está presente em muitos animais e não faria sentido não estar presente nas cobras. Eu apenas tive que dar uma olhada para ver se essa estrutura estava lá ou se apenas havia passado despercebida”, afirmou a autora Megan Fowell (*apud* Cohen, 2022, s/p., tradução e grifo nossos) em entrevista à BBC. Sua fala traz uma sucessão causal de ações: saber-olhar-ver. Todavia, o que se pode saber, as possibilidades desse olhar e as constatações possíveis desse ver estão subordinadas às estruturas de visibilidade que os conformam. No contexto das ciências modernas, Donna Haraway chama atenção para a mediação do que nomeia *sistemas de percepção*.

Os “olhos” disponibilizados nas ciências tecnológicas modernas estilhaçam toda ideia de visão passiva; esses dispositivos protéticos mostram-nos que todos os olhos, incluindo nossos olhos orgânicos, são sistemas perceptuais, incorporando traduções e modos diferentes de visão, isto é, modos de vida. Não existe uma fotografia não mediada ou uma câmera escura passiva nas abordagens científicas de corpos e máquinas; há apenas possibilidades visuais altamente específicas, cada uma com um modo parcial, incrivelmente detalhado e ativo, de organizar mundos (Haraway, 2023, p. 332).

É nessa medida que Foucault chama “estrutura” (Foucault, 2016, p. 190) a organização do visível, uma espécie de seleção pré-linguística que, designando o que é possível ver, reconhecer, identificar e habitar, posteriormente permite que um regime de visibilidade se transcreva em um determinado sistema de linguagem e se torne dizível. Sob o domínio deste arranjo, Haraway coloca os dispositivos (técnicos ou não), os que agenciam o que é possível ver e, assim, as possibilidades de estar no mundo – os possíveis modos de viver e compreender o que está ao nosso redor. Nesse sentido, não há separação entre teoria e experiência, como abordamos no capítulo 2. Logo, Megan Fowel, como ela bem afirma, viu aquilo que já sabia existir. Aqui, novamente, nos deparamos com o aspecto fronteiro do Comunicável, pois, mesmo diante do que para ela já era uma obviedade, “[...] quando Folwell foi procurar literatura sobre o órgão em serpentes, ela não encontrou nada. ‘Simplesmente não fazia sentido para mim’, disse ela. ‘Eu sabia que algo estava estranho’” (Thompson, 2022, s/p., tradução nossa).

Patricia Brennan, que é uma das autoras do estudo, chegou a buscar pelo clitóris da cobra, mas, imersa nas práticas e tecnologias de seu tempo, não foi capaz de vê-lo, como narra uma reportagem do *The Atlantic*:

[...] até bem pouco tempo ela nunca tinha encontrado clitóris em cobra. Brennan, para que não haja dúvida, havia verificado. Pesquisadora do *Mount Holyoke College*, ela dissecou todos os tipos de cobras e lagartos ao longo dos anos e sempre descobriu a mesma coisa: os machos ostentam um par de pênis fortemente ornamentados, chamados hemipênis, que podem, como o forro de um bolso, desdobrar-se para fora da base da cauda; o mesmo truque funciona com muitas fêmeas de lagartos, cujos clitóris, ou hemiclítóris, também podem ser virados para fora. Mas sempre que Brennan tentava a manobra em uma cobra, ela virava, desdobrava e nada. Eventualmente, Brennan, como muitos outros em sua área, concluiu que clitóris em cobras não deveriam existir (Wu, 2022, s/p., tradução nossa).

Em outra entrevista, Megan Fowell justifica que essa desistência dos pesquisadores se dava por múltiplos fatores: “Havia uma combinação de a genitália feminina ser um tabu, os cientistas não serem capazes de encontrá-la e as pessoas aceitarem a rotulagem incorreta de cobras intersexuais” (Fowell *apud* Mao, 2022, s/p., tradução nossa). A estrutura de visibilidade consiste em uma intersecção dessas questões e muitas das notícias a respeito da descoberta destacam, justamente, como foram necessárias transformações nas maneiras de ver, ou seja, novas estratégias para o uso de aparatos técnicos já existentes.

Para o *The Scientist*, Natalia Mesa (2022, s/p., tradução nossa) destacou as etapas do procedimento e a facilidade de visualização do órgão a partir dessas técnicas.

Então, para esclarecer essa confusão, Folwell e uma equipe de pesquisadoras fizeram uma análise mais aprofundada. Elas começaram dissecando Cobras da morte (*Acanthophis antarcticus*) que já tinham em laboratório. A dissecação envolveu três etapas: abrir o abdômen, dissecar cuidadosamente as glândulas odoríferas e cortar uma fina camada de músculo. Folwell diz que na primeira vez que fez esta dissecação, viu as estruturas que identificou como hemiclítóris, claras como o dia. “Neste ponto, eu [estava] muito extasiada. Não é nada parecido com o que alguém já viu ou descreveu”, diz ela. Folwell também criou um modelo 3D do órgão usando DiceCT, uma forma de tomografia à base de iodo que lhe permitiu visualizar finas seções transversais de tecidos de cobra.

Isso permitiu que ela visse detalhadamente a forma e o tamanho de toda a estrutura.

O jornalista Alex Fox (2022, s/p., tradução nossa), para o *The New York Times*, relata algo similar, especialmente a emersão visual do clitóris e a diversidade de técnicas de análise anatômica empregadas para confirmar resultados fidedignos.

Para investigar, Ma. Folwell começou a dissecar a cauda de uma cobra da morte fêmea. Depois que ela limpou o músculo e o tecido conjuntivo que cobria os órgãos genitais da cobra, os hemiclitéris a encararam diretamente. Para confirmar as suas observações iniciais e saber mais, as investigadoras utilizaram múltiplas técnicas para examinar a anatomia de outras oito espécies de cobras de quatro famílias. Juntas, essas análises estabeleceram a boa-fé dos hemiclitéris da cobra.

Em reportagem para o site *Science News*, Jake Buehler (2022, s/p., tradução nossa) coloca as tecnologias usadas como complemento aos olhos e ao que se vê com eles.

Para confirmar que ela não estava olhando para um caroço de algum outro tecido, Folwell e suas colegas examinaram cuidadosamente seções dos órgãos ao microscópio. A equipe também embebeu a cauda em iodo, o que permitiu que os tecidos moles da região genital fossem visualizados com maior resolução por meio de raios X.

Ademais, a partir do momento em que o primeiro hemiclitéris havia sido percebido e identificado, as notícias expressam como tornou-se mais fácil identificar também os demais, mesmo que em meio à sua variabilidade de forma e tamanho. Ou seja, os hemiclitéris nas diferentes espécies se fizeram mais evidentes quando as cientistas já sabiam pelo que procuravam. Assim, a equipe expandiu seu estudo para mais oito espécies de cobras em quatro famílias, revelando uma variedade estonteante de diversidade clitoriana. Por exemplo, diz Folwell, os hemiclitéris da víbora cantil mexicana (*Agkistrodon bilineatus*) são enormes, preenchendo o espaço da cauda. “Então você vê a cobra marrom do Ingram, que era tão pequenininha. Se você não soubesse o que estava procurando, definitivamente poderia ter deixado passar”, diz Folwell (*apud* Buehler, 2022, s/p., tradução nossa).

É, portanto, na compreensão da complexidade do arranjo das tecnologias de visualização, no entendimento da faceta concreta da sua estrutura, mas também das semioses por ela agenciadas, que é possível, inventivamente, “[...] intervir nos padrões de objetificação no mundo, isto é, os padrões de realidade pelos quais precisamos nos responsabilizar” (Haraway, 2023, p.

341). Os objetos de saber, incluindo os corpos biológicos, não são reconhecidos ou descobertos, mas criados – surgem, justamente, das estruturas de visibilidade enquanto tecnologias – técnicas, práticas e mediações, como abordado no capítulo 2 –, assim como a escrita e a produção de imagens que, por sua vez, formalizam o conhecimento em registros de memória, como veremos na categoria de análise seguinte.

Em resumo, existe uma tecnologia para encontrar o clitóris, ou seja, uma estratégia específica para vê-lo e que o faz comunicável. Para além das práticas discursivas que o edificam, existe uma arquitetura visual capaz de o evidenciar. No campo científico, entre outras coisas, essa arquitetura expressa-se nos aparatos utilizados e nas estratégias elaboradas para tal. Patricia Brennan explica que, por ser mole e altamente deformante, “[...] estudar características [da genitália feminina] como tamanho e forma pode ser mais propenso ao erro, especialmente depois que essas estruturas são removidas da cavidade corporal” (Brennan, 2022, p. 523, tradução nossa). Ou seja, de maneira geral, descrever os tecidos reprodutivos femininos em sua anatomia depois de cortados e extraídos do corpo, produz um órgão outro, diferente do que ocupa o corpo vivo, pois fora da cavidade corporal a genitália feminina muda completamente sua forma e tamanho. Em outras palavras, a técnica de dissecação utilizada precisa ser pensada especialmente para a genitália feminina. No caso das patas, por exemplo,

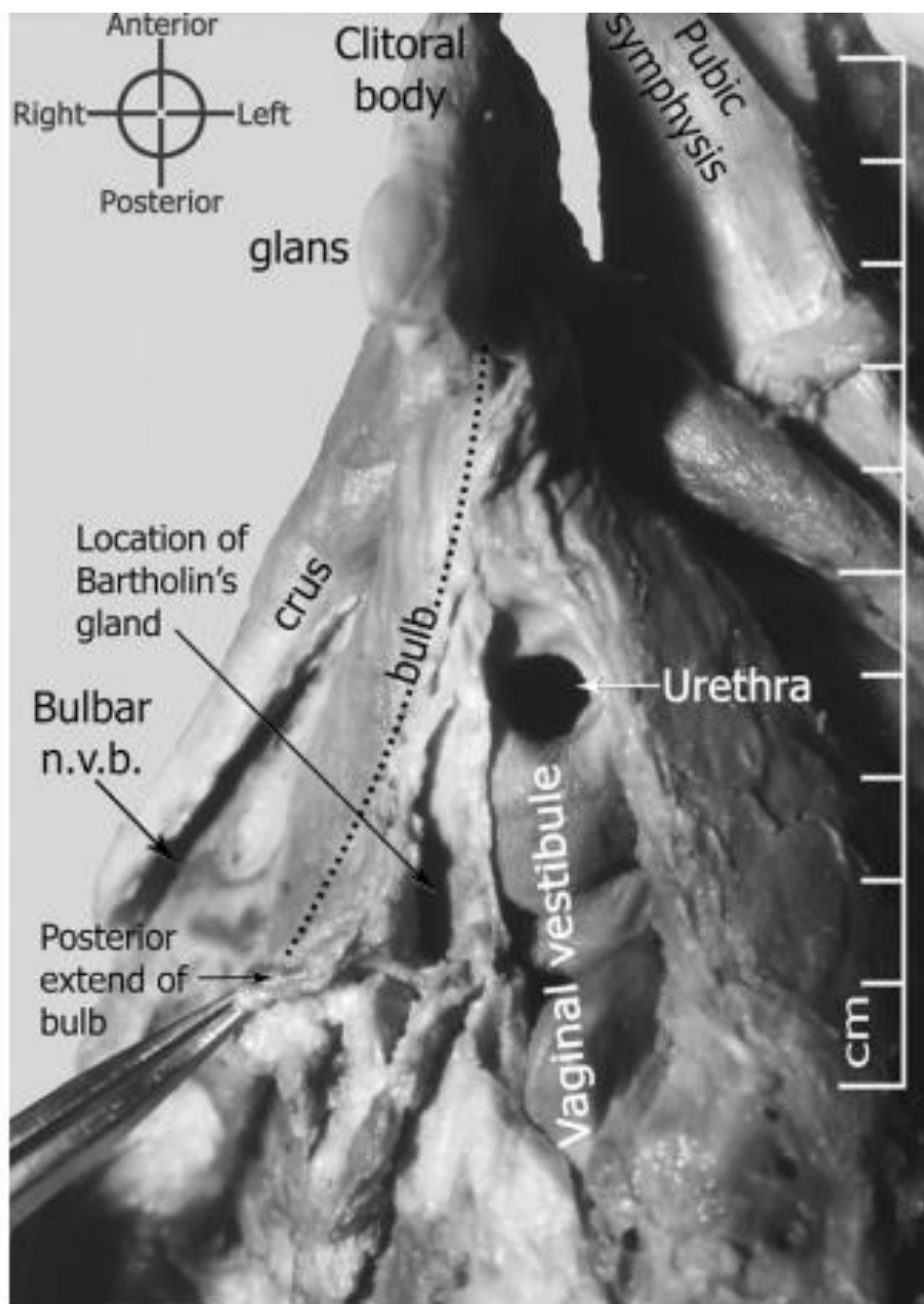
[...] a técnica típica de dissecação de aves concentrava-se quase inteiramente no macho. Quando os pesquisadores dissecavam uma pata, eles cortavam todas as laterais da vagina até chegar aos túbulos de armazenamento de esperma próximos ao útero (nas aves isso é chamado de glândula de casca), distorcendo sua verdadeira anatomia. Eles jogavam o resto fora, sem examinar (Gross, 2022, p. 66, tradução nossos).

Diante disso, Brennan, no lugar de dissecar o trato reprodutivo das patas pelas laterais, passou a descascar os cadáveres, camada por camada, tecido por tecido. Somente a partir dessa técnica, foi possível visualizar uma nova forma “[...] retorcida e labiríntica, com becos sem saída e compartimentos escondidos” (Gross, 2022, p. 66-7, tradução nossa). A vagina das patas passou a ser vista em formato espiralar, assim como é o pênis dos patos, mas, de maneira surpreendente, sua espiral girava na direção oposta à do macho (o que, no caso desses animais, apontava para uma dinâmica específica de cópula). “As bolsas estavam ligadas à parede da vagina por uma

matriz densa de tecido conjuntivo que também escondia a espiral, de modo que, numa inspeção casual, as bolsas e a espiral eram ambas invisíveis” (Gross, 2022, p. 67, tradução nossa).

Remover, metódica e delicadamente, camada por camada de tecido, também foi o procedimento escolhido por Hellen O’Connell e sua equipe quando da investigação do clitóris humano. Os investigadores trabalharam lentamente enquanto avançavam sobre um espaço anatômico que, como é recorrência nas fêmeas, não possuía literatura com descrições detalhadas pelas quais poderiam se guiar. Técnicas e instrumentos foram ressignificados para dar conta da tarefa: “Poderia demorar horas para dissecar milímetros de carne e meses para dissecar uma pélvis completa. Quando chegaram na dissecação fina, eles usaram lupas – lentes de aumento montadas em óculos usados por dentistas e cirurgiões – e tiravam um fluxo quase constante de fotografias” (GROSS, 2022, p. 33, tradução nossa), como a que vemos abaixo:

Figura 3 – Visão frontal de dissecação de um clitóris



Fonte: *Anatomy of the Clitoris* (O'Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1190)

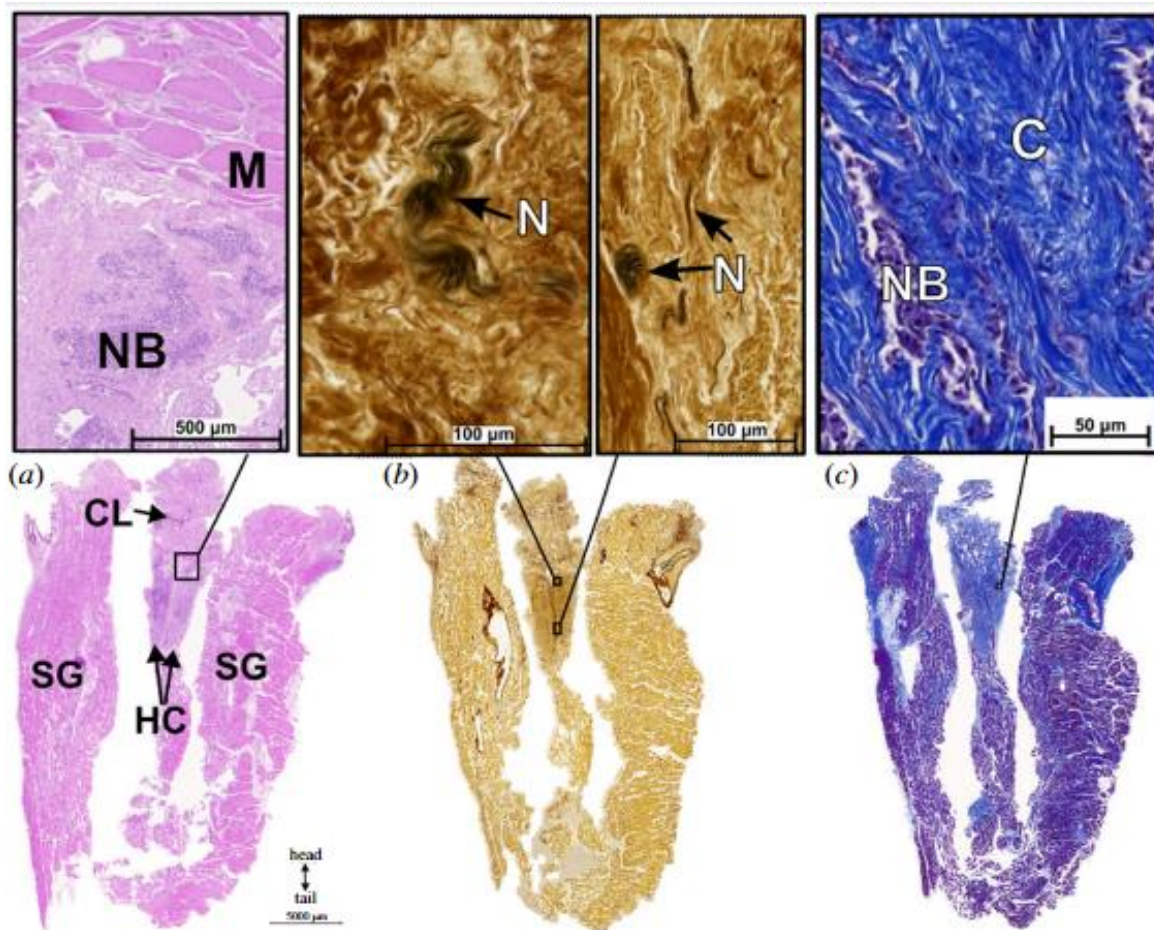
Somente a partir deste proceder inventivo e demorado foi possível identificar um conjunto de tecidos eréteis envoltos tanto no canal vaginal quanto na uretra – o complexo clitoriano humano. “O’Connell cunhou o termo ‘complexo clitoriano’ para se referir não apenas

à glânde, mas à rede interconectada de tecidos que compartilhavam um suprimento sanguíneo e nervoso reagindo como uma unidade à excitação” (Gross, 2022, p. 35, tradução nossa).

Novas tecnologias de análise anatômica trazem, a reboque, uma ressignificação dos aparatos técnicos disponíveis, em prol da busca pelo clitóris. Dora Orbach (2022, p. 534, tradução nossa) explica que “[...] os avanços tecnológicos, incluindo a ressonância magnética (MRI), a tomografia computadorizada (TC) e a microscopia eletrônica de varredura e transmissão (SEM, TEM), permitiram a avaliação dos tecidos moles internos, incluindo os da genitália feminina [...]”. Brennan (2022), por sua vez, defende que tal abordagem tem o potencial para ser mais amplamente utilizada no objetivo de compreender a morfologia interna do clitóris em diversas espécies mesmo antes da dissecação.

No caso das cobras e demais escamados, uma primeira mudança de procedimento foi a identificação da fêmea a partir da presença do hemiclitéris e não da ausência do pênis. Em seguida, a investigação da variação do hemiclitéris propriamente dito demandou a observação da anatomia macroscópica através de dissecação, considerando características como cor, forma e tamanho. Mas, além disso, fez-se necessária uma análise da microanatomia (análise estrutural e microscópica dos tecidos), sendo a melhor estratégia a utilização de técnicas histológicas e imuno-histoquímicas para avaliar a densidade nervosa e as vias neurais presentes no hemiclitéris (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

Figura 4 – Histologia do hemiclitéris e glândulas odoríferas



Fonte: *First evidence of hemiclitoris in snakes* (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 5)

Nesse contexto, as pesquisadoras evidenciam que a descoberta do hemiclitéris é resultado da combinação dessas novas tecnologias, enquanto estratégias aplicadas aos dispositivos técnicos e que, hoje, são tendência no seu campo de saber.

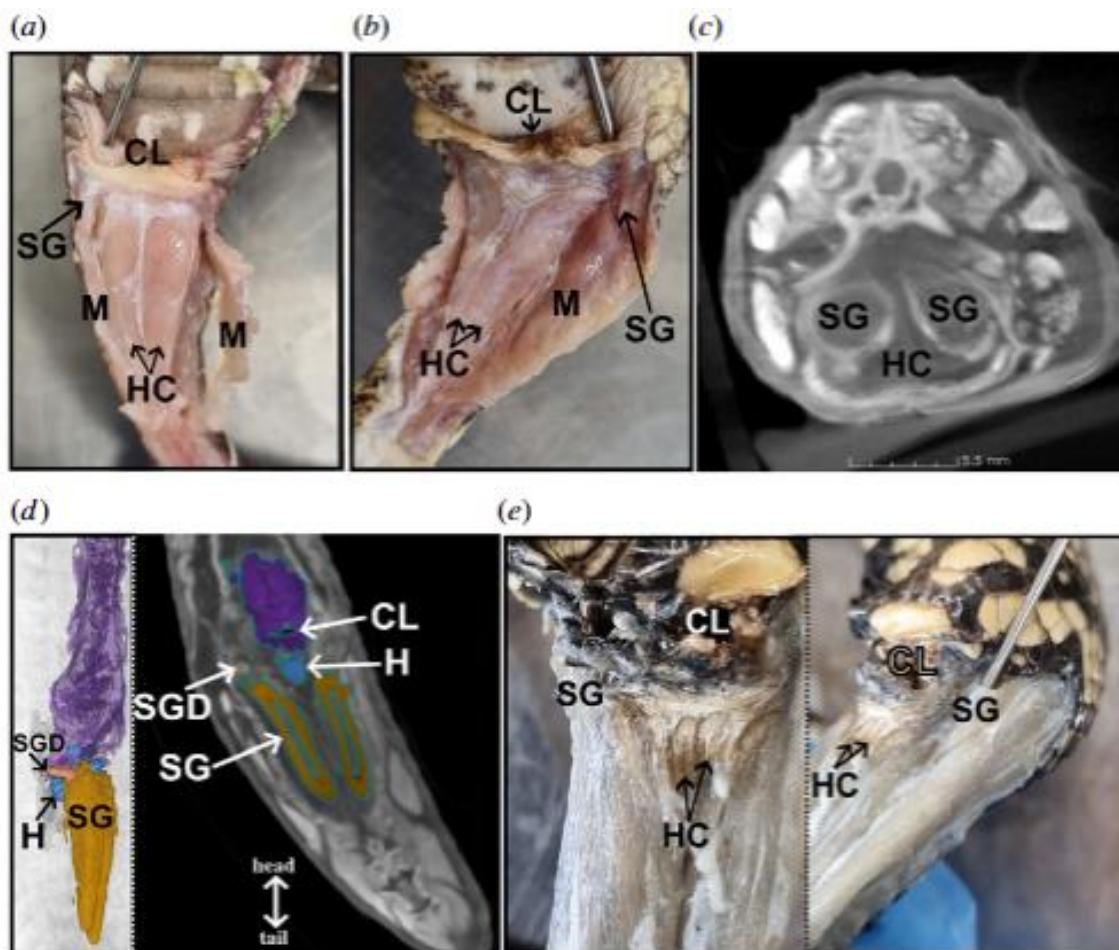
Nossa descoberta de hemiclitéris em cobras é oportuna no campo da biologia reprodutiva, dado o recente entusiasmo pelo uso de técnicas de imagem inovadoras para explorar a anatomia das fêmeas e a confusão em torno da anatomia dos hemipênis/hemiclitéris em cobras intersexuais, o que está impedindo o progresso do campo (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 4, tradução nossa).

As descrições morfológicas de hemiclitéris realizadas pelas autoras foram feitas utilizando uma combinação de dissecação, varredura DiceCT e histologia (Folwell; Sanders;

Brennan; Crowe-Riddell, 2022). A varredura DiceCT (abreviação de *Diffusible iodine-based contrast-enhanced computed tomography*) consiste na captura de imagens através de tomografia computadorizada com contraste difusível à base de iodo. De maneira resumida, é uma ferramenta emergente para produção rápida de imagens 3D e de alta resolução de tecidos moles de metazoários (animais multicelulares). O escaneamento diceCT também já havia sido empregado na descrição do formato do tecido erétil no clitóris dos golfinhos (Brennan, 2022).

Abaixo, além de fotografias da dissecação, em (c) vemos uma imagem de corte transversal em tomografia computadorizada DiceCT e, em (d), modelo tridimensional DiceCT (à esquerda da linha pontilhada) com vista ventral da tomografia computadorizada segmentada bidimensional (à direita da linha pontilhada).

Figura 5 – Macroanatomia dos hemiclitoris e glândulas odoríferas de cobras em fêmeas maduras.



First evidence of hemiclitoris in snakes (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 3)

Tais técnicas são uma espécie de contra-ambiente para a instabilidade do clitóris, que abordamos no item anterior.

Usando histologia, comparamos a estrutura dos hemiclitéris em fêmeas desta espécie com hemipênis masculinos coespecíficos de adultos e jovens. Usando a varredura DiceCT, demonstramos a diferença entre os hemiclitéris e as glândulas odoríferas adjacentes, que foram anteriormente relatadas erroneamente como hemiclitéris. [...] O contraste entre os tecidos moles na cauda era baixo, mas o hemiclitéris podia ser claramente definido comparando sua posição com as imagens da dissecação e histologia e pelas demarcações entre o hemiclitéris e as duas glândulas odoríferas (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa).

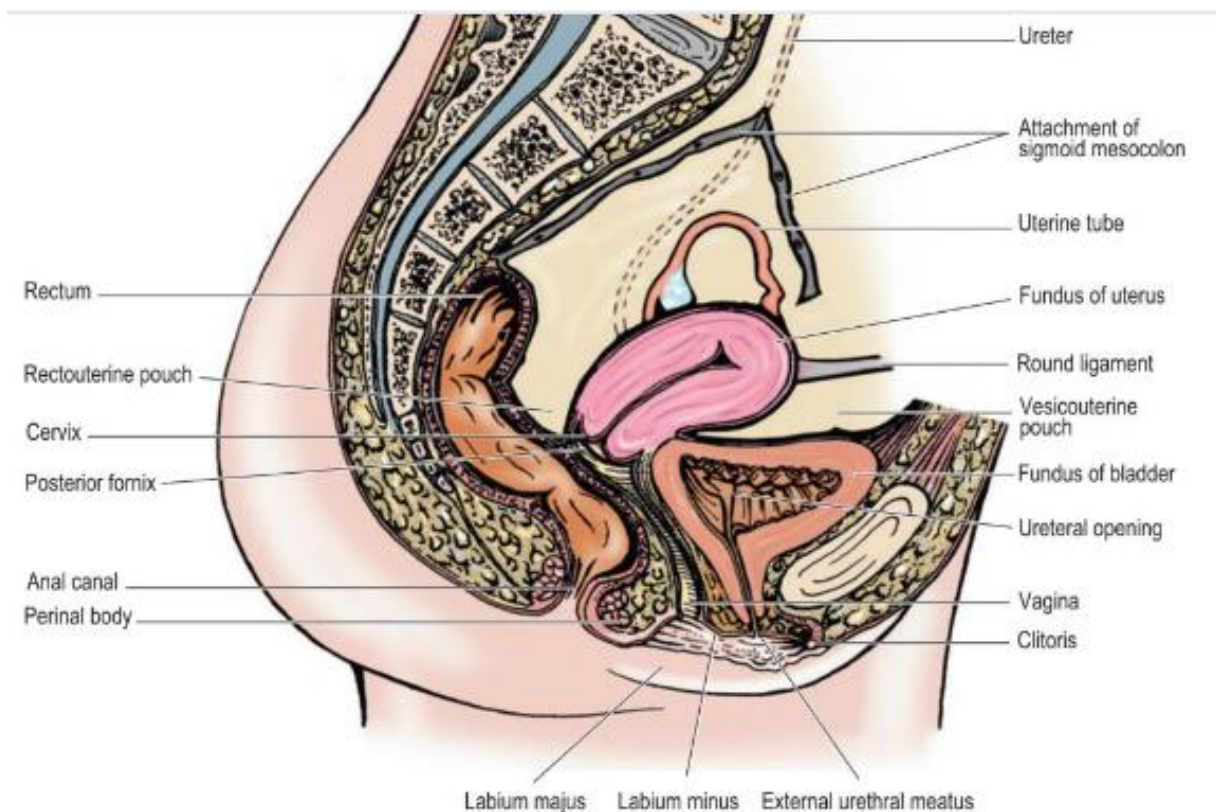
Além disso, considera-se relevante que se lance mão de instrumentos que permitam a análise e descrição das formas dos tecidos reprodutivos femininos em animais ainda vivos.

A aplicação potencial de técnicas de imagem não invasivas que podem ajudar a descrever a geometria dos tecidos reprodutivos femininos *in situ* [que está em seu lugar natural ou normal], antes da dissecação, em particular o uso de tomografia computadorizada, tecnologia de ressonância magnética e ultrassom, permitirá uma melhor comparação da morfologia reprodutiva intacta entre as fêmeas (Clear et al., 2022). A ressonância magnética, em particular, é frequentemente usada em espécimes vivos (Clear et al, 2022) e tem grande potencial para auxiliar na descrição de características anatômicas interessantes de espécimes raros sem exigir a eutanásia do animal (Brennan, 2022, p. 522, tradução nossa).

No sua condição de objeto comunicável, além de existir maneiras específicas para encontrar e visualizar o clitóris, há também estratégias para reproduzi-lo em imagens, ensiná-lo e descrevê-lo didaticamente. No que diz respeito ao clitóris humano, O'Connell e sua equipe são categóricos ao afirmar que: “É impossível transmitir a anatomia do clitóris em um único diagrama mostrando apenas um plano, como normalmente é fornecido nos livros didáticos, que o revelam como uma estrutura plana” (O'connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa). O clitóris humano, portanto, só pode ser verdadeiramente visto em representações multiplanares. “A ressonância magnética fornece uma representação multiplanar da anatomia do clitóris em estado vivo, o que é uma grande vantagem, e complementa os materiais da dissecação” (O'connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa). Assim, na

comparação com o trabalho de Kobelt do início do século XIX, que fornece uma descrição ampla da anatomia do clitóris, o estudo moderno fornece imagens mais objetivas, porém poucos novos elementos (O'connell; Sanjeevan; Hutson, 2005). Em outras palavras, pouca coisa nova foi acrescida em conhecimento, mas uma nova estratégia visual foi chave para retomar o que Kobelt descreveu e, entretanto, havia sido apagado pelos livros de anatomia. Como a imagem que vemos abaixo, que integra a edição de 2011 do *Last's Anatomy*, um manual didático designado para consulta e treinamento em exames cirúrgicos. Mais de cinco anos após a publicação do estudo de O'Connell et al., o corte transversal na pélvis, que vemos na figura, aponta para onde estaria o clitóris, porém em direção a uma forma indefinida e que nada se assemelha aos diagramas do estudo da equipe australiana.

Figura 6 – Diagrama de sistema genital feminino em material didático



Fonte: *Last's Anatomy* (Sinnatamby, 2011, p. 302)

A reorganização das estruturas de visibilidade que evidenciam o clitóris expressa-se, portanto, na inventividade com que se reformularam as tecnologias, enquanto práticas e estratégias, que permitiram dar a ver sua forma visual. Mas, para além disso, se a matéria dos saberes se distribui considerando as arquiteturas que expõem as suas verdades, tais estruturas também indicam os potenciais espaços dos sujeitos desses saberes. É possível encontrar referências a essa questão nas reportagens acerca do hemiclitéris da serpente:

Uma das outras pesquisadoras do projeto, a professora associada Kate Sanders, da Universidade de Adelaide, disse que a descoberta não teria acontecido se não fosse pela “nova perspectiva” de Folwell. “Esta descoberta mostra como a ciência precisa de diversos pensadores com ideias diversas para avançar” (Mao, 2022, s/p., tradução nossa).

A “nova perspectiva” a que se refere a professora Kate Sanders indica uma problematização: além de saber como é possível ver o clitóris, quem tem a capacidade de ter esse novo olhar? No campo científico, parece relevante considerar quais discursos atravessam os sujeitos enunciantes e como estes têm o potencial para se configurarem em marcas de diferença. Tanto na filosofia, como defende Catherine Malabou (2021), quanto na ciência, conforme desenvolve Donna Haraway (2023), é importante que não olvidemos que um enunciado nunca é neutro. O conhecimento tem sempre suas marcas, pois os sujeitos enunciativos são atravessados por discursos que os localizam no mundo. Isso porque, assim como as verdades, os saberes e os poderes, os sujeitos também são historicamente situados. “Tive que parar de me abrigar atrás da suposta assexualidade do sujeito filosófico, argumento que na maioria das vezes as mulheres acrescentam para sobreviver naquele concentrado de testosterona categórica que é o discurso filosófico tradicional”, escreve Malabou (2021, p. 62, tradução nossa). Algo não muito diferente do que constatou Megan Fowell em declaração ao *The Guardian*:

A principal autora do estudo e estudante de doutorado na Universidade de Adelaide, Megan Folwell, disse que “um enorme tabu em torno da genitália feminina” era um fator potencial para o fato de os clitóris das cobras não terem sido descritos anteriormente. “Acho que é uma combinação de *não saber* o que procurar e *não querer*”, disse ela (Lu, 2022, s/p, tradução e grifos nossos).

Donna Haraway afirma que a mulher (que a autora chama “monstros” e emparelha nessa condição com o ciborgue) consiste ela mesma em uma criatura de fronteira e, por habitar esse

espaço de perene potência e transformação, exerce “[...] um papel de desestabilização nas grandes narrativas ocidentais evolucionistas, tecnológicas e biológicas” (Haraway, 2023, p. 3). Isso porque, ainda segundo a autora, “*O discurso é corpóreo*. Não é incorporado, como se estivesse preso em um corpo. É corpóreo e corporizante, faz corpo e faz mundo” (Haraway, 2023, p. XI-XII, grifo nosso). Assim, quando os corpos com clitóris habitam os espaços dos sujeitos enunciantes do discurso científico, um horizonte de possíveis transformações se abre, pois sua presença mesma reorganiza as estruturas de visibilidade do saber e os discursos que edificam esses corpos passam também a atravessar o campo científico.

Portanto, quando os corpos tradicionalmente marcados pelos discursos de gênero, de classe, de raça e tantos outros estigmas sociais passam a criar registros de memória para a ciência, mais do que apenas ocuparem espaços de representatividade, “Os modos diferenciados pelo poder e altamente contestados de ser desses monstros podem ser indícios de mundos possíveis [...]” (Haraway, 2023, p. 3). Basta observar a profusão de novos conhecimentos ao redor da genitália feminina, com a descoberta de novos órgãos e a consequente ressignificação de comportamentos sociais (humanos e animais) e, conferindo a autoria dos estudos, atestar que as equipes são quase inteiramente compostas por mulheres. Todavia, essa não é uma questão identitária, mas sim um exercício discursivo e corpóreo. Ou seja, não é sobre ser isso ou aquilo, mas posicionar-se num espaço discursivo de crítica.

Na realidade não existem dois, mas sim uma multiplicidade de lados, inclinações, relevos e fronteiras. Uma multiplicidade de gêneros e até clitóris. Em qualquer caso, não se tem gênero. É antes o gênero que possui o sujeito, que o põe em movimento como faria uma máquina [...] (Malabou, 2021, p. 55, tradução nossa).

O gênero é, ele próprio, uma formação discursiva e, para o bem ou para o mal, atua sobre nossas vivências e corpos. É apenas lógico concluir que a produção de conhecimento seja afetada pela diversidade de discursos que nos atravessam como sujeitos. Não é por outro motivo que Haraway (2023) irá afirmar que a objetividade científica, contraintuitivamente, depende de perspectivas parciais, pois são essas as que podem ser exercidas criticamente, são as “novas perspectivas” de que falava Kate Sanders. Logo, nossa preocupação ao enfrentar a problemática do Comunicável do clitóris é não reforçar um binarismo que, ainda hoje, ronda discursivamente nossos corpos. Por outro lado, faz-se importante destacar as disputas discursivas próprias do

histórico das lutas feministas, pois “mesmo quando não é o de uma mulher, o clitóris continua sendo o lugar enigmático do feminino” (Malabou, 2021, p. 11) e, nesse caso, já é de largada um lugar de desestabilização de saberes e poderes.

Não há como “estar” simultaneamente em todas as – ou completamente em alguma das – posições privilegiadas (subjugadas) estruturadas por gênero, raça, nacionalidade e classe. E essa é uma pequena lista de posições críticas. [...] A subjugação não é um fundamento para uma ontologia, mas pode ser uma dica visual. A visão requer instrumentos de visão; uma óptica é uma política de posicionamento. Instrumentos de visão medeiam posições; não há visão imediata a partir das posições dos subjugados. Identidade, incluindo a autoidentidade, não produz ciência; posicionamento crítico, isto é, objetividade, produz (HARAWAY, 2023, p. 337-8).

Michel Foucault (2010, p. 9), em seu curso *Em Defesa da Sociedade* de 1976, falará de “saberes sujeitados” como aqueles capazes de derrubar “a tirania dos discursos englobadores, com sua hierarquia e com todos os privilégios das vanguardas teóricas”. Esses saberes sujeitados, conforme o autor, são formados por duas espécies: A primeira são os saberes eruditos, propriamente científicos, mas que foram apagados ou mascarados em meio às coerências e sistematizações formais. Assim, configuram-se em conteúdos históricos destoantes de seu tempo. A segunda, por sua vez, são os saberes desqualificados por estarem pretensamente abaixo da cientificidade requerida ou insuficientemente elaborados. Dessa forma, o filósofo entende como o “saber das pessoas” ou “memórias locais”: “não é, de modo algum, um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que rodeiam” (Foucault, 2010, p. 9). É este acoplamento que “permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais” (Foucault, 2010, p. 9). Dentro da temática que aqui nos propomos analisar, podemos compreender as inúmeras descobertas e redescobertas do clitóris como episódios de emergência de saberes eruditos sujeitados, sepultados pela episteme de seu tempo toda vez que tentaram vir à luz. Da mesma maneira, a descrição do órgão feita pelo coletivo feminista da década de 1970 a partir de técnicas não ortodoxas e o manual para parteiras de Jane Sharp, de 1971, são saberes diferenciais que fizeram oposição ao saber científico da sua época. Os recentes estudos sobre o clitóris, nas mais

variadas espécies animais, empregam as táticas desses diferentes saberes como uma lente, uma estratégia de visão, uma política de posicionamento para a produção de conhecimento.

Assim, o que Foucault destaca não é uma invalidação do conhecimento científico, mas uma tática de revolta em direção ao poder centralizador e homogeneizador das estruturas de visibilidade da ciência, que são também estruturas de poder. Seria, portanto, no que diz respeito “[...] ao projeto de inserção dos saberes da hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico” (Foucault, 2010, p. 11).

O Comunicável do clitóris é, portanto, fortemente marcado por uma revolução nas estruturas de visibilidade. A começar pelo espaço ocupado pelos sujeitos nesse campo de saber. Foucault afirma que “Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 2020b, p. 115-6). Na ciência, historicamente, o espaço do sujeito enunciativo é reservado para os corpos atravessados pelo masculino, pela branquitude e pela origem imperialista. Daí a profunda desestabilização operada pelos corpos com clitóris nesse lugar. A partir disso, reorganizou-se a matéria do saber sobre a genitália das fêmeas em uma estrutura de visibilidade que permitiu não apenas a identificação do órgão, mas também novas maneiras de representá-lo imageticamente e ensiná-lo. Aparatos técnicos já conhecidos, como a ressonância magnética (MRI) e a tomografia computadorizada (TC), ganharam pleno uso nessa empresa e, em razão das suas novas estratégias de uso, a pesquisa dos tecidos moles internos, incluindo os da genitália feminina, não pode mais ser classificada como difícil. Agora ela é apenas possível.

Como já abordamos, não há distância entre as tecnologias e os resultados a partir delas obtidos, pois tanto o campo perscrutado, como o olhar que o percorre, estão ligados pelas regras de formação de saber que apontam a um regime de verdade. Todavia, sempre que é possível desvendar as estruturas de visibilidade desses códigos através de um novo olhar, a mudança se faz possível, o arquivo se renova, outros registros de memória são produzidos, e novas verdades também nascem. “O passado, portanto, não é apenas uma zona contestada, mas o nome de um conflito” (Fausto *apud* Haraway, 2023, p. XIV).

4.3. Registro de memória – preencher o espaço que falta

A criação de registros de memória está no cerne da produção de realidade e de regimes de verdade, é o seu esteio. Nesse contexto, o passado e, por muitas vezes, o presente insistem em nos apresentar registros estranhos no que diz respeito ao corpo feminino. Seja na ciência, como vimos abordando, mas também na poesia, na pintura, na filosofia, no cinema... vemos a fêmea (humana ou não) abordada enquanto esse corpo maleável, conformado dentro dos limites desenhados pela sombra das formas do macho. Sobre isso, Catherine Malabou (2021) problematiza o termo “ninfa” que, como uma das alcunhas historicamente atribuídas ao clitóris humano, reforça esse caráter moldável. “A mitologia da ninfa, o mistério da imagem da mulher, são expressões do fantasma masculino da escultura. A ninfa é a forma maleável que o homem molda ao seu gosto”, destaca Malabou (2021, p. 20, tradução nossa). A filósofa retoma Simone de Beauvoir que caracteriza a ninfa justamente como o desenho do deleite masculino, análoga à musa que, mais que uma fonte de inspiração, é, na verdade, muda - uma massa macia a ser esculpida passivamente, um objeto sem autonomia. “A Musa não cria nada sozinha” (Beauvoir *apud* Malabou, 2021, p. 20, tradução nossa). O Comunicável do clitóris é um dos fenômenos em que, em nossos dias, podemos observar o que acontece quando a ninfa deserta a obra, desautoriza o seu criador e passa, ela mesma, a produzir seus próprios registros.

Em entrevista ao *Independent*, a pesquisadora e coautora do estudo sobre o hemiclitéris, Jenna Crowe-Riddell, relata justamente esta produção de registros: “Quando você abre um livro de anatomia, há um desenho detalhado da genitália masculina, mas para a genitália feminina falta essencialmente uma parte inteira. Então, estamos preenchendo esse espaço que falta” (Crowe-Riddell *apud* Sankaran, 2022, s/p., tradução nossa). Enquanto lei do que pode ser dito, a massa de documentos que compõem o arquivo estabelece os precedentes para os corpos que são materializados. Sendo o discurso essencialmente lacunar, as “faltas”, quando identificadas, são espaços de criação. A sedimentação de uma verdade, por sua vez, se dá paulatinamente através do arquivo que se acumula em meio às práticas cotidianas. Pouco a pouco, portanto, forma-se a massa documental que permite que os enunciados, como acontecimentos discursivos, deixem de ser apenas um acidente. Logo, um conjunto de registros de memória tem potencial para engendrar uma quebra epistêmica e embasar uma nova regularidade, como veremos na seção seguinte. Na medida em que toma forma material, um enunciado torna-se figura autônoma

na história e é esse o fenômeno observado a partir dos registros de memória que vêm sendo produzidos, no espaço da falta, sobre o hemiclitéris. Tal espaço, todavia, é ainda um vasto terreno praticamente baldio. Entretanto, com base na descoberta, os registros têm se desdobrado, principalmente a partir do jogo de trocas, em entrevistas, reportagens e variações de imagens.

“Através de nossa pesquisa, desenvolvemos descrições e rótulos anatômicos adequados para a genitália feminina da cobra” afirma Kate Sanders (apud Sankaran, 2022, s/p., tradução nossa) em entrevista ao *Independent*. Nesse sentido, para além da afirmação de existência, a descrição opera um importante papel, atuando sobre o objeto discursivo cuja matéria está a se organizar. Ademais, a descrição afasta o hemiclitéris da condição de mero vestígio, falha ou erro. Tal detalhamento está na variedade dos registros de memória que vêm sendo produzidos, mesmo os que antecederam a publicação do estudo, como a revisão de literatura que apontou os equívocos científicos sobre o clitéris da cobra (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022), a própria publicação do estudo da descoberta do hemiclitéris (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022), as afirmações dispersas em declarações e entrevistas concedidas pelas autoras, assim como em outros estudos que, a partir de agora, passarão a repercutir esse saber – inclusive a presente pesquisa.

“[...] demonstramos que o clitéris da cobra, embora partilhe as suas origens de desenvolvimento com o pênis, é muito diferente do pênis – e a nossa descrição anatômica detalhada deverá ajudar a evitar que este tipo de confusão ocorra no futuro”, afirma Jenna Crowe-Riddell (2022, s/p., tradução nossa). No que diz respeito à descrição anatômica detalhada, portanto, há uma evidente quebra com a confusão, a instabilidade e mesmo com o viés masculino, que identificamos anteriormente a partir da categoria de análise da indiferenciação. Assim, o detalhamento da localização, formato e tamanho são as bases sobre as quais o hemiclitéris se torna uma figura autônoma no seu campo de saber. Sobre a localização, o estudo afirma que “Em todas as espécies, o hemiclitéris pode ser claramente identificado como duas estruturas separadas e não-eversíveis na cauda das fêmeas, posterior à cloaca e medial ou medioventral às duas glândulas odoríferas” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa). Além das coordenadas do olhar, o lugar do hemiclitéris também o diferencia de outros elementos que, historicamente, causavam confusão com o órgão, como as glândulas odoríferas. Em termos de formato, desenha-se a forma de um coração para que seja

mais bem compreendida a sua estrutura triangular e possíveis variações: “DiceCT e dissecação revelaram que o hemiclitéris é separado medialmente por tecidos conjuntivos que, juntos, formam estruturas triangulares, com alguma variação de formato e variação significativa de tamanho entre as espécies” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa). Por fim, sobre o tamanho, afirma-se sua ampla diversidade: “Alguns eram grandes e conspícuos, ocupando a maior parte da região anterior da cauda que se estendia dorsalmente em direção à coluna (*Agkistrodon bilineatus*), enquanto outros eram pequenos e medioventrais à glândula odorífera (*Helicops polylepis*; *Pseudonajaingrami*)” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2-3, tradução nossa).

O “formato de coração” é especialmente destacado pelas notícias, signo do amor e do romance, que remete diretamente à nova compreensão das interações sociais das cobras que deriva da existência do hemiclitéris:

Elas descobriram que os hemiclitéris da cobra “em forma de coração” são compostos de nervos e glóbulos vermelhos consistentes com tecido erétil – sugerindo que eles podem inchar e serem estimulados durante o acasalamento. “Isto é importante porque muitas vezes se pensa que o acasalamento das cobras envolve a coerção da fêmea – e não a sedução”, disse Kate Sanders, outra coautora do estudo da Universidade de Adelaide. Com base na análise detalhada, as cientistas puderam completar a primeira descrição anatômica do clitéris em cobras fêmeas (Sankaran, 2022, s/p., tradução nossa).

Assim, a partir desse registro, reescrevem-se os discursos sobre o acasalamento das cobras. O clitéris, como um dispositivo, ressignifica a interação entre macho e fêmea e, a partir da sua existência e da sua descrição, o que era coerção agora se entende como sedução. Catherine Malabou (2021, p. 31, tradução nossa) afirma que o clitéris consiste em “[...] emblema da autonomia libidinal das mulheres – da sua diferença”, o que podemos estender também para as cobras fêmeas, cuja agência passa a ser considerada nos estudos de biologia a partir da existência do hemiclitéris. “Agora que temos essa anatomia, podemos inverter a suposição de coerção e dizer, bem, pode ser sedução, e isso simplesmente não foi considerado muito para as cobras. É definitivamente considerado para mamíferos”, explica Crowe-Riddell (*apud* Sankaran, 2022, s/p., tradução nossa), apontando para um dos indícios de rompimento epistêmico que abordaremos a seguir, considerando a sedução e a escolha feminina.

4.4. Rompimento Epistêmico – o prazer como critério de escolha feminina e o rompimento com a clitoridectomia discursiva

Existe na teoria da seleção sexual de Darwin e na psicanálise de Freud um traço comum expresso em um isomorfismo arqueológico – a clitoridectomia⁴ discursiva, uma supressão do clitóris enquanto variante considerada nas dinâmicas biológicas e sociais. Logo, considerando sua existência discursiva como base para a leitura das fêmeas na Modernidade, como demonstraremos a seguir, a profusão de estudos acerca do clitóris nos últimos anos, aponta para indícios de um rompimento maior, epistêmico.

Em *First Evidence os Hemiclitores in Snakes*, as autoras registram que, “Aqui, relatamos que os hemiclitoris em cobras são variados em muitas espécies e provavelmente funcionais. Essas descobertas podem nos ajudar a reexaminar amplamente a escolha feminina em cobras por meio da estimulação genital” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 4, tradução nossa). A premissa da escolha feminina é a de que as fêmeas têm um papel fundamental na seleção de parceiros para a cópula, o que influenciaria a evolução de diversas características mesmo nos machos, contribuindo para a diversidade e complexidade comportamental e física observada nas espécies animais. Tal preceito integra a teoria da seleção sexual, proposta por Charles Darwin, sugerindo que as fêmeas escolhem seus parceiros a partir de certas características que indicariam maior probabilidade de sucesso reprodutivo, como qualidade genética, saúde ou habilidade de provisão. Todavia, o que passa a ser questionado, no caso das serpentes e a partir da existência do hemiclitoris, é a motivação dessa escolha – a estimulação do órgão e o prazer feminino passam a disputar lugar nessa equação.

[...] faltava uma peça crucial da anatomia nesta conversa. Nossa descoberta sugere que a excitação feminina – e algo mais parecido com a sedução – pode desempenhar um papel. Ainda temos muito que aprender. Pode acontecer que a variação no clitóris entre as espécies esteja correlacionada com os comportamentos de cortejo e

⁴ A clitoridectomia, enquanto prática cirúrgica em humanos, consiste na remoção parcial ou total da glândula do clitóris. No ocidente, seu procedimento foi por anos justificado como tratamento para uma série de distúrbios, como insanidade, epilepsia, catalepsia e a famigerada histeria (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005). Cabe pontuar que o procedimento também ocorre enquanto prática de aspecto cultural, especialmente em países da África, para a qual o termo mais correto é “corte genital feminino” (Gross, 2022, p. 37, tradução nossa). Para os propósitos desta tese, utilizamos o termo *clitoridectomia*, justamente por expressar a prática discursiva propriamente ocidental de eliminação no clitóris.

acasalamento, e nos ajude a compreender como as fêmeas escolhem os parceiros (Crowe-Riddell, 2022, s/p., tradução nossa).

A configuração da genitália de animais com fertilização interna é especialmente determinante para a aptidão reprodutiva e, assim, apresenta uma diversidade evolutiva notável. Por isso, compreender em profundidade a evolução anatômica da genitália feminina é fundamental para entender o desenvolvimento das funções e comportamentos sexuais das fêmeas (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022; Pavlicev; Herdina; Wagner, 2022). A constatação parece óbvia – é preciso analisar uma estrutura em profundidade de modo a compreender melhor as suas funcionalidades –, mas esse é objetivamente o oposto do que tem sido praticado pela ciência, que opera a partir de um centramento no macho, como destaca Megan Folwell em entrevista ao *Deutsche Welle*:

Ao observar as práticas de acasalamento dos animais, o foco reside muitas vezes no que o macho faz, porque o faz e o que o beneficia, diz Folwell. O campo da sexualidade animal “geralmente é focado nos machos e não entendemos completamente o que acontece com as fêmeas”, acrescentou a pesquisadora (Bleiker, 2022, s/p., tradução nossa).

Uma reorganização nas tecnologias, como analisamos a partir da categoria estrutura de visibilidade, é recente e, aos poucos, vai dando seus primeiros resultados. O ano de 2022, neste contexto, foi especialmente movimentado na produção de saber acerca do clitóris, como destaca o trecho da notícia abaixo, publicada no site *Science Alert*:

Foi um grande ano para o clitóris. Em janeiro, os cientistas descobriram que os golfinhos-nariz-de-garrafa têm um grande clitóris em forma de S que pode estar em melhor posição para o prazer do que a versão da nossa espécie. E ainda no mês passado, os investigadores perceberam que tinham mais uma vez subestimado o órgão sexual feminino, quando um estudo mostrou que mais de dez mil terminações nervosas inervam o órgão erógeno feminino humano. Agora, pela primeira vez, os cientistas descobriram o órgão sexual equivalente em cobras fêmeas, derrubando uma série de equívocos no processo (Watson, 2022, s/p., tradução nossa).

Assim, uma pequena série de descobertas inéditas foram feitas na esteira de uma premissa que, hoje, parece evidente: é preciso observar também os genitais femininos, comparando-os com os genitais masculinos e compreendendo como ambos funcionam juntos e separados. Outro

texto jornalístico manifesta, justamente, o caráter absurdo da negligência da ciência em direção às fêmeas: “Os cientistas descobriram que as cobras têm clitóris, destruindo a antiga suposição de que as fêmeas não tinham um órgão sexual. Não quer dizer, necessariamente, que a anatomia fosse evasiva – na verdade, os cientistas não estavam realmente procurando pelo clitóris” (Mao, 2022, s/p., tradução nossa). Esta falta de interesse é expressão de uma episteme composta por discursos impregnados na prática científica, como o da superioridade masculina defendida por Charles Darwin.

Malin Ah-King, em entrevista ao *The New York Times* sobre a descoberta do hemiclitéris da cobra, destaca como as noções vitorianas de gênero influenciaram a teoria Darwiniana.

Mesmo em outros grupos de animais onde a existência de um clitóris não está em questão, como os lagartos, as investigações sobre a sua função têm sido limitadas por atitudes culturais. “Darwin descreveu as fêmeas como participantes tímidas e passivas na seleção sexual”, disse Malin Ah-King, bióloga evolucionista e investigadora de gênero na Universidade de Estocolmo, na Suécia, que não esteve envolvida no estudo. “Essas noções de gênero vitorianas influenciaram Darwin e têm estado conosco na biologia evolutiva desde então. [...] Agora que mais pesquisadores estão explorando o lado feminino das coisas, podemos conhecer mais detalhes do que realmente existe”, disse a Dra. (Fox, 2022, s/p., tradução nossa).

O que Ah-King destaca é um discurso inscrito no trabalho de Charles Darwin que, sistematicamente, afirmava as fêmeas criaturas com menor inteligência e habilidades em comparação com os machos de sua espécie que, por sua vez, seriam mais ativos e ousados. A era vitoriana foi marcada por expectativas e normas sociais muito bem delimitadas no que diz respeito aos papéis de gênero. O ideal de feminilidade era composto pela delicadeza, passividade e obediência. Já a masculinidade tinha por característica a racionalidade, a força e a provisão. A natureza, na teoria Darwiniana, expressava tais preceitos e a superioridade masculina (em seres humanos e animais) seria explicada pela seleção sexual e pela seleção natural.

Mas estas últimas faculdades [gênio, ou paciência, enquanto perseverança indômita e resoluta], assim como as primeiras que mencionamos [faculdades mentais superiores, a saber: observação, razão, criatividade, imaginação] terão sido desenvolvidas no homem, em parte devido à seleção sexual – ou seja, através da competição dos

machos rivais – e em parte devido à seleção natural, ou seja, do sucesso na luta geral pela existência (Darwin, 2019, p. 498).

A teoria da seleção sexual é erguida, portanto, nas bases dos preconceitos e suposições culturais do seu tempo no que diz respeito ao gênero e às características dos papéis atribuídos a machos e fêmeas, como o pressuposto darwiniano de que as fêmeas seriam mais “tímidas”. Assim, as dinâmicas competitivas entre machos foram facilmente aceitas pelos biólogos contemporâneos do evolucionista britânico. A escolha feminina, ao contrário, foi questionada, “[...] pois os pesquisadores consideravam incerto as fêmeas terem as habilidades mentais para escolher o parceiro” (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 4, tradução nossa). Assim, como já abordamos, “[...] o viés masculino influenciou historicamente as suposições e questões perseguidas na pesquisa sobre seleção sexual. Ainda hoje, o paradigma dominante na área mantém suposições que levam os pesquisadores a se concentrarem mais em assuntos masculinos do que em femininos” (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 4, tradução nossa). Assim, Malin Ah-King e sua equipe afirmam que o viés masculino se mantém reinante, mesmo sem encontrar plena justificativa nas pretensas dificuldades técnicas da pesquisa da genitália feminina. Ao contrário, explica-se em discursos calcados no preconceito de gênero e que condicionam o desenvolvimento científico.

Argumentamos que o viés masculino persistente neste campo não pode ser explicado apenas pelas diferenças anatômicas entre os sexos, que influenciam a acessibilidade. No lugar, o viés reflete suposições duradouras sobre o papel dominante dos machos no sexo e a genitália feminina como algo invariável (Ah-King; Barron; Herberstein, 2014, p. 1, tradução nossa).

Há, portanto, uma clitoridectomia discursiva em vigor ainda hoje na ciência, cujas práticas eliminam o clitóris da literatura, dos interesses de pesquisa e dos livros didáticos. Isso porque, a emanar de Darwin, a visão passiva e tímida das fêmeas é incompatível com um órgão exclusivo para o prazer (pelo menos um que não esteja a serviço dos machos). Na revisão empreendida por Fowell e sua equipe, inclusive, constatou-se que “Mesmo quando os hemiclitoris são descritos em lagartos, supõe-se que estes forneçam um papel estimulador para o macho durante a penetração, em vez de estimular a fêmea, como é o caso de outros amniotas” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

A clitoridectomia discursiva expressa-se também no saber psiquiátrico que, junto ao darwinismo, formou a base epistêmica que conformou a sexualidade das fêmeas na modernidade. Marie Bonaparte, sobrinha-neta de Napoleão 1º, interlocutora, aluna, amiga de Sigmund Freud e uma apaixonada pela psicanálise, por anos pesquisou o orgasmo feminino, publicando artigos sob o pseudônimo de Frédéric Dard, para preservar sua identidade e poder se destacar em um campo dominado por homens. A teoria freudiana considerava que a sexualidade das mulheres deveria passar por uma espécie de amadurecimento. Em resumo, a fase clitoriana (e infantil) deveria ser abandonada em favor da fase vaginal, própria para a mulher madura. Diante de sua própria incapacidade de tal “maturação”, pois não lograva sentir prazer apenas através da penetração, Marie sugeriu o desenvolvimento de uma cirurgia que aproximasse o clitóris da entrada do canal vaginal (procedimento ao qual ela mesma se submeteu, sendo vítima de dor e frustração diante do pós-operatório sem os resultados esperados).

Marie tentou responder, em legítima defesa, que *sem o clitóris não havia gozo: sozinha, a vagina ficava muda*. Por que não tentar então dar artificialmente à vagina insensível um pouco do ardor clitoriano, sem esperar uma maturação improvável? Freud mal ouviu. Conseqüentemente, a intervenção cirúrgica intensificou desnecessariamente o apagamento do prazer (Malabou, 2021, p. 24, tradução e grifo nossos).

O clitóris, como signo do gozo feminino, pelo viés freudiano, poderia ser abandonado, pois “Segundo Freud, a mulher é, como mais tarde se tornou para Sartre, um homem mutilado. Para eles o clitóris nada mais é do que um pequeno pênis. Reduzido, cortado, castrado” (Malabou, 2021, p. 27, tradução nossa). Ciência, psicanálise, medicina, mas também cultura, arte e sociologia são diferentes saberes de uma mesma episteme, pois apresentam um isomorfismo arqueológico com base no clitóris. Na verdade, com base na sua eliminação e invisibilização. “Porque a cultura patriarcal é precisamente uma cultura de clitoridectomia”, resume Catherine Malabou (2021, p. 39, tradução nossa). Ora, o clitóris comunicável, na profusão em que tem sido identificado e descrito em diferentes animais nos últimos anos, aponta para uma evidente quebra com tal lógica epistêmica. Nesse contexto, toca-nos retomar Donna Haraway (2023, p. 362) que, de sua parte, retoma Simone de Beauvoir para nos localizar epistemicamente na pós-modernidade:

Não se nasce mulher, sustentava corretamente Simone de Beauvoir. Foi necessário o terreno político-epistemológico do pós-modernismo para se poder empregar uma paráfrase de De Beauvoir: não se nasce organismo. Organismos são feitos; são constructos de uma espécie que muda o mundo.

Portanto, cabe-nos, habitantes do presente, observar os corpos enquanto no espaço de fronteira do Comunicável, em construção e mutação discursiva. Como o hemiclitéris, outros órgãos e organismos fazem-se incontornavelmente evidentes em sua verdade a partir da materialização empreendida pelos discursos pós-modernos. É nesse contexto que Malabou (2021) retoma a existência do clitóris em função da distância. Por razões evolutivas, na espécie humana, por exemplo, ele se afastou da entrada da vagina, pois a ovulação passou a ser espontânea e não mais uma consequência do orgasmo. Discursivamente, ele também se afasta cada vez mais dela, pois não necessita da reprodução (ou da penetração) para se justificar, assim como as fêmeas (também das outras espécies animais) passam a existir para além da sua relação com o macho e, no que diz respeito à reprodução, passam a ter capacidades inerentes de escolha ativa.

A ovulação espontânea, desencadeada de forma autônoma e cíclica, sem necessidade de relação sexual, é uma inovação tardia na evolução. Em contraste com o orgasmo masculino, o orgasmo feminino não desempenha uma função direta na reprodução. “Depois de ter desempenhado um papel predominante na ovulação, ele perdeu em grande parte essa função nas mulheres, passando a ser nada mais do que prazer” (Malabou, 2021, p. 22, tradução nossa).

Nas cobras, especificamente, a ciência começa a reescrever seus corpos esguios e gelados e, em razão disso, também as relações sociais. A cobra fêmea, de subjugada, dominada e plácida, passa a ser ativa, resoluta em sua escolha de parceiro, tendo por critério o prazer. A jornalista Frances Mao (2022, s/p., tradução nossa), da BBC, relata a questão em reportagem:

A descoberta agora permite novas teorias sobre o sexo das cobras – o que poderia envolver estimulação e prazer feminino. Até agora, os cientistas acreditavam que o sexo das cobras era “principalmente uma questão de coerção e que a cobra macho forçava o acasalamento”, diz Folwell. Isso acontecia porque as cobras macho eram tipicamente bastante agressivas fisicamente durante o acasalamento, enquanto a fêmea era mais "plácida". “Mas agora, com a descoberta do clitóris, podemos começar a olhar mais para a sedução e a estimulação como

outra forma de a fêmea estar mais disposta e propensa a reproduzir com o macho”, disse ela. Isso também lança uma nova luz sobre as hipotéticas preliminares da cobra. As cobras macho geralmente se enrolam na cauda da parceira – onde o clitóris está localizado – e pulsam. “Há muitos comportamentos potencialmente sinalizando que eles podem estar lá para estimular a fêmea”.

Enrolar e pulsar são, portanto, indícios de sedução e estimulação do macho a serviço da parceira e, em consequência, signos de mudanças na visão da ciência sobre a escolha da fêmea. “Nós sugerimos que o hemiclitéris transduz sensação para a cobra fêmea durante a corte e a copulação, o que pode promover acasalamentos mais longos e frequentes, levando a um maior sucesso na fertilização” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 6, tradução nossa). O hemiclitéris passa a configurar-se em um dispositivo de prazer e socialização a partir de suas duas possíveis funções, de acordo com as autoras: 1) “A variação na morfologia do clitóris tem sido ligada a diferentes graus de excitação sexual, o que pode levar a um aumento na aptidão reprodutiva ao atrair fêmeas para copular ou formar laços sociais” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa); 2) “Aumentar a lubrificação vaginal, relaxar a abertura da vagina e preparar o trato reprodutivo para receber o esperma estão entre outras funções potenciais do clitóris” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

Considerar uma escolha feminina baseada no seu prazer individual é um considerável indício de rompimento com uma episteme que manifestava em tantos saberes diferentes uma clitoridectomia discursiva. De fato, entre o orgasmo e a reprodução está a importante variante da autonomia feminina, seja na produção de prazer ou de conhecimento. Nesses termos, “A questão específica do orgasmo feminino prova de uma forma particularmente notável: a biologia e a política tornam-se indistinguíveis” (Malabou, 2021, p. 22, tradução nossa). Assim, tal autonomia permanece uma questão em aberto, pelo menos enquanto necessita ser discursivamente construída e defendida no espaço do Comunicável.

4.5. Jogo de trocas – entre o absurdo, o óbvio e a tendência

“Então, o que uma cobra faz com seu clitóris duplo? Folwell diz que elas terão que estudar mais para ter certeza – tanto da estrutura em si quanto do comportamento de acasalamento das cobras”, narra a jornalista Sheena Goodyear (2022, s/p., tradução nossa) em reportagem para a CBC. Apontar as possíveis tendências parece ser uma das preocupações dos textos jornalísticos sobre o clitóris da cobra e é, ao mesmo tempo, uma das características do Comunicável. Nele, quando algo entra no jogo de trocas, já possui status de coisa conhecida e reconhecida, investida pelo olhar e pela linguagem, sobre a qual pode-se tanto publicar nos jornais, retratar na arte ou conversar na mesa de bar. Todavia, ainda não integra plenamente uma formação discursiva, pois segue em processo de formação em seus regimes de dizibilidade e visibilidade.

Enquanto categoria de análise, o jogo de trocas, como já abordamos no capítulo anterior, visa analisar fenômenos comunicativos em diferentes arenas sociais para averiguar de que maneira suas dinâmicas manifestam as especificidades da passagem de um objeto de saber pelo espaço do Comunicável. Para aplicá-la, neste exercício heurístico, optamos por dar protagonismo à análise de textos jornalísticos que repercutiram a descoberta do hemiclitéris. Nesse sentido, pudemos observar que as notícias, reportagens e entrevistas são um espaço de evidência dos processos inerentes a todas as demais categorias, conforme vimos demonstrando ao longo da análise. Aqui, portanto, retomaremos essas questões, porém focando em como a história do clitóris da serpente é narrada nos textos jornalísticos.

Primeiramente, é possível observar que, entre as notícias, as declarações das cientistas e os textos acadêmicos, existe um isomorfismo arqueológico. Tal isomorfismo pode ser identificado quando dois ou mais discursos apresentam a mesma estrutura epistêmica, nesse caso, o discurso jornalístico e o discurso científico. É esse isomorfismo que instaura regimes de verdade nas arenas sociais, ou seja, é em função dele que podemos estabelecer trocas simbólicas baseadas em obviedades inquestionáveis, assim como na identificação de absurdos que lhes são diametralmente opostos. São eles, as obviedades e os absurdos, que nos chamam a atenção para a existência desse isomorfismo, manifestos na maior parte das chamadas das reportagens publicadas sobre a descoberta do hemiclitéris. Assim, por mais que no presente texto a categoria do jogo de trocas apareça por último, como a culminância de um longo raciocínio, ela foi, na

verdade, a faísca inicial, a instauradora da curiosidade, o campo cujos fenômenos nos permitiram perceber os indícios de transformação no Comunicável.

Em reportagem para o *New Scientist*, Corryn Wetzel (2022, s/p., tradução nossa) escreve: “Cientistas finalmente encontraram o clitóris em cobras – e existem dois”. O uso do advérbio de tempo *finalmente*, para expressar que algo esperado há muito tempo aconteceu, repete-se em outros cinco títulos: “Cientistas finalmente descobriram o clitóris da cobra, e elas estão muito empolgadas” (Thompson, 2022, s/p., tradução nossa), no site *Live Science*; “As cobras têm clitóris e os cientistas finalmente o encontraram” (Goodyear, 2022, s/p., tradução nossa), publicado na *CBC*; “Cientistas finalmente descobrem clitóris ‘esquecidos’ em cobras – não um, mas dois” (Sankaran, 2022, s/p., tradução nossa), no *Independent*; “Após anos de negligência, os cientistas dizem que finalmente encontraram o órgão sexual da cobra fêmea” (Cohen, 2022, s/p., tradução nossa), divulgada na *CBS*; “Cientistas finalmente encontraram o clitóris nas cobras” (Ryan, 2022, s/p., tradução nossa), publicado no site *Cnet*. As chamadas expressam algo que parece configurar-se em uma verdade inquestionável, mesmo que essa verdade, até um dia antes da publicação do artigo e das notícias, fosse completamente desconhecida. O que se depreende a partir dos títulos é que, há muito tempo, aguardava-se que estudos abordassem a temática do clitóris das cobras e a ciência, em sua demora, não apenas esqueceu, como também negligenciou esse campo de saber e esse objeto de estudo.

As demais notícias possuem títulos que utilizam expressões similares para significar a gravidade da demora e a obviedade da existência do órgão: “Afinal, as cobras têm clitóris, revela estudo” (Mesa, 2022, s/p., tradução nossa), publicada no *The Scientist*; “Os cientistas negligenciaram o clitóris da cobra, até agora” (Fox, 2022, s/p., tradução nossa), divulgada no *The New York Times*; “Os cientistas pensavam que as cobras não tinham clitóris. Eles estavam errados” (Buehler, 2022, s/p., tradução nossa), postada no *Science News*; e “Agora que realmente olharam, os cientistas descobriram que as cobras têm dois clitóris” (Watson, 2022, s/p., tradução nossa), no *Science Alert*.

O Comunicável, enquanto esse espaço de rompimento, fornece-nos como que um miradouro de vista privilegiada. Através dele podemos ver com olhos de estranhamento aquilo que, até bem pouco tempo, fazia parte do arquivo que ditava as regras mesmas da nossa comunicação, mas que agora é um horizonte que se distancia de maneira crescente. É por isso

que, ao ler tais chamadas, mesmo antes de ter acesso ao texto completo que as elucidam, compreendemos que sim, é chocante que, em pleno 2022, novos órgãos estejam sendo descobertos em um animal já tão conhecido e estudado como a serpente. A partir deste entendimento, as notícias abordam o viés masculino também pela lente do estranhamento:

Demorou mais de um século, mas os cientistas finalmente o encontraram – o clitóris da cobra fêmea. Um novo estudo publicado no *Proceedings of the Royal Society B Journal*, na quarta-feira, revelou que, depois de anos dos cientistas estudando a genitália de cobras macho e identificando incorretamente o órgão sexual das fêmeas, os pesquisadores provaram que a genitália feminina não apenas existe, mas pode desempenhar um importante papel em acasalamentos mais longos e frequentes (Watson, 2022, s/p.).

A jornalista Claire Watson reforça a identificada negligência científica em direção ao clitóris, mas também aponta para o caminho a ser percorrido a partir de agora. Ainda se sabe muito pouco sobre o hemiclítóris além da sua existência, por isso é preciso aprofundar a pesquisa:

Ainda há muita coisa que não sabemos por que o recém-descrito hemiclítóris da cobra é mais um exemplo da negligência científica do clitóris feminino. “Esta negligência atrasou a nossa compreensão da biologia reprodutiva e do comportamento das fêmeas na natureza”, escrevem Folwell e colegas. “Podemos agora começar a investigar melhor qual é a função desta estrutura e o que está a impulsionar esta evolução do clitóris entre as espécies”, diz Folwell (Watson, 2022, s/p.).

Assim, além desses indícios de instauração de um novo regime de verdade, o Comunicável aponta também às tendências para o arquivo que, pouco a pouco, se instaura. Nesse sentido, sobre o hemiclítóris enquanto objeto de saber, estudos ainda precisam ser feitos para determinar a sua finalidade. Porém, há fortes indícios de que o prazer feminino tenha relação com a sua funcionalidade. Fowell e sua equipe afirmam que “A presença de corpos eréteis com células sanguíneas sugere que o hemiclítóris incha com sangue, enquanto a presença abundante de feixes de nervos sugere que a sua estimulação pode fornecer retorno sensorial às fêmeas” (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 4, tradução nossa).

O prazer como função também é especulado em razão do paralelo com outros amniotas, como os mamíferos. Os corpúsculos genitais na pele dos mamíferos desempenham um papel

crucial na percepção mecânica sexual quando estimulados. A identificação de corpúsculos análogos em escamados sugeriria que os hemiclitoris também podem sentir estímulos mecânicos, refutando a hipótese de que os hemiclitoris são redundantes ou vestigiais nas serpentes. “Em resumo, estudos macro e micromorfológicos dos hemiclitoris escamados são necessários para testar a sensibilidade potencial dos hemiclitoris durante o acasalamento e cortejo dos escamados” (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 7, tradução nossa). Todavia, além dos estudos anatômicos, as autoras defendem a integração com experimentos comportamentais. Isso porque as pesquisas existentes sobre os comportamentos reprodutivos das serpentes focam nas ações dos machos e raramente descrevem as (re)ações das fêmeas. Contudo, durante o cortejo e o acasalamento das serpentes, existem diversas interações dos machos que podem, de maneira plausível, dar-se com o objetivo de estimular o hemiclitoris, como o enrolamento da cauda, o laço dorsal do corpo, ondulações e pulsações.

Além de compreender se estes comportamentos masculinos estimulam os hemiclitoris femininos, também será importante compreender como qualquer simulação hemiclitorial influencia o comportamento feminino. Se a estimulação resultar em relaxamento muscular vaginal ou lubrificação vaginal, isso poderá expandir a área dentro da vagina para ajudar a prevenir traumas causados pelos grandes espinhos do hemipênis de muitas cobras (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 7-8, tradução nossa).

A inquietação com a função do hemiclitoris das cobras expressa-se também nos textos jornalísticos, como nas chamadas: “As cobras têm 2 clitoris, mas elas fazem sexo por prazer?” (Bleiker, 2022, s/p., tradução nossa), “Os dois clitoris das serpentes: ocultos entre escamas e essenciais para a reprodução” (Alcalde, 2022, s/p., tradução nossa) e “Pesquisadoras descobriram que as cobras têm clitoris. Aqui está o que isso pode significar” (Hunt, 2022, s/p., tradução nossa). Por ora, enquanto segue habitando a fronteira entre arquivos, durante esse processo no qual se materializa a partir dos novos enunciados que o atravessam, o hemiclitoris das cobras desestabiliza velhas verdades, provocando uma profunda ressignificação no entendimento de diferentes campos, como o comportamento animal e mesmo a saúde humana:

Folwell diz que gostaria de aprender mais sobre as vias neurais que envolvem os hemiclitoris. Ela também pretende compreender mais sobre o papel que os hemiclitoris desempenham no comportamento das cobras, especialmente durante a cópula, se e como são estimulados

através de comportamentos de acasalamento, como vibração e enrolamento da cauda. As descobertas mostram que os clitóris são ainda mais difundidos entre os amniotas – o grupo de vertebrados que inclui mamíferos, répteis e aves – do que se pensava anteriormente, indicando uma origem única e ancestral para a estrutura. E todos estes clitóris necessitam de mais investigação, uma vez que os investigadores estão apenas a começar a compreender as suas funções, diz Folwell. Tais *insights* e contexto evolutivo poderiam lançar luz sobre campos díspares, desde o comportamento animal até a saúde sexual humana (MESA, 2022, s/p., tradução nossa).

Esse potencial de dispositivo de desestabilização de saberes é apontado também por Catherine Malabou que, a partir de Paul Preciado, argumenta que, mesmo as fronteiras do feminismo foram alteradas pelo clitóris:

Do feminismo de segunda e terceira geração ao transfeminismo ultracontemporâneo, o discurso se transformou. Não se trata mais, ou não se trata apenas de designar o clitóris como marca exclusiva da mulher. Abordagens queer, intersexual, trans...: o clitóris tornou-se o nome de um dispositivo libidinal que não pertence necessariamente às mulheres e modifica completamente a visão tradicional de sexualidade, prazer e gênero. Outras cirurgias, outros imaginários. A partir de agora, exclama Paul B. Preciado, pode-se, todos podem, sem um modelo exclusivo ou universal, ter “um clitóris no meio do plexo solar” (Malabou, 2021, p. 8, tradução nossa).

Os corpos, portanto, enquanto objetos de saber, configuram-se em “nós gerativos material-semióticos”, como define Donna Haraway (2023, p. 362), por isso, ganham forma e substância precisamente no jogo de trocas, na interação social. “objetos’ como corpos não preexistem enquanto tais” (Haraway, 2023, p. 362), pois são sempre edificados considerando o *a priori* histórico. O Comunicável encontra sua aplicabilidade justamente na compreensão desse processo de edificação dos objetos-corpos. Dessa maneira, se na indiferenciação foi possível compreender as variadas estratégias pelas quais o arquivo neutralizava enunciados destoantes, reprimindo, na sua regulação e vigilância, possíveis diferenciações, a análise das estruturas de visibilidade deixa evidente uma quebra com tais estratégias. Logo, tecnologias e corpos divergentes no espaço de sujeitos enunciantes mostram uma desestabilização total e consequente reorganização da matéria dos saberes – agora o clitóris se faz visível pois estão instauradas as condições de possibilidade necessárias para tal, sua topografia passa a ser conhecida e registrada.

Ainda com os pés na fronteira do Comunicável, avista-se, um campo amplo, ainda quase vazio de documentos, aguardando ser explorado e povoado por um novo arquivo. Paulatinamente, passam a surgir os registros de memória, garantindo que a existência desse novo órgão não vire apenas um tropeço, um acidente histórico.

No caso do hemiclitéris, a análise do jogo de trocas revela um isomorfismo arqueológico entre o discurso científico e o jornalístico, demonstrando uma dinâmica que aponta para a formação de novos regimes de verdade. Nesse contexto, o formato de coração do clitóris da serpente é também um signo potente, tendo por sentido a sedução como ressignificação de conhecimentos estabelecidos sobre o comportamento animal, enfatizando a necessidade de mais pesquisas para compreender melhor a função e a evolução do órgão nas serpentes e em outros amniotas.

Assim, o Comunicável, além do desenho dessa fronteira, aponta tendências para um novo arquivo que, pouco a pouco, se configura. O rompimento epistêmico é uma dessas tendências. Seja a quebra com os últimos pontos que conectavam a fêmea ao pensamento rudimentar da Renascença, legando a ela o espaço do Outro, do complemento ao macho, sejam os indícios de um rompimento com a Modernidade, na quebra com a clitoridectomia discursiva, em direção a uma episteme pós-moderna. Sendo o Comunicável o lugar do *em potencial*, é possível especular junto à Donna Haraway e outras feministas que o futuro é feminino, assim como a ciência, a revolução, a arte...

5. Considerações finais

O Comunicável foi o terreno desconhecido que aqui nos propomos a descobrir e que, através de uma exploração algumas vezes prazerosa, outras mesmo tortuosa, somos capazes agora de oferecer o desenho topográfico: não uma planície vasta, mas uma fenda, uma fronteira incontornável que marca a diferença epistêmica e comunicacional entre territórios. Considerando as ferramentas necessárias para mapear esse limite acidentado, de largada lançamos mão da principal delas, uma bússola cujo norte aponta para a Comunicação, campo de nossa formação, instrumento familiar que, apesar de nos manter em direção ao objetivo, parecia sempre fornecer coordenadas surpreendentes, traço peculiar da perene transformação que lhe é característica. Junto à bússola, tratamos de conseguir um mapa. Optamos por um diagrama imenso, que se desdobrava em folhas amplas, complexas de compreender, cuja leitura por vezes emaranha a visão, e cujos caminhos parecem se multiplicar a cada dia. Utilizamos, portanto, um autêntico mapa foucaultiano, no qual os trajetos mais úteis foram os que nós mesmos desenhamos, riscando errantes sobre seus antigos traços, refazendo caminhos, preenchendo linhas pontilhadas como em um trabalho escolar, devagar, metodicamente.

A princípio, portanto, manejamos o mapa de maneira muito cautelosa, com respeito demasiado, não queríamos modificá-lo demais. Ao final dessa aventura semiótica, contudo, as rasuras já ocorriam com muito mais confiança e naturalidade. Foi esse um desafio de autonomia intelectual e acadêmica – traçarmos, nós mesmos, um mapa de Michel Foucault com e para a Comunicação.

Não é exagero afirmar que essa tarefa inicia ainda em nossa dissertação de mestrado, na qual estudamos o *hijab* (véu islâmico) enquanto um meio atravessado e tecido em sua densidade por uma profusão de sentidos. Para isso, a arqueologia e a genealogia foucaultianas foram operacionalizadas como base teórico-metodológica de modo a dar a ver esta miríade de enunciados. À época, como objeto empírico, analisamos o movimento de mulheres iranianas *My Stealthy Freedom*, que atua através da divulgação em redes sociais de autorretratos feitos em espaços públicos do Irã sem o véu (o uso é compulsório para as mulheres no país e o ato de retirá-lo, um gesto de afronta à lei vigente). Além de problematizar a produção e as interdições das redes sociais enquanto ambientes de controle, discutindo suas relações de poder, as

ferramentas teóricas fornecidas pela obra de Foucault permitiram evidenciar as múltiplas semioses que fazem do *hijab* um objeto “grávido de sentidos” (Ahmed, 1992), dos quais podemos destacar como resultados de pesquisa: a modéstia e a separação, como sentidos corânicos; a classificação de mulheres, na era pré-islâmica; a opressão, conforme olhar do feminismo branco e ocidental; emblema de existência, em territórios imperialistas; e, finalmente, insígnia de resistência durante a Revolução Islâmica no Irã. Percebemos assim, no âmbito da *Semiótica Crítica* (2020), a aplicabilidade de uma semiótica propriamente foucaultiana. Foi este processo de instrumentalização do arcabouço teórico do francês para a pesquisa em Comunicação que nos provocou a percorrer sua obra de modo a fazer emergir o que caracteriza sua visada para as investigações no Campo, entendendo a relevância dessa contribuição para os desafios que as formas contemporâneas de comunicação apresentam.

Assim, nossa tese revela que o Comunicável, conforme o sistematizamos, é um conceito dinâmico e potente para a análise das transformações discursivas e semióticas. Ele nos permite compreender como novos objetos e saberes emergem e se estabilizam no campo do conhecimento, assim como no cotidiano das trocas simbólicas. Ao longo do tempo, o que é considerado visível e dizível – comunicável – pode mudar radicalmente, refletindo as complexas relações de poder e saber que estruturam nossa compreensão do mundo. Além disso, a aplicação do conceito ao estudo do clitóris das cobras demonstra a importância de questionar e revisar constantemente as bases não apenas do conhecimento científico, mas dos regimes de verdade que são esteios para nossa vivência e visão de mundo. A invisibilidade histórica de certas questões revela, justamente, as limitações e os vieses presentes na produção do saber, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva.

Mesmo o céptico Foucault, peixe no aquário como todos nós, como reflete Paul Veyne (2010), também operou a partir da clitoridectomia discursiva em sua filosofia, organizando parte considerável de sua obra nas bases do apagamento desse órgão. “Na sua *História da Sexualidade*, Michel Foucault não dedica uma única linha ao clitóris [...]. Além disso, ele não considera em nenhum momento o seu papel no ‘uso dos prazeres’. Talvez porque seria difícil aplicar, a seu respeito, a ‘hipótese repressiva’...” (Malabou, 2021, p. 9, tradução nossa). A tese foucaultiana que compõe o primeiro volume de *História da Sexualidade* diz respeito ao questionamento de um senso comum especialmente direcionado à Era vitoriana, na qual haveria uma repressão do

poder em direção à sexualidade enquanto fonte de proibição, silenciamento e censura do sexo. O autor (Foucault, 1985) argumenta que, na realidade, a repressão produz, de certa maneira, a sexualidade que busca proibir. Podemos dizer que a supressão do clitóris dessa reflexão configura-se no ponto cego de sua tese, visto que o órgão é investido pelo apagamento e não pela proibição – o mesmo ponto cego das formulações teóricas de Freud e de Darwin.

Certa vez, ao tentar explicar o desenvolvimento da religião, ele refletiu que os seres humanos têm uma necessidade biológica de acreditar em algo “outro”. Parecia que os cientistas também precisavam de um outro – um tipo diferente e inferior de ser humano, cuja existência reforçasse e mantivesse a sua própria superioridade. Para Darwin, a diferença entre os sexos era fundamental. A inferioridade da mulher era imutável. Estava escrito em sua biologia, tecido em sua carne (Gross, 2022, p. 75, tradução nossa).

Todavia, a presente pesquisa – escrita por um corpo com clitóris – reafirma a relevância do pensamento foucaultiano para os estudos de Comunicação e Semiótica, inclusive como antídoto de si mesmo, ao oferecer perspectivas críticas à problematização das condições de possibilidade do discurso. Assim, de sua teoria podemos depreender uma produtiva ferramenta para desfazer as conexões entre as significantes e significados e, a partir daí, investigar as normas que governam os enunciados em um período específico. Nesse contexto, o Comunicável, como conceito central, se mostra um mecanismo eficiente para desvelar as dinâmicas de poder e saber que permeiam nosso tempo. E o clitóris, como objeto de análise do Comunicável, mostrou-se, da mesma maneira, como potente dispositivo crítico.

Analisar o regime de comunicabilidade do único órgão dedicado exclusivamente ao prazer no reino animal faz vir à tona a pesada carga discursiva que ainda paira sobre a fêmea e, de maneira mais abrangente, sobre o feminino, em nossos dias. O peso de enunciados que assediam e visam conformar corpos femininos a uma reiterada subserviência ao masculino remete a discursos cujos últimos laços ainda amarram as fêmeas ao paradigma do sexo único da episteme renascentista. Isso porque, em diversas esferas ainda somos abordadas como versões malformadas, complementares, viradas do avesso ou defeituosas do macho. Objetivamente, a própria existência do clitóris – completamente incompatível com esses discursos – é um dispositivo de desorganização e desarticulação de tais grupamentos enunciativos. Enquanto se faz comunicável, o clitóris desata, portanto, amarras anacrônicas, mas também aponta para

tendências de um rompimento maior com a episteme moderna em direção a uma concretude discursiva da pós-modernidade, como elabora Donna Haraway (2023, p. 361)

A linguagem não é mais um eco da palavra de Deus, mas um constructo técnico que opera sobre princípios de diferença gerada internamente. Se os primeiros filósofos naturais modernos ou os médicos do Renascimento conduziam uma exegese do texto da natureza escrito na linguagem da geometria ou das correspondências cósmicas, o cientista pós-moderno ainda trabalha lendo, mas tem como texto os sistemas codificados de reconhecimento – sujeitos às patologias do reconhecimento errôneo – embutidos em objetos como redes de computador e sistemas imunológicos. O laço extraordinariamente apertado entre linguagem e tecnologia não poderia ser mais enfatizado no pós-modernismo. O “constructo” está no centro da atenção; criação, leitura, escrita e significado parecem estar muito perto da mesma coisa. Essa quase-identidade entre a tecnologia, o corpo e a semiose sugere uma vantagem particular das relações mutuamente constitutivas entre economia política, símbolo e ciência que “informam” as vertentes contemporâneas de pesquisa na antropologia médica.

Nessa linha, nossa tese se propôs a responder algumas perguntas: Em que se configura o Comunicável na obra de Michel Foucault? Que conceitos são por ele mobilizados para a definição do Comunicável e como essa rede conceitual compõe uma tese potente e contemporânea para a Comunicação e a Semiótica? Por fim, como pode ser descrito o Comunicável do clitóris das serpentes e que contribuições sua análise traz para a compreensão do conceito? A partir de tais questões, traçamos objetivos que, conforme eram efetivados, passo a passo, davam a ver o desenho da pesquisa e de suas contribuições.

Primeiramente, realizamos uma revisão sistemática da produção acadêmica do Campo da Comunicação, identificando como nossos pares têm se apropriado e tensionado o pensamento foucaultiano. Nesse âmbito, validamos a proposta da pesquisa, visto que Foucault, apesar de ser um dos teóricos mais referenciados no Campo, é também, na maior parte dos casos, um autor periférico. Ou seja, o filósofo francês é utilizado para dar credibilidade a questões pontuais ou mesmo cancelar argumentos específicos, mas não tanto para verticalizar diretamente problemáticas próprias da comunicação. Isso porque, ele mesmo, não se dedicou a tal mister. Dessa forma, mais do que saber quais conceitos ou ferramentas teóricas os pesquisadores mais

utilizam, aprendemos estratégias para abordá-lo inventivamente e, de nossa parte, sistematizar um conceito como ferramenta teórico-analítica para pesquisa em comunicação.

Entre essas estratégias, destacamos as torções e dobras propostas por Signates (2012), Jácome e Azevedo (2011) e Braga (2018), que, apesar de tematicamente não terem aderência à tese, evidenciam que a apropriação das teorias é tarefa de revisão, mutação e invenção. Estratégias que o próprio Foucault lança mão ao longo de toda a sua obra. Ademais, o tripé comunicação-atualidade-historicidade conforme elabora Luiz Cláudio Martino (2021), e a diferença como valor e característica da comunicação, considerando as propostas de Lucrecia Ferrara (2021), foram leituras importantes para a formatação de nossa tese.

Considerando, portanto, as estratégias angariadas a partir da revisão sistemática, formulamos a abordagem metodológica para o objetivo seguinte que, tendo por base também outras pesquisas realizadas no âmbito do Gpesc, configurou-se em tomar a Arqueologia foucaultiana como objeto de análise. Através de um exercício imersivo de leitura interessada das quatro principais obras dessa fase do autor, mapeamos manualmente todos os termos com o radical *comunic*, totalizando 106 menções ao longo dos quatro livros investigados. A análise do conjunto dessas citações aferiu que, apesar do autor de fato não abordar o tema da comunicação diretamente, os sentidos atribuídos a ela, assim como a miríade de conceitos que os circundava ofereciam possibilidades de invenção de um Foucault teórico da Comunicação. De nossa parte, optamos por fazer essa abordagem a partir de um conceito específico, o qual idealizamos, estruturamos e geramos a partir de elementos da obra do autor – o Comunicável.

Nesse processo, a episteme despontou como chave para o desenvolvimento da tese e para pensar a comunicação, visto que tudo que é possível comunicar em um determinado contexto histórico, social e epistemológico, emana da episteme. Ademais, uma comunicação da diferença, conforme elabora Ferrara (2021), é uma comunicação que considera as quebras do arquivo e os rompimentos epistêmicos para ser pensada. Assim, ao reescrever a análise foucaultiana das epistemes, tomando a comunicação da periferia para o centro da sua filosofia, foi possível ver que, a partir da observação dos objetos, tecnologias e fenômenos comunicativos, podemos também buscar indícios de quebras no arquivo e, por consequência, de rompimentos epistêmicos maiores.

Assim, elaboramos uma descrição detalhada do Comunicável, configurando o conceito a partir do arcabouço teórico foucaultiano e formatando-o como uma ferramenta heurística para estudos contemporâneos de Comunicação e Semiótica. O principal desafio desse processo foi colher direções no texto do autor e reformulá-las inventivamente, sem cair na tentação de apenas reescrever sua teoria dos arquivos. Para isso, invocar comentadores e autores que, mesmo sem mencioná-lo diretamente, emulam sua maneira de pensar, foi essencial para logarmos uma sistematização robusta.

Como se apresentam hoje, as categorias de análise crítica têm por base cinco fundamentos (indiferenciação, estrutura do visível, registro de memória, rompimento epistêmico e jogo de trocas) que são, ao mesmo tempo, estágios do Comunicável. A ordem na qual apresentamos, até o momento, parece ser a que mais favorece seu uso em um exercício analítico. Todavia, mesmo a análise do clitóris da serpente demonstra que a entrada inicial pode não ser o estranhamento de estratégias discursivas, mas o próprio jogo de trocas em suas expressões comunicativas. De nossa parte, por exemplo, chamou-nos a atenção, ainda em 2022, o título de uma notícia que anunciava o descobrimento do clitóris da cobra e a dificuldade dos cientistas de encontrá-lo.

O desafio seguinte foi, justamente, aplicar as categorias de análise do Comunicável. Como abordamos ainda na introdução, Michel Foucault, ao discutir o interdito ao novo, não se refere à dificuldade de descobertas científicas ou de inovações literárias e artísticas, mas sim ao impensável e incomunicável de uma determinada época. O que é possível comunicar, o que pode ser visto e ouvido, depende das condições históricas e das relações que estabelecem o campo de visibilidade e dizibilidade. Portanto, o Comunicável é uma fronteira que demarca o que pode ser enunciado e percebido, nascendo em uma descontinuidade histórico-epistêmica. Assim, quando ressaltamos que, durante quase dois séculos, o órgão da genitália feminina das serpentes permaneceu invisível aos olhos da ciência e chamamos *descoberta*, a publicação do estudo que o divulga em 2022, o fazemos por convenção. Isso porque, o Comunicável não busca ressaltar o advento científico, mas as condições de possibilidade que o permitiram vir à luz. Logo, as categorias não revelam apenas um novo objeto de estudo, mas também tensionam os regimes de visibilidade e dizibilidade existentes. Além disso, reafirmamos que a ciência é, como qualquer

outro discurso, moldada pelas condições de possibilidade de cada época e, por isso, está sujeita a ser afetada por novas questões que, emergindo, podem causar transformações epistemológicas.

A análise do clitóris nos mostrou que a potência das categorias consiste em criar um mapa abrangente da formação da topografia do objeto enquanto ainda nessa fronteira, no seu processo de tornar-se comunicável. Isso porque seu ponto de partida, na historicidade que o constitui, é prévio ao rompimento do arquivo que marca seu advento. Ou seja, partimos de uma análise do arquivo que o invisibilizava, dos seus discursos, estratégias, práticas e outras especificidades arqueológicas. A análise desse passado, de maneira propriamente foucaultiana, serve a uma crítica do presente, pois, estabelecendo paralelos com as estruturas de visibilidade, os registros de memória e o jogo de trocas, podemos não apenas apontar quais são os discursos que estão a se romper, mas também projetar tendências para o futuro, para o arquivo que ainda está a se formar.

Como mulher pesquisadora, o clitóris enquanto objeto de análise provocou também profundas reflexões sobre o que significa (semiótica e socialmente) ocupar esse espaço de sujeito enunciativo da ciência e como, estando nesse espaço, faz-se missão desestabilizar estruturas que possam subjugar, limitar ou oprimir corpos estigmatizados socialmente. Nesse sentido, como bem pontua Haraway (2023) não é uma questão identitária, mas de ocupar um espaço político de crítica. O clitóris, aqui, não é uma condição biológica com a qual se nasce, mas uma construção discursiva, como também defende Paul Preciado (2018) em seu transfeminismo.

Nesse sentido, para produzir diferença, especialmente no Campo da Comunicação, é preciso compreender as tecnologias em sua concretude técnica e em sua potência semiótica. Tarefa na qual o Comunicável se mostra especialmente útil. “Entender como esses sistemas visuais funcionam técnica, social e psiquicamente deveria ser uma forma de incorporar a objetividade feminista” (Haraway, 2023, p. 333). Assim, esta pesquisa também se alinha com a visão de que a objetividade científica deve ser, na verdade, parcial – deve ser feminista (e antirracista, anti-especista, decolonial...).

6. Referências Bibliográficas

AHMED, Leila. **Women and gender in Islam – Historical roots of a modern debate.** EDITORIA: CIDADE. 1992.

AH-KING, Malin; BARRON, Andrew B.; HERBERSTEIN, Marie E. **Genital Evolution: Why Are Females Still Understudied?** PLOS Biology, vol.12, Maio, 2014.

ALCALDE, Sergi. **Os dois clítoris das serpentes: ocultos entre escamas e essenciais para a reprodução.** National Geographic. Dez, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/46BP6aB> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

ALFAGEME, Ana. **Não é surpresa que não se conheça a anatomia do clitóris. É nossa herança cultural.** EL PAÍS BRASIL [online] São Paulo, 01 mar. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/02/28/eps/1582912339_151609.html

ANTUNES, Elton; GÓES, José Cristian. **Comunicação e construção de processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades** In: Anais do 37º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014, p. 1-12.

ARAÚJO, André Corrêa da Silva. **Deleuze e o Problema da Comunicação.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLEIKER, Carla. **Snakes have 2 clitorises, but do they have sex for pleasure?** DW. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/en/snakes-have-2-clitorises-but-do-they-have-sex-for-pleasure/a-64126181> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

BRAGA, José Luiz. **Interagindo CROM Foucault - Os arranjos posicionais e a Comunicação.** In: Anais do XXVII Encontro Anual da Compós, Belo Horizonte, 2018, p. 1- 21.

BRAGA, José L. **Dispositivos interacionais.** XX Compós, GT Epistemologias da Comunicação, 2011.

BRENNAN, Patricia L. R. **Evolution and Morphology of Genitalia in Female Amniotes.** Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 521–532, 2022.

BRENNAN, Patricia L. R.; ORBACH, Dara. **Copulatory behavior and its relationship to genital morphology.** In: NAGUIB; BARRETT; HEALY; PODOS; SIMMONS; ZUK (org.). Advances in the Study of Behavior. Academic Press, 2020, p. 65–122.

BUEHLER, Jake. **Scientists thought snakes didn't have clitorises. They were wrong.** Science News. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.sciencenews.org/article/scientists-snakes-clitorises-evolution> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

CASS, Mark Julian. **A teoria da prova em Leibniz.** Scientiæ Zudía, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 267-79, 2013.

CARVALHO, Claudiane. **Comunicação mediada pelos meios e construção da subjetividade: apontamentos teóricos.** 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2022.

COHEN, Li. **After years of neglect, scientists say they've finally found the female snake's sex organ.** CBS News. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/female-snakes-sex-organ-hemiclitores-scientists/> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

CROWE-RIDDELL, Jenna. Snakes have clitorises. The conversation. Dez, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4dzR9y1> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

DALMONTE, Edson Fernando. **Dispositivos midiáticos – modos de mostrar, modos de olhar.** In: Anais do 31º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008, p. 1- 15.

DALMONTE, Edson Fernando. **O jornalismo enquanto formação discursiva: as regularidades enunciativas como estratégia de proposição de verdades.** In: Anais do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011, p. 1-18.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual.** [1871]. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Garnier, 2019.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUARTE, Hamilton Emidio. **Anatomia Humana**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

EBERHARD, WG. **Sexual selection and animal genitalia**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1985

FERRARA, Lucrécia D'aléssio. **A epistemologia de uma comunicação indecisa**. XXII Compós, GT Epistemologias da Comunicação, 2012.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A epistemologia da diferença**. In: XXX Encontro Anual da Compós, São Paulo, 27 a 30 de julho de 2021.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Contribuições do pensamento de Michel Foucault para a Comunicação**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, volume 28, junho/dezembro de 2005.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020a.
_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020b.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **História da sexualidade I: Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOLWELL, M.J.; SANDERS, K.L.; BRENNAN, P.L.R.; CROWE-RIDDELL, J.M. **First evidence of hemiclitores in snakes**. The Royal Society, v.289, n.1989, dez, 2022.

FOLWELL, Megan J.; SANDERS, Kate L.; CROWE-RIDDELL, Jenna M. **The Squamate Clitoris: A Review and Directions for Future Research.** Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 559–568, 2022.

FOX, Alex. **Scientists Overlooked the Snake Clitoris, Until Now.** New York Times. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/12/13/science/snakes-clitoris-hemiclitores.html> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

GENEROSO, Isaura Mourão. **Comunicação organizacional, teoria e práxis: um estudo sobre o discurso da comunicação no contexto das organizações.** 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social - PUCMG, Belo Horizonte, 2014.

GIRARDI JR, Liráudio. **Algumas Considerações sobre o Enunciado em Foucault e Bakhtin.** In: Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016, p. 1-15.

GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida.** Rio de Janeiro: José Olympo, 1995.

GOODYEAR, Sheena. **Snakes have clitorises, and scientists finally found them.** CBC. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.cbc.ca/radio/asithappens/snake-clitoris-study-1.6687490> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

GPESC. **Semiótica Crítica e As Materialidades da Comunicação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

GROSS, Rachel E. **Vagina Obscura - an anatomical Voyage.** New York: W.W. Norton & Company, 2022.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza - Símios, ciborgues e mulheres.** São Paulo: Martins Fontes, 2023.

HUNT, Katie; HOLCOMBE, Madeline. **Researchers have found that snakes have a clitoris. Here's what it could mean.** CNN. Dez, 2022. Disponível em <https://edition.cnn.com/2022/12/15/world/snake-clitoris-scn/index.html>. Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

JÁCOME, Phellipy; AZEVEDO, Rafael. **Nas bordas do dispositivo**. In: Anais do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011, p. 1-14.

JARA, Iaci da Costa. **Mutilação cognitiva do clitóris: regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana**. São Carlos, 2019. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Humanas.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LOPES, Suelem. Os deslocamentos do conceito de signo na obra de Michel Foucault e sua contribuição para a semiótica da comunicação. In: SILVA, A.R.; PEREIRA, D.J.R.; CUNHA, F. J. F.; MACEDO, L.; ABREU, L. F. **Semiótica da comunicação: estrutura e diferença**. Porto Alegre: UFRGS, 2021. p. 46-57.

LU, Donna. **Snakes have clitorises: scientists overcome ‘a massive taboo around female genitalia’**. The Guardian. Dez, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3YuDnZl> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MALABOU, Catherine. **El Placer Borrado: Clítoris y pensamiento**. Santiago de Chile: Editorial Palinodia, 2021.

MAO, Frances. **Australia: Scientists find clitorises on female snakes**. BBC. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-australia-63967778> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

MESA, Natalia. **Snakes Have Clitorises After All, Study Finds**. The scientist. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.the-scientist.com/snakes-have-clitorises-after-all-study-finds-70837> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 11-25

MARTINO, Luis Mauro Sá. **TRILHAS DA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós** In: Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, Belém do Pará, 2014, p. 1-16.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **DO DEBATE EPISTEMOLÓGICO À SALA DE AULA: a disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação** In: Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012, p. 1-17.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Os Usos da Teoria no Passado Recente da Pesquisa em Comunicação: um estudo de três revistas acadêmicas (2003-2007)**. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 4 a 9 de outubro de 2021.

MILLER, J.D.; DINKELACKER, S.A. **Reproductive structures and strategies of turtles**. In: WYNEKEN, J.; GODFREY, M.H.; BELS, V. (org.). *Biology of turtles*. Boca Raton (FL): CRC Press, 2007, p. 239–92.

O'CONNELL, Helen E.; SANJEEVAN, Kalavampara V.; HUTSON, John M. **Anatomy of the Clitoris**. *The Journal of Urology*: Vol. 174, 1189 –1195, Outubro, 2005.

ORBACH, D.N. **Gender Bias in the Study of Genital Evolution: Females Continue to Receive Less Attention than Males**. *Integrative and Comparative Biology*, volume 62, number 3, p. 533–541, 2022.

PAVLICEV, Mihaela; HERDINA, Anna Nele; WAGNER, Günter. **Female Genital Variation Far Exceeds That of Male Genitalia: A Review of Comparative Anatomy of Clitoris and the Female Lower Reproductive Tract in Theria**. *Integrative and Comparative Biology*, volume 62, number 3, p. 581–601, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RASLAN FILHO, Gilson S. **Encruzilhadas do campo científico da Comunicação Ou: em busca de uma epistemologia ontológica.** XXI Compós, GT Epistemologias da Comunicação, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira; MATTOS, Maria Ângela. **CONSTITUIÇÃO DO PENSAMENTO COMUNICACIONAL BRASILEIRO: 20 anos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós.** In: XXX Encontro Anual da Compós, São Paulo, 27 a 30 de julho de 2021.

RYAN, Jackson. **Scientists Have Finally Found the Clitoris in Snakes.** Cnet. Dez, 2022. Disponível em: https://www.cnet.com/science/biology/scientists-have-finally-found-the-clitoris-in-snakes/#google_vignette Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

RORTY, Richard. **A Filosofia e o espelho da natureza.** Lisboa: D. Quixote, 1988.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira; SILVA, Plyana Inácio Rezende; MATTOS, Maria Ângela. **O paradigma indiciário e o método comunicacional: metapesquisa do GP Teorias da Comunicação da Intercom (2011 a 2020).** In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 2021

SANKARAN, Vishwam. **Scientists finally discover ‘overlooked’ clitoris in snakes – not one, but two.** Independent. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/science/snake-clitoris-female-genitalia-reptiles-b2244812.html> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

SANTOS, Pollyana Dourado dos. **A contribuição da perspectiva pós-estruturalista para os estudos do jornalismo.** 2019. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de pós- graduação em jornalismo - UFSC, Florianópolis, 2019.

SIGNATES, Luiz. **Da exogenia aos dispositivos: Roteiro para uma teorização autônoma da comunicação** In: Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012, p. 1-19.

SINNATAMBY, Chummy S. **Last’s Anatomy.** Elsevier, 2011.

THOMPSON, Joanna. **Scientists finally discovered the snake clitoris, and they're 'very excited'**. Live Science. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.livescience.com/snake-clitoris-found> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **A ordem das disciplinas**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 1996.

VELOSO, L. H. N.; MARQUES, A. C. S. **Aproximações e tensões entre Habermas e Foucault: vulnerabilidades, assimetrias e reconhecimento nas interações comunicativas** In: Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2019, p. 1-15.

VEYNE, Paul. **Foucault - his thought, his character**. Polity Press: Cambridge, 2010.

WATSON, Clare. **Now That They've Actually Looked, Scientists Discover Snakes Have Two Clitorises**. Science Alert. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.sciencealert.com/now-that-theyve-actually-looked-scientists-discover-snakes-have-two-clitorises> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

WETZEL, Corryn. **Scientists finally found the clitoris on snakes – and there are two**. New Scientist. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.newscientist.com/article/2350896-scientists-finally-found-the-clitoris-on-snakes-and-there-are-two/> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

WU, Katherine J. **Surprise! Snakes Have Clitorises**. The Atlantic. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/science/archive/2022/12/snake-clitoris-discovery-reptilian-copulation/672450/> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.